



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CURRÍCULO, LINGUAGENS E
INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

JACIARA DA COSTA RODRIGUES FELIX

CROCHÊ NO IFES: POSSIBILIDADES DO SENSÍVEL EM AMBIÊNCIAS
EDUCATIVAS

SALVADOR

2023

JACIARA DA COSTA RODRIGUES FELIX

**CROCHÊ NO IFES: POSSIBILIDADES DO SENSÍVEL EM AMBIÊNCIAS
EDUCATIVAS**

Projeto de Intervenção apresentado ao Programa de Pós-graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas, curso de Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Salete de Fátima Noro Cordeiro.

SALVADOR

2023

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação - Biblioteca Anísio Teixeira

Felix, Jaciara da Costa Rodrigues.

Crochê no IFES [recurso eletrônico] : possibilidades do sensível em ambiências educativas / Jaciara da Costa Rodrigues Felix. - Dados eletrônicos. - 2023.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Salete de Fátima Noro.

Projeto de intervenção (Mestrado Profissional em Educação) -
Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2023.

Disponível em formato digital.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/>

1. Educação - Aspectos sociais. 2. Vivências. 3. Relações interpessoais. 4. Crochê.
I. Cordeiro, Salete de Fátima Noro. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas. III. Título.

306.43 - 23 ed.



Programa de Pós-graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas
Mestrado Profissional em Educação

ATA DA ATIVIDADE DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE **JACIARA DA COSTA RODRIGUES FELIX** DO CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CURRÍCULO, LINGUAGENS E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.

Aos **31** dias do mês de **outubro** do ano de dois mil e **vinte e três** às **09** horas, reuniram-se de modo *on-line*, por meio do link <https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/salete-de-fatima-noro-cordeiro> a banca examinadora composta pelos/as professores/as doutores/as, membro(s) externo(s) **ELENA MARIA MALLMANN** membro(s) interno(s) **LEONARDO RANGEL DOS REIS, VERÔNICA DOMINGUES ALMEIDA** e **SALETE DE FÁTIMA NORO CORDEIRO**, orientador/a, para analisar o percurso do trabalho de conclusão de curso intitulado **CROCHÊ NO CAMPUS: POSSIBILIDADES DO SENSÍVEL NOS COTIDIANOS EDUCATIVOS**

. Após a discussão, a banca analisou o referido trabalho, chegando ao seguinte parecer:

Trabalho relevante, instigante com referencial teórico pertinente. Objeto de pesquisa com discussões e contribuições para o campo da educação. O texto apresenta todos os requisitos necessários para o cumprimento das exigências do programa. A banca considera o trabalho aprovado e indica publicações derivadas.

Prof/a. Dr/a. **SALETE DE FÁTIMA NORO CORDEIRO**

Orientador/a

Documento assinado eletronicamente

gov.br
Documento assinado digitalmente
ELENA MARIA MALLMANN
Data: 13/11/2023 17:14:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

gov.br
Documento assinado digitalmente
SALETE DE FATIMA NORO CORDEIRO
Data: 31/10/2023 12:57:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

gov.br
Documento assinado digitalmente
VERONICA DOMINGUES ALMEIDA
Data: 07/11/2023 10:03:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

gov.br
Documento assinado digitalmente
LEONARDO RANGEL DOS REIS
Data: 10/11/2023 12:56:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

RESUMO

A presente investigação surge da implicação da pesquisadora frente aos problemas que atravessam e desafiam o campo da educação de maneira ampla, mas também em seu local de trabalho, o Instituto Federal de Educação do Espírito Santo (Ifes), com um olhar especialmente voltado ao campo das subjetividades humanas, que, dada a sua complexidade, exigem formação de outras estruturas de pensamento e cuidado. Assim, a ideia central deste trabalho foi desenvolver uma proposta interventiva que contemplasse pensar a educação numa perspectiva multirreferenciada, compreendendo o ser humano em sua totalidade. Dessa maneira, foi realizada uma investigação sobre a prática manual do crochê como propósito interventivo educacional, buscando, dessa maneira, possíveis entrelaçamentos dialógicos e tessituras do conhecimento em rede no/do/com o cotidiano da educação. O objetivo geral desta pesquisa pretende compreender de que maneiras a prática do *saberfazersentir* crochê, como dispositivo de escuta sensível no Ifes Campus São Mateus, pode potencializar a formação humana. Para isso, fez-se uma pesquisa qualitativa que contou com a participação de 29 praticantes envolvendo servidores docentes, técnicos administrativos, estudantes, estagiários, bolsistas e funcionários terceirizados. Através dos *espaçostempos* do cotidiano escolar vivenciados coletivamente, foram pensadas possibilidades de indicar caminhos para processos formativos favoráveis ao desenvolvimento e práticas de relacionamentos mais éticos, justos e saudáveis entre as pessoas implicadas com as redes de sociabilidade que ali se formam. Sendo assim, foi proposta a construção da “Ambiência Formativa Balaio do Crochê”, ambiência que se propõe à acolhida e à escuta sensível, onde foi inserido o *saberfazersentir* crochê como um dispositivo aberto e potente na construção da educação humana que se tece junto, no coletivo, pois a educação que traz mudanças na sociedade não é individualista, ela é produzida com e para as pessoas.

Palavras-chave: Ambiências Educativas; Educação Sensível; Crochê; Instituto Federal de Educação.

ABSTRACT

The present investigation arises from the researcher's involvement in the problems that cross and challenge the field of education in a broad way, but also in her workplace, the Federal Institute of Education of Espírito Santo (Ifes). With a focus especially on the field of human subjectivities, which, given their complexity, require the formation of other structures of thought and care. Thus, the central idea of this work was to develop an intervention proposal that included thinking about education from a multi-referenced perspective, understanding the human being in its entirety. In this way, we focused on investigating the manual practice of crochet as an educational intervention purpose, seeking in this way, possible dialogical interweavings and networks of knowledge in/from/with everyday education. The general objective of this research aimed to understand how the practice of crochet know-how, as a sensitive listening device at the Ifes Campus São Mateus, can enhance human formation. To this end, we carried out qualitative research with the participation of 29 practitioners involving teaching staff, administrative technicians, students, interns, scholarship holders and outsourced employees. Through the spaces and times of everyday school life experienced collectively, we glimpse possibilities of indicating paths for formative processes favorable to the development and practices of more ethical, fair and healthy relationships among the people involved in the sociability networks that form them. Therefore, we propose the construction of the “Balaio do Crochê Formative Environment”, an environment that aims to welcome and sensitive listening, where we insert the know-how and feel of crochet as an open and powerful device in the construction of human education that is woven together, in the collective, because the education that brings changes in society is not individualistic, it is produced with and for people.

Keywords: Educational Environments; Sensitive Education; Crochet; Federal Institute of Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Memórias de afeto, o paninho da titia	
Figura 2: Minhas artes em crochê	
Figura 3: Quadrinhos de crochê.....	36
Figura 4: Localização geográfica dos campi do Ifes	56
Figura 5: Vista aérea do Ifes campus São Mateus	59
Figura 6: Cantinhos do crochê	73
Figura 7: Tecendo saberes no Cantinhos do crochê	74
Figura 8: Questões do primeiro bloco de perguntas do Roteiro (APENDICE A)	82
Figura 9: Questões do segundo bloco de perguntas do Roteiro (APENDICE A).....	97
Figura 10: Questões do terceiro o bloco de perguntas do Roteiro (APENDICE A)	103

SUMÁRIO

A PESQUISADORA E SEU BALAIO DE MEMÓRIAS	
1 INTRODUÇÃO	14
2 PENSANDO A ARTESANIA DO CROCHÊ: ALGUNS APONTAMENTOS	27
2.1 AS TRAMAS QUE SE FORMAM	30
3 CADA PONTO CONTA: A EXPRESSÃO DOS CORPOS ATRAVÉS DO CROCHÊ	37
4 A EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS	44
5 NO BALAIO DE CROCHÊ TEMOS MUITOS MATERIAIS: CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA DE PESQUISA	51
5.1 CONHECENDO O LOCUS DA PESQUISA	56
5.2 CONHECENDO O CAMPUS SÃO MATEUS	59
5.3 PRÁTICAS EDUCATIVAS NO CAMPUS SÃO MATEUS	62
5.4 QUADRADINHOS DO AMOR FORMAM UMA BELA COLCHA: A CONSTRUÇÃO DE DADOS	65
5.5 ELEGENDO OS PRATICANTES DA PESQUISA	69
5.6 PROCESSO DE CONQUISTA DOS PARTICIPANTES: A CONSTRUÇÃO DO NOSSO “CANTINHOS DO CROCHÊ” E SEUS PRATICANTES	73
5.7 ESCOLHA DE FIOS, AGULHAS E GRÁFICOS: DISPOSITIVOS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS	76
5.8 A ANÁLISE DOS DADOS	80
6 OS DADOS CONSTRUÍDOS	82
6.1 CROCHÊ NAS HISTÓRIAS DE VIDA	82
6.2 TECENDO LAÇOS DE PERTENCIMENTO: O ESPÍRITO IFES	98
6.3 PONTOS DE AMOR E CUIDADO: O CROCHÊ COMO SÍMBOLO DE UNIÃO E SOLIDARIEDADE	102
7 AMBIÊNCIA FORMATIVA: ESPAÇOS TEMPOS DE ACOLHIDA PELO SENSÍVE	105
8 A PROPOSTA INTERVENTIVA	111
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICE A - ROTEIRO DA DINÂMICA DA PESQUISA DE CAMPO	127

A PESQUISADORA E SEU BALAIO DE MEMÓRIAS

Sou mãe, avó, esposa, filha, mestranda, pesquisadora, servidora pública, crocheteira, catequista de igreja, e tantas outras, não nessa ordem de acontecimentos, mas numa ordem que vai se alterando com acontecimentos cotidianos. Ora uma aparece mais, ora outra, ora concomitam, como num figurado tear, onde fios de diversas cores e texturas se entrelaçam e desenharam meus percursos nos afazeres artesanais e acadêmicos, laborais e familiares, afetivos e reflexivos, individuais e coletivos. Formando uma tessitura de aprender e ensinar, formar e ser formada, educar e ser educada que me constituem em diversas dimensões. Saberes e conhecimentos que me atravessam e que disparam a necessidade do corpo e do movimento, da mente e da reflexão, que acionam minha rede neural, meus fazeres, desejos e imaginações.

Nasci em terras capixabas, na pequena cidade litorânea de Conceição da Barra¹, “Amor de Verão”, minha amada “Conça”, a “Princesinha do Norte” como é carinhosamente chamada. Berço do turismo que, um dia, arrastou multidões no tradicional carnaval de trios-elétricos. Fui criada nessa cidade pelos meus avós até meus 15 anos de idade, momento que decidi morar com meus pais na cidade vizinha de São Mateus, onde resido até hoje. Ainda em Conceição da Barra, tive o privilégio de ter convivido com meus tios e primos, em especial com minha tia Beatriz, a tia Beia (*in memoriam*), a costureira da família e, mais do que isso, minha segunda mãe. Foi uma infância muito feliz e uma criação familiar pautada em valores humanos como honestidade, ética, respeito e trabalho.

Casei-me e assumi responsabilidades familiares entre os 16, 17 anos. Tive minha primeira filha aos 17 anos, ao mesmo tempo que concluía o antigo 2º Grau em Técnico em Contabilidade, atualmente o Ensino Médio. Naquela época e até recentemente, a cidade oferecia raras oportunidades de continuação dos estudos, tanto público quanto particular, daí um longo tempo até chegar a cursar a Faculdade de Administração de Empresas com Habilitação em Análises de Sistemas. Assim,

¹ Conceição da Barra é uma pequena cidade litorânea do interior do estado do Espírito Santo que ainda mantém aspecto de vilarejo. Cidade aconchegante, charmosa e receptiva que atrai turistas do Brasil inteiro. Conheça a Princesinha do Norte: <https://www.viajali.com.br/conceicao-da-barra/>.

minha formação acadêmica e profissional foi se estruturando nesse campo da gestão, até que, em 2018, veio a especialização em Gestão Pública. Em 2014, ingressei no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes) como servidora do corpo administrativo da instituição, atualmente, atuante no campus São Mateus.

A maior parte da minha vida profissional se desenvolveu na área administrativa da esfera privada, à exceção de duas, anteriores ao Ifes: a primeira, de 2003 a 2005, como professora não habilitada (ainda em formação acadêmica), e a segunda, nos anos de 2006 a 2010, como tutora presencial do curso de Educação a Distância em Administração, realizado pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Concomitante a isso me arriscava pelo empreendedorismo.

Já servidora pública, em 2021, fui agraciada com duas oportunidades de formação no campo da educação: primeiro veio a Especialização em Práticas Pedagógicas, pelo Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância (Cefor) do Ifes, concluída no ano de 2022 e, seguidamente, o Mestrado Profissional em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Esses dois últimos eventos marcam a construção da minha história na área da educação e também como pesquisadora iniciante nesse campo.

Esses dois cursos são, de fato, um marco na minha construção enquanto profissional da educação implicada com outro campo, porque, através dessas afetações, amplio minha consciência para “fora da caixinha administrativa”, me provocando em pensar que, embora o cargo que ocupo e minhas atividades laborais no Ifes sejam desenvolvidas no âmbito administrativo, eu me constituo uma profissional da educação. Portanto, também responsável em pensar os desafios e a fazer educação, me territorializando em outro lugar de escuta e de fala no campo da educação, me constituindo como educadora, assim como sabiamente as palavras de Paulo Freire (1991, p. 58) afirmam que “[...] ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”. E é desse lugar que proponho esse estudo, tão fora da curva da minha formação acadêmica inicial e experiência de trabalho, mas tão cheio de amor, esperança e consciência.

Figura 1: Memórias de afeto, o paninho da titia.



Fonte: Arquivo pessoal.

O crochê faz parte da minha vida há muitos anos, e me cativou pela beleza rústica e original, as cores, as tramas, a utilidade, a simplicidade do fazer: apenas fio, agulha e criatividade.

Aprendi, sem muitas dificuldades, a tecer com minha mãe e com minha saudosa tia Beia, quando tinha uns 12 anos de idade.

Minha tia Beia tinha pouca leitura, era daquele tipo de mulher dona de si, rigorosa, franca e exigente, mas com um coração que não cabia dentro do peito e que expressava, na sua habilidade artesã (sabia fazer crochê, tricô, renda de bilro, patchwork e era exímia costureira) a sua sensibilidade, muitas vezes, revelada na sua paciência e amorosidade com meu aprender. Há mais de 20 anos, ainda tenho comigo, com muito carinho, uma toalhinha de crochê que me foi dada de presente por minha tia, já surradinha pelo uso. Percebia esse afeto também em minha mãe, que se sentia orgulhosa em me ensinar algo que era dela, do seu saber, como se estivesse passando um bastão de mãe para filha.

Muitas peças de enxoval da minha primeira filha, eu mesma crochetei com receitas passadas por minha tia e por minha mãe, que, aliás, guardavam muitas na memória: sapatinhos, luvinhas, casaquinhos, touquinhas, barradinhos nas fraldas e nas toalhinhas de banho. Fazer essa troca de receitas com minha mãe e minha tia tinha um significado, um valor muito especial. Isso nos tornava mais próximas, como se nos conectássemos, nos entrelaçássemos por meio de um fazer comum que nos agradava: o crochê, com uma vida que eu gerava, minha primogênita. Isso me fazia sentir alguém muito especial.

Durante muito tempo, trocamos receitas e sempre mostrávamos umas às outras nossas produções, novas aprendizagens, novos projetos. Até que a vida vai tomando outros rumos, filhos, trabalho e a prática do crochê vai, aos poucos, se distanciando. Ficaram os sentidos, os significados, a memória. O crochê, para mim, é esse misto de sentimentos que trago de momentos agradáveis que vivi e que estão guardados na memória.

Enredar o crochê, nesta pesquisa, reflete muito os papéis sociais que exerço, nas minhas costuras na vida, eu comigo mesma e com os outros. Indissociavelmente, eu sou tudo aquilo, eu sou emocional, eu sou racional, eu sou espiritual. Também desvela o quanto esses entrelaçamentos vividos com o crochê contribuíram e contribuem na minha construção humana, na minha afetividade, no meu modo de ver e encarar a vida.

Em 2020, surgiu, no país, a pandemia do novo Coronavírus que trouxe percalços, como as restrições sociais, o sentimento de medo e incertezas, as perdas econômicas e, irreparavelmente, as vidas que se foram. Um contexto que afetou, sobremaneira, a vida e a saúde física e emocional da população. E foi, nesse contexto, que senti a necessidade de resgatar a artesanaria do crochê, porque eu já percebia, desde aquela época que tecia, que a prática me fazia bem emocionalmente, me ajudava na concentração, na organização do pensamento e me trazia retornos positivos, acalento, calma, afeto.

Então, entendendo que o sentimento é vivo nas construções humanas, não me permito sufocá-lo, pois ele me toma por completo ao realizar este estudo que vem de muitos motivos: pela realização de um sonho de formação acadêmica, pela significação das aprendizagens que se aproximam do meu modo de ver o mundo, pelos belos encontros e reencontros com pessoas que tornam essa experiência formativa ainda mais valiosa, além de ter o privilégio e oportunidade de pesquisar sobre um tema tão especial para mim, e que espero possa trazer algumas contribuições para as pessoas e para a instituição em que trabalho.

Figura 2: Minhas artes em crochê.



Fonte: Arquivo pessoal.

Assim, nasceu esta intenção, nesta pesquisa, nas afetações dos “bons encontros”, frequentes na filosofia de Gilles Deleuze (2002), (re)vividos/(re)memorados no âmbito da recente especialização que me rendeu a produção do trabalho intitulado “Crochê e Educação: uma proposta pedagógica prática para transdisciplinaridade no Ifes campus São Mateus” e também nas vivências deste mestrado, que tanto me provocaram pensar os desafios impostos à educação, e que me instigou nesta atual produção.

1 INTRODUÇÃO

A presente investigação intitulada "Crochê no Ifes: possibilidades do sensível em ambiências educativas", surge do olhar implicado da pesquisadora, servidora efetiva do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). Um tema sensível, pois diante dos variados problemas que atravessam o campo da educação, que são de longa data, surgem problemas, que se tornaram ainda mais evidentes no contexto da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 ou Novo Coronavírus. A inesperada pandemia da Covid-19 causou instabilidade não só na saúde pública, mas em diversos segmentos sociais no mundo inteiro. Setores como a economia, a política, a cultura, o entretenimento e a educação foram fortemente impactados e sentidos pela população mundial.

No Brasil, a contaminação da Covid-19 começou a se alastrar rapidamente na última quinzena de fevereiro de 2020, provocando gargalos nos sistemas de saúde com o aumento do número de internações e tratamentos hospitalares, deixando sequelas na saúde das pessoas que variaram de leves a graves. E, talvez, a consequência mais devastadora tenha sido o irreparável número de vidas perdidas, totalizados em 693.853 óbitos até 31/12/2022, conforme registrado e divulgado pelo Boletim Epidemiológico de nº 146, do Ministério da Saúde.

Embora a pandemia tenha atingido o auge mais grave em 2020 e 2021, o mundo ainda vive em estado de alerta, contabilizando os danos e tentando se recuperar dessa avassaladora catástrofe, que parece ter vindo para ficar. No campo da educação, foco deste estudo, a pandemia deixou ou realçou marcas que precisam ser amplamente debatidas tanto no campo educacional como em diversas outras áreas sociais.

Nesse contexto, o Brasil foi um dos países que, durante mais tempo, permaneceu com as escolas fechadas durante o período pandêmico. As aulas presenciais foram suspensas e, posteriormente, alteradas para o modelo remoto, durando, em média, 78 semanas, aproximadamente 1 ano e meio, conforme apontam dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco (2022). A Unesco (2022) aponta, ainda, que o fechamento das escolas afetou

mais de 43 milhões de estudantes em processo de escolarização, nas etapas do ensino fundamental ao ensino médio.

Durante esse contexto do fechamento das escolas, muitas discussões foram acesas, especialmente relativas às complexas questões de desigualdades sociais existentes e persistentes no Brasil, que foram fortemente sentidas e/ou realçadas durante a pandemia. Desigualdades que eclodiram e ainda ressoam, de modo diferente, na realidade escolar de cada estudante, professor ou pessoa que faz parte desse contexto educativo.

Dentre as muitas discussões afloradas, no Grupo de Pesquisa, Educação, Comunicação e Tecnologia (GEC) da UFBA, do qual sou participante, foram dialogadas, dentre outras questões, as situações de instabilidade de emprego e renda das famílias mais vulneráveis economicamente, trazendo também reflexões relevantes sobre o enfrentamento das grandes disparidades sociais. Essas discussões culminaram no trabalho intitulado "Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19", organizado por Nelson De Luca Pretto, Maria Helena Silveira Bonilla e Ivânia Paula Freitas de Souza Sena, trazendo também questões como o risco da segurança alimentar para as crianças e jovens, a função e a importância da manutenção da merenda escolar, e a falta de estrutura física, seja ela tecnológica, didática ou, até mesmo, em relação à falta de espaço disponível em casa para compartilhamento, que tornaram-se evidentes (PRETTO; BONILLA; SENA, 2020).

O GEC alerta também que,

[...] com esse enorme contingente juvenil sem aula nas escolas, começam a surgir, aqui e em diversos países, soluções para que a educação continue, em casa, sob a responsabilidade dos grupos familiares. Portanto, as hashtags #fiqueemcasa e #aescolacontinua têm significados absolutamente diferentes para uma ou outra realidade, uma ou outra classe social. (PRETTO, BONILLA, SENA, 2020, p. 03).

Isso significa que, enquanto alguns estudantes dispunham de condições favoráveis à continuidade dos estudos escolares fora da escola, muitos outros ficaram à margem de seus direitos.

Outro ponto que se ascendeu, ainda sob o guarda-chuva da pandemia, foi a preocupação e a atenção com as afetações mentais e psicológicas que acometeram as pessoas, principalmente as mais suscetíveis, incluindo o público mais jovem e socialmente vulnerável. Situação que também vem se refletindo nos cotidianos educativos, visto que a saúde mental tanto dos estudantes quanto dos profissionais da educação se tornou pauta frequente de discussões e de ações de enfrentamento, e a importância que deve ser empregada no tratamento dessas questões. De acordo com o GEC, “Para além da dificuldade de um atendimento universal de todos os alunos, temos que considerar também as condições concretas dos professores, seja do ponto de vista material seja do emocional” (PRETTO, BONILLA, SENA, 2020, p. 120).

Alguns outros estudos, levantados junto ao público escolar ativo, revelam um preocupante cenário, a exemplo do que foi retratado na pesquisa intitulada “Educação não presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias”, realizada pelo Instituto Datafolha, em parceria com a Fundação Lemann, Itaú Social e a Imaginable Futures, e divulgada pelo jornal digital Folha de São Paulo, em 20 de agosto de 2020. A pesquisa foi feita via telefone, nos dias 7 a 15 de julho de 2020, com um público de 1.566 estudantes, de escolas públicas de todo país, cujas idades variavam entre 6 e 18 anos.

A citada pesquisa traz um recorte quantitativo preocupante do cenário dos impactos socioeducativos sentidos pelos jovens estudantes no Brasil. Segundo os números trazidos pela reportagem da jornalista Laura Mattos (2020), o estudo revelou que 77% desses jovens sinalizaram afetação psicológica, gerando tristeza, irritação ou sobrecarga. A pesquisa demonstrou também expressivos números em desfavor da educação em relação a fatores ligados ao desempenho escolar, como por exemplo, desmotivação (51%), baixo envolvimento nas atividades escolares (48%), dificuldades com a rotina escolar em casa (67%), falta de evolução na aprendizagem (50%) e risco de evasão escolar (40%).

Outro registro importante se deu no início do retorno das aulas, posterior ao período mais crítico da pandemia, quando 26 estudantes de uma mesma escola manifestaram sinais de ansiedade coletiva. O caso ocorreu em uma escola da rede

estadual de Pernambuco, localizada na Zona Norte do Recife, em abril de 2022. Esse acontecimento foi divulgado por vários canais de imprensa em todo país, e não aconteceu de modo isolado. Embora ainda não conhecida, a causa desse fenômeno, e se existe ou não relação com os impactos da pandemia, minimamente, acende um alerta para atenção às questões emocionais e psicológicas dos jovens e que estão aflorando-se com força e presença no meio escolar.

Diante dessa complexidade, ficam as dúvidas e, ainda mais, as dificuldades sentidas pelas escolas para o enfrentamento dessas questões. Isso ficou mais evidenciado durante o período crítico da pandemia em que as escolas trabalhavam de forma remota. Pôde-se observar, nesse período, numa análise em nível nacional, que as políticas públicas educacionais foram adotadas em específico para o tratamento das questões operacionais que buscavam dar continuidade aos processos educacionais mais próximos dos padrões já normatizados, como por exemplo, com cumprimento de dias letivos, carga horária e conteúdos, conforme aborda a autora Jane Alves Cardoso (2020):

O Ministério da Educação (MEC) foi responsável por homologar uma série de diretrizes sobre o ensino durante a pandemia, aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). Um despacho de 29 de maio de 2020 autoriza a reorganização do calendário escolar e a possibilidade de cômputo de atividades não presenciais, para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia do novo coronavírus. O MEC flexibilizou os 200 dias letivos que compõem a obrigatoriedade do ensino básico, mas não flexibilizaram às 800 horas de atividades, o que exige uma readequação de todos os envolvidos para o cumprimento das metas. (CARDOSO, 2020, p. 35).

Essa atuação imediata e simplista, por parte das autoridades governamentais responsáveis pelas ações educativas na pandemia, agravou vários problemas para gestores, professores, estudantes e para as suas famílias, que pela falta ou escassez de infraestrutura tecnológica necessária (suporte físico, material, conectividade), tiveram dificuldades ou impedimentos para acompanhamento das aulas no modo remoto. Por outro lado, o momento pandêmico traz para as discussões a vulnerabilidade psicológica enfrentada por professores e alunos.

O contexto de pandemia não pode ser argumento, nem tampouco um motivador para que façamos agora, de forma desorganizada e imediatista, como se tem feito até aqui, [...], arranjos para que gestores, professores e alunos possam, neste momento, atuar com as tecnologias digitais, como se

fossem ações absolutamente normais no cotidiano de todos. Não podemos compactuar com a ideia de usar esses recursos para simplesmente seguir os conteúdos que estavam sendo ofertados em sala de aula presencial de maneira remota. Para além da dificuldade de um atendimento universal de todos os alunos, temos que considerar também as condições concretas dos professores, seja do ponto de vista material seja do emocional. (PRETTO; BONILLA; SENA, 2020, p. 120).

Juhani Pallasmaa (2011), antes mesmo desse período pandêmico, que submeteu o mundo à realidade do isolamento social e ao uso intenso das tecnologias para mediação das relações, sejam por necessidades de trabalho, estudo ou socialização, já sinalizava a preocupação que “o aumento da alienação, do isolamento e da solidão do mundo” (PALLASMAA, 2011, P. 17) podem ser responsáveis pelo aparecimento de patologias que afetam o equilíbrio sobre a capacidade dos sentidos humanos. Afirmativa que, certa ou não, minimamente pode alertar e gerar reflexões que insiram sentidos outros de pensar e fazer educação, sentidos plurais mais amplos e conectados com a *vida vivente*.

Dessa maneira, ficam incertezas: Como agir diante de tantas adversidades e tantas variáveis a considerar? Essas são problemáticas já conhecidas, desde o passado, somadas àquelas acendidas pelo contexto da pandemia; são situações que não mais sustentam sua invisibilidade nas escolas, pois, inevitavelmente, reverberam e implicam no seu pensar e fazer educação, tornando-os cada vez mais complexos, desafiadores e exigentes no emprego de mais esforços e empenho dos sujeitos da educação para mitigação dessas lacunas.

É nesse lugar de desafios e complexidades que se cruzam, se fazem e se vivem vidas. Talvez o lugar coletivo mais adverso em que o jovem se insere na sociedade e deposita confiança e esperança de um futuro próspero.

Mas o que a escola tem a ver com isso? Na reconfiguração social contemporânea, muito em função do modelo de mercado, onde pais e mães precisam se dedicar ao trabalho por mais tempo do dia; alguns residindo em cidades diferentes ou fazendo muitas viagens durante as semanas, acarretam a redução do tempo de convívio familiar e, dessa maneira, são atribuídas à escola responsabilidades sociais que antes não lhe pertenciam, principalmente no que tange à formação das

juventudes. Esse papel era atribuído às instituições familiares, como bem lembra Cláudio Pires Viana (2008).

Essas mudanças influenciam decisivamente o modo como os sujeitos se relacionam entre si e com o mundo. E sendo a educação um fenômeno essencialmente relacionado ao modo de ser e de existir dos sujeitos, também está envolta a esse processo de transformação. (VIANA, 2008, p. 8).

Conseqüentemente, esse novo modo de ser reverbera e traz implicações para o campo da educação. Uma vez que demandas novas vão surgindo na sociedade e, conseqüentemente, para a educação, sua concepção e processos precisam ser alterados. Se os estudantes e as famílias, que chegam à escola, possuem outras necessidades, é imprescindível que a escola olhe cuidadosamente para essa realidade e construa coletivamente currículos que sejam responsivos ao que lhe é atribuído.

Dentro desse contexto social multifacetado, a escola precisa se fazer presente de maneira que sua atuação assegure, além da formação intelectual, a preocupação com o desenvolvimento mais ampliado dos sujeitos, pluralizando, assim, os sentidos da educação. No intuito de tornar a escola para além de um espaço onde se ensina e se aprende, mas, sobretudo, onde se valoriza a formação do ser humano pleno e, assim, considerando possibilidades outras de práticas educativas.

Sendo assim, o ponto de partida deste estudo compreendeu o seguinte problema de pesquisa: de que maneiras o *saberfazersentir*² crochê pode contribuir para a construção de ambiências educativas dialógicas e acolhedoras e, conseqüentemente, inovadoras, dentro do campus São Mateus do Ifes, de modo a ampliar as possibilidades de formação humana?

Esta indagação não apenas nos conduz a explorar para além de uma aparente superficialidade, que a artesanaria relacionada ao crochê pode causar aos desavisados, mas nos instiga a considerar essa prática como valiosa na promoção da comunicação,

² Em alguns momentos do texto usamos a grafia de duas ou três palavras juntas, cujo modo de escrever espelha-se na educadora Nilda Alves (2003) que, assim como ela, pretende a superação da visão de mundo fragmentada e reduzida, sustentada pela razão imperial e dual das Ciências Modernas e assim, atribuir maior potência ao seu significado.

do diálogo e da criação de um ambiente educativo colaborativo e inclusivo. Neste contexto, buscamos não apenas entender o crochê como uma habilidade técnica, mas sobretudo como uma forma de expressão cultural que pode enriquecer as interações dentro da comunidade educativa do Ifes campus São Mateus, promovendo uma atmosfera acolhedora, dialógica e inovadora que estimule o pensamento crítico e a criatividade.

A intenção aqui foi investigar o fenômeno a partir da prática manual do crochê e seus possíveis entrelaçamentos e tessituras entre saberes, experiências, sentidos dos praticantes; a artesanaria do crochê e as vivências educativas. Nesse processo, buscamos desvendar as conexões intrínsecas entre a habilidade artesanal do crochê e o enriquecimento do ambiente educativo, tendo como horizonte a promoção de uma aprendizagem mais participativa e significativa. À medida que nossos achados se desdobravam, tornou-se evidente a necessidade de validar uma proposta de ação interventiva educacional que, uma vez implantada, pudesse florescer e prosperar no Ifes campus São Mateus. Essa proposta, fecundada a partir das descobertas desta pesquisa, busca transformar o crochê não apenas em uma atividade manual, mas em um dispositivo de construção de conhecimento, diálogo e inovação no contexto educacional, promovendo um ambiente mais enriquecedor e colaborativo para todos os envolvidos.

A proposta de intervenção visa à criação de *espaçotempos* singulares destinados à exploração e prática do *saberfazercrochê* no campus São Mateus do Ifes. Estes espaços foram concebidos com a missão de se tornar uma ambiência polissêmica, onde múltiplas perspectivas convergem e se entrelaçam. A proposta é disponibilizar ambiência interativa, proporcionando oportunidades para a comunidade acadêmica se envolver ativamente na arte do crochê, também almejamos uma versão itinerante, permitindo que sua presença se faça sentir em diversos locais do campus e fora dele. Além disso, será rizomático, ou seja, estruturado de forma a favorecer a disseminação e a conexão de ideias, não se limitando a uma hierarquia tradicional, mas promovendo a livre circulação de conhecimento e criatividade. No cerne desse espaço, além do fazer manual, a escuta sensível, o diálogo e a reflexão serão incentivados, estimulando uma atmosfera propícia para o desenvolvimento pessoal e coletivo.

Esses *espaçostempos* serão, ao mesmo tempo, um ponto de chegada e de partida, um local onde as sementes das ideias, desejos e sonhos poderão germinar e florescer. Ele se transformará em um berço para futuras pesquisas, incentivando a inovação e a produção de conhecimento. Contudo, também será um refúgio, um espaço de contemplação e deleite, onde o ato poético de entrelaçar fios e tecer narrativas se converterá em uma experiência enriquecedora. Toda pessoa, que cruzar a fronteira desse território, será acolhida e convidada a participar do rico universo do crochê, independentemente de sua origem, conhecimento prévio ou experiência, pois a verdadeira riqueza reside na diversidade e na colaboração que esse ambiente possa inspirar e favorecer.

A questão central que orientou este estudo foi se essas vivências podem reverberar de maneira significativa no desenvolvimento da formação humana integral. Essa formação não se limita apenas aos jovens estudantes do Ifes campus São Mateus, mas se estenderá a abraçar toda sua comunidade, enxergando a educação como um pilar fundamental na construção de uma sociedade mais integrada, inclusiva e enriquecedora. Dessa forma, a pesquisa busca explorar o potencial autopoético do crochê como um dispositivo para promover não apenas o aprendizado de si, mas também o crescimento pessoal e coletivo, transcendendo o conceito estrito de ensino praticado na escola e ampliando as dimensões da concepção de educação.

Na experimentação dessa vivência, empreendemos uma jornada para explorar o fazer, o saber e o sentir humanos, reconhecendo que estão intrinsecamente entrelaçados com a artesanaria do crochê, tanto de forma metafórica quanto historicamente. Neste trabalho, a trilogia do "*saberfazersentir*" cuja expressão é composta por três palavras escritas juntas, representa, de maneira subjetiva, o processo interdependente na construção do conhecimento: o fazer, que envolve a técnica e a própria prática manual do crochê; o saber, que se manifesta nas memórias, culturas e lembranças que permeiam essa habilidade artesanal; e o sentir, que se expressa através das sensações, das emoções e das percepções que emergem ao se envolver com o crochê. Esses três elementos formam uma teia complexa e harmoniosa, onde o ato de criar, o acúmulo de sabedoria cultural e as profundas

experiências emocionais se entrelaçam, contribuindo para uma compreensão mais rica e profunda do crochê como uma forma de expressão humana multifacetada.

E para dar validade a esta proposta e levar a termo o projeto de intervenção, foi necessário conhecer mais profundamente o campo investigativo da pesquisa, que teve como lócus o Ifes campus São Mateus e a experimentação do *saberfazersentir* crochê próprio dessa comunidade.

Como objetivo geral propomos: compreender de que maneiras a prática do *saberfazersentir* crochê como possibilidade de escuta sensível no Ifes campus São Mateus pode potencializar a formação humana nessa instituição formativa e seu entorno.

Como objetivos específicos, elencamos:

- Construir espaços de acolhimento e escuta do Ifes campus São Mateus dentro de uma perspectiva aberta, criativa e estética pela via da artesanaria do crochê;
- Identificar o que pensa a comunidade (estudantes, professores, gestores, funcionários terceirizados, pais, o entorno) do Ifes campus São Mateus sobre a prática do fazer crochê.
- Identificar as potencialidades da prática coletiva do fazer crochê, dentro do ambiente educacional do Ifes, como ponto de partida para repensar os processos de formação humana.
- Verificar indícios que possam colaborar para pensar propostas interventivas para a comunidade Ifes, e que colabore com o desempenho acadêmico, pessoal e interpessoal.

Nesse contexto, os objetivos desta investigação estão centrados em uma abordagem participativa, na qual buscamos captar diretamente, na própria comunidade, as pistas e *insights* que podem lançar luz sobre o *saberfazersentir* crochê sob a perspectiva da escuta sensível. Além disso, desejamos explorar como essa prática pode ser um potencial catalisador para a formação humana integral. Acreditamos que, ao envolver ativamente a comunidade, podemos desvendar as nuances e significados profundos que o crochê possui em sua dinâmica cultural e

educacional. Esta abordagem colaborativa visa não apenas enriquecer nossa compreensão sobre a importância do crochê, mas também empoderar os membros da comunidade, dando-lhes voz e participação ativa na construção de um ambiente educacional mais inclusivo e significativo.

Desse modo, construímos o trabalho distribuindo-o em alguns capítulos, que são descritos a seguir.

O primeiro capítulo, destinado à introdução, contextualiza a presente investigação intitulada "Crochê no Ifes: possibilidades do sensível em ambiências educativas", em meio aos desafios causados pela pandemia de Covid-19, buscando explorar o potencial do crochê como uma prática educativa para promover diálogo, acolhimento e inovação no campus São Mateus do Ifes. Este capítulo visa despertar a reflexão de como a prática do crochê pode contribuir para a formação humana integral dos estudantes e da comunidade acadêmica, além de identificar potencialidades dessa prática como ponto de partida para repensar os processos educacionais.

No segundo capítulo, intitulado "Pensando a artesanaria do crochê: alguns apontamentos", introduzimos o crochê no contexto social, destacando projetos contemporâneos e inspiradoras iniciativas que se entrelaçam com a prática artesanal, abrangendo várias esferas da vida e desdobrando-se em oportunidades ricas para experiências humanas significativas. Além disso, exploramos as pesquisas acadêmicas que têm investigado o crochê, oferecendo uma visão de como essa arte tem sido objeto de estudos. Neste capítulo, a discussão é apoiada em fundamentos teóricos e busca indícios de como a prática coletiva do crochê, com seu *saberfazersentir*, pode proporcionar interconexões e influenciar o contínuo desenvolvimento humano. Nesse contexto, o crochê emerge como um veículo de resgate da memória cultural e afetiva, promovendo os valores que sustentam relações humanas harmoniosas.

No terceiro capítulo, "Cada ponto conta: a expressão dos corpos através do crochê", abordamos a importância de considerar a corporeidade no contexto escolar, destacando que a educação tradicional, muitas vezes, tende a negligenciar essa

dimensão, sufocando possibilidades outras de educar. Neste capítulo, discutimos a complexidade da corporeidade, enfatizando que o corpo não é apenas físico, mas está intrinsecamente ligado às experiências, sensações e emoções das pessoas. Também exploramos as ideias de filósofos como Deleuze (2002) e Espinosa (2009), que discutem a relação entre corpo e mente, bem como a importância de reconhecer a potência do corpo sobre o corpo. Assim, enfatizamos que a corporeidade na escola deve ser vista como uma ferramenta para o desenvolvimento humano e a promoção de uma educação mais holística e inclusiva. Além disso, propomos pensar a introdução do crochê na escola como uma atividade que transcende a mera aquisição de habilidades práticas, promovendo a expressão do corpo e enriquecendo a experiência educacional coletiva.

No quarto capítulo, “A educação que queremos”, propomos a reflexão e a discussão numa abordagem ampla da educação, considerando o ser humano como um ser multifacetado e em constante desenvolvimento. A ideia central deste capítulo é que a educação é plural e deve ser vista como um processo contínuo e abrangente, envolvendo todas as esferas da vida, e não apenas aquelas potencializadas pelo saber formal. Neste capítulo, trazemos a visão de que a educação é um processo que ocorre ao longo de toda a vida e que envolve tanto a mente, como o corpo, a cultura, a arte, a ética, a sensibilidade e outros aspectos como dimensões não apartadas umas das outras, mas conexas no desenvolvimento humano. A busca por uma compreensão mais abrangente e integrada da educação é um dos principais objetivos do capítulo, visando contribuir para o desenvolvimento pleno dos sujeitos como seres múltiplos e complexos.

No quinto capítulo, "No balaio de crochê temos muitos materiais: construção da metodologia de pesquisa", apresentamos os caminhos metodológicos que nortearam o desenvolvimento desta pesquisa qualitativa. Nesse contexto, delineamos as abordagens, procedimentos e técnicas que serviram como guias ao longo de nossa investigação, detalhando as etapas do processo de coleta de dados, minúcias da construção da ambiência para coleta de dados, o “Cantinhos do Crochê”, a seleção dos participantes e as ferramentas adotadas para a obtenção de informações relevantes na compreensão do fenômeno em análise, bem como buscamos apresentar o lócus da pesquisa e o seu entorno com algumas de suas características

sociais, históricas, econômicas e geográficas. Este capítulo oferece um panorama abrangente de como coletamos, analisamos e interpretamos os dados que fundamentaram nossas conclusões. Além disso, traz uma visão geral de como a multirreferencialidade contribuiu para a construção do conhecimento e a realização dos objetivos da pesquisa, fornecendo um alicerce sólido para toda a investigação que se segue.

No sexto capítulo, intitulado "Os dados construídos", analisamos os dados coletados junto aos participantes da pesquisa na ambiência "Cantinhos do Crochê". O capítulo foi dividido em três blocos, nos quais agrupamos os discursos dos participantes com significados semelhantes e relacionados às categorias estabelecidas. No primeiro bloco, exploramos as motivações e o significado do crochê na vida dos praticantes. No segundo bloco, investigamos o forte vínculo dos participantes com o Ifes (Instituto Federal do Espírito Santo) e o significado atribuído a essa instituição. No terceiro bloco, analisamos os significados associados à prática do crochê no contexto do Ifes, em particular no campus de São Mateus, e como essa atividade se integra à vida acadêmica dos participantes. Essa análise forneceu *insights* valiosos que influenciaram a proposta interventiva desta pesquisa.

No sétimo capítulo, "Ambiência formativa: *espaçotempos* de acolhida pelo sensível", discutimos o conceito de ambiência a partir de uma visão ampla e flexível que pode ser aplicada de diversas maneiras para enriquecer as experiências humanas em diversos contextos, incluindo a educação. Neste capítulo, costuramos a ideia de "territórios educativos" proposta por Maria Helena Bonilla (2002) para ampliar o conceito de ambiência, incorporando a ideia de um ambiente acolhedor e poderoso para a formação humana. Defendemos que a abertura de ambientes ou territórios educativos outros, mais acolhedores e significativos, envolvem uma educação que vai além da mera transmissão de informações, valorizando a escuta sensível, a cooperação e a construção conjunta do conhecimento.

No oitavo capítulo, "A proposta interventiva", trazemos a proposta de intervenção, que se consolidou após a construção dos dados captados dos participantes da pesquisa. A proposta segue o formato de um projeto de extensão e foi intitulado "Ambiência formativa balaio do crochê". Neste capítulo, descrevemos os

objetivos, o planejamento detalhado da implementação e execução do projeto, que consiste, resumidamente, em promover uma abordagem inclusiva e participativa na comunidade acadêmica do Ifes campus São Mateus, envolvendo a prática do crochê para promover sensibilidade, solidariedade e colaboração. O projeto prevê a criação de espaços interativos no campus para aprender crochê, compartilhar histórias e fortalecer os laços sociais.

Por fim, no nono capítulo, “Considerações finais”, apresentamos nossas reflexões, conclusões e recomendações com base no trabalho de pesquisa realizado que, de modo relevante, revelou que o crochê vai além de uma atividade manual, carregando significados profundos enraizados na memória afetiva. Neste capítulo, foram resgatados e debatidos temas sobre questões de gênero, etarismo e inclusão na comunidade do Ifes; o crochê atuando como um meio terapêutico para reduzir o estresse, ansiedade e depressão. O capítulo revela, ainda, os resultados que apontam para uma abertura à integração de abordagens educacionais mais holísticas, enfatizando a importância de criar espaços que promovam sociabilidades éticas, estéticas, democráticas e saudáveis no campus, além de almejar inspirar futuros estudos sobre o crochê e sua relevância no contexto educacional e social.

2 PENSANDO A ARTESANIA DO CROCHÊ: ALGUNS APONTAMENTOS

O crochê tem suas origens milenares vindas dos povos da Antiguidade da África, Ásia, Europa e América. O crochê chega aqui nos tempos do Brasil Colônia junto com os colonizadores europeus. Desde então, vem resistindo na transmissão do saber através das gerações, assim como acontece com tantas outras formas de expressão artesanal e cultural, que ainda são tão marginalizadas ou pouco valorizadas pelas culturas ditas eruditas, como bem lembra Helena Escouto de Carvalho (1998), em sua dissertação de mestrado intitulada “Porque os doutores possuem em suas cozinhas panos de prato adornados com pontilhas de crochê [...]”.

Conta a autora e corrobora com ela Bianca Xavier Lemes (2017), que, historicamente, a prática desse tipo de manualidade sempre foi associada ao fazer das mulheres, como um estereótipo que persiste no imaginário social. Um fazer que se instituiu feminino, *coisa de mulher e coisa de vó*, delicado e doméstico, contrapondo o “fazer para homens”, sempre mais valorizado do ponto de vista social, cultural e econômico. Assim, via-se no crochê um saber doméstico, que junto com outras “prendas femininas”, valorizava a mulher para o casamento. (CARVALHO, 1998; LEMES, 2017).

Essa prática ainda é um forte paradigma a ser desconstruído, mas que vem avançando na medida que a tomada de consciência histórica, cultural e social vem se ampliando e engajando lutas em busca de espaços outros, diferentes daqueles tradicionalmente demarcados, sejam eles pela cor, raça ou gênero.

No caminho dessa resistência, o crochê tem enveredado por campos de construção para além daqueles tradicionalmente percorridos. Levantamentos feitos em pesquisas acadêmicas dão conta de que a prática de manualidades com linhas vem sendo explorada sob vários pretextos, tais como: fonte agregadora de renda, propulsora de estímulo à saúde e bem-estar, forma de agrupamento e fortalecimento de identidades e engajamentos sociais, resgate e fomento da memória cultural e afetiva, como elemento de moda e de sustentabilidade. Sobre esses estudos, destacam-se os das autoras Helena Escouto de Carvalho (1998), Bianca Xavier Lemes (2017), Bianca Xavier Lemes e Andréa Franco Pereira (2020), Nadja Maria

Mourão e Ana Célia Carneiro Oliveira (2021), Bruna Vilas Bôas da Silva (2015) e Jaciara da Costa Rodrigues Felix (2022).

Maria Cecília de Souza Minayo (2002, p. 18) aborda que as teorias antecedentes aos nossos estudos iluminam a discussão das nossas pesquisas e são construídas “[...] para explicar ou compreender um fenômeno, um processo ou um conjunto de fenômenos e processos.” E foi através da tessitura dessas pesquisas que fomos tramando os fios da nossa investigação, com matizes próprios para constituir o nosso projeto de intervenção.

Dessa forma, esses estudos compõem uma teia de conhecimentos teóricos que trazem fundamentos às proposições iniciais deste trabalho e que, costurados a outras obras acadêmicas, algumas apresentadas durante o percurso do mestrado profissional, auxiliam na busca da compreensão do fenômeno que se pretende estudar o *saberfazersentir* crochê, sob a perspectiva de dispositivo de escuta sensível aliado ao campo educacional para promoção da formação humana.

Importante evidenciar que, para além dessa teia de conhecimentos teóricos, igualmente, o que inspirou essa investigação foram enredamentos de conhecimentos outros que, de alguma forma, guardam aproximação com este estudo, e tal como o “Projeto Mulheres do Jequitinhonha”, formado por mulheres rurais, artesãs do bordado de curtume e tecelãs de algodão, que vivem no Vale do Jequitinhonha, no estado de Minas Gerais, oriundo da proposta sociocultural para o fortalecimento da cultura e a valorização e resistência dos saberes desse grupo de mulheres, que se estendeu para outros benefícios como de geração de renda para as famílias, rede de apoio afetivo e a melhoria da saúde mental e física, segundo consta em suas redes sociais @mulheresdojequitinhonha.

Também o projeto “Boneca Vida³” que é uma ação totalmente voltada para a solidariedade, união e cuidado como próximo. A iniciativa foi idealizada pela professora Rogéria Alvim, residente no Espírito Santo, e foi inspirada pelo amigurumi, uma técnica japonesa de crochê para criar pequenos bonecos. Rogéria começou a

³ Para saber mais sobre o projeto “Boneca Vida”, você pode visitar sua conta no Instagram, @bonecavida, onde todas as informações sobre o projeto e como apoiar estão disponíveis.

confeccionar bonecas sem cabelo com a missão de doá-las a crianças em tratamento de câncer. Sua jornada começou em 2012, logo após superar sua própria batalha contra a doença. As bonecas "Vida" são um símbolo de apoio e esperança para as crianças que enfrentam o tratamento oncológico. Seu projeto começou com doações para a Associação Capixaba contra o Câncer Infantil (Acacci) e rapidamente ganhou força. Rogéria não parou de criar as bonecas e, hoje em dia, envia suas criações para várias partes do Brasil e até mesmo para o exterior. Ela destaca a alegria das crianças que, durante o árduo processo da quimioterapia, podem brincar com as bonecas "Vida". Além disso, ela ensina a técnica do amigurumi a detentas na Penitenciária de Segurança Média de Viana. Como parte desse processo, as alunas contribuem com a produção das bonecas "Vida". A professora incentiva seus alunos a fazerem cada ponto da construção da boneca com a intenção de que ela leve vida, literalmente, às mãos de cada criança que a receber. É um projeto emocionante e inspirador que demonstra o poder da solidariedade e da empatia.

Igualmente, nos inspira o projeto "Quadrinhos de Amor Campinas"⁴, uma iniciativa que nasceu de uma ideia capaz de aquecer qualquer coração. Inicialmente modesto em suas proporções, ele cresceu e se expandiu para alcançar quase todos os estados do Brasil. O cerne desse projeto é a ação de voluntárias dedicadas que, com habilidades em crochê, produzem pequenos quadrinhos de lã/linha, conhecidos da linguagem dos crocheteiros, como "quadrinhos do amor". Esses quadrinhos são unidos, formando uma manta de lã repleta de afeto e calor humano. O propósito por trás dessa manta de amor é nobre: doá-la para instituições carentes que atuam na região. Assim, não apenas são criadas peças de arte e artesanato com amor e dedicação, mas também a generosidade dessas voluntárias chega a quem mais precisa, proporcionando conforto e carinho às comunidades em situação de vulnerabilidade. O projeto Quadrinhos de Amor é uma linda demonstração de como pequenas ações podem fazer uma grande diferença na vida das pessoas.

O Projeto Crochet Coral Reef, o maior projeto comunitário de crochê do mundo, predominantemente feminino, traz entrelaçamentos da Matemática e a da Biologia Marinha, retratados com a arte da crochê. A proposta desse projeto é voltada

⁴ O projeto Quadrinhos de amor Campinas pode ser visitado na rede social: @quadrinhosdeamorcampinhas.

para consciência das mudanças climáticas e as produções são expostas em galerias de arte mundo afora, conforme informa seu site oficial, @crochetcoralreef.org.

Por fim, a iniciativa da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com o “Projeto Linhas da Vida”, que consiste em um trabalho desenvolvido com estudantes da área de Psicologia daquela instituição, associando à prática do crochê como atenuante do estresse e ansiedade que chegou ao nosso conhecimento através do portal eletrônico da instituição. Assim como, mais recentemente divulgada, a iniciação do “Projeto Crochetando Arte e Doando Afeto”, que trabalha com oficinas de aprendizagem e tecelagem da artesanaria com confecção de peças para doação a instituições de acolhimento de idosos daquela cidade. Se procurarmos, podemos encontrar projetos ou ações no Brasil e no exterior. Importante dizer que apesar da relevância, nem sempre tem sido interesse de pesquisas acadêmicas.

Interessa-nos, assim, os potentes entrelaçamentos que o fazer coletivo do crochê no figurado “*viver em teias*” e numa configuração *espaçostempos*, podem reverberar no processo de construção humana, que se dá também pela via do educar na dinâmica relação com o mundo, assim como defende Maturana (2002).

2.1 AS TRAMAS QUE SE FORMAM

A sociedade vem passando por grandes mudanças, desde as duas últimas décadas do século XX, as quais acarretaram interferências importantes em todas as esferas da sociedade, seja alterando as maneiras de produção e cultura, seja remodelando as formas como as pessoas vem se relacionando. Uma dessas mudanças diz respeito ao domínio intenso do capitalismo nas sociedades modernas que, na visão de Zygmunt Bauman (2001), pode ter sido o ponto motor para a construção desse “novo jeito de ser” da sociedade.

Bauman (2001) atribui à ordem capitalista, entre outras coisas, a reconfiguração do espaço e do tempo. O autor trabalha com a ideia de que o tempo, naquele passado não tão distante, era encarado como longo e marcado pela estabilidade e certezas. Encurtado diante da reconfiguração tecnológica e do próprio capitalismo, passa a ser um fator preponderante, que caracteriza a vida moderna,

onde predominam as incertezas e alta perecibilidade das coisas, do futuro, dos relacionamentos, marcando fortemente o modo de viver das pessoas e de como elas encaram a vida. Bauman (2001) diz que:

A família, os colegas de trabalho, a classe e os vizinhos são fluidos demais para que imaginemos sua permanência e os creditemos com a capacidade de quadros de referência confiáveis. A esperança de que "nos encontraremos outra vez amanhã" crença que costumava oferecer todas as razões necessárias para pensar à frente, agir a longo prazo e tecer os passos, um a um, numa trajetória cuidadosamente desenhada da vida transitória e incuravelmente mortal, perdeu muito de sua credibilidade; a probabilidade de que o que encontraremos amanhã será nosso próprio corpo imerso em família, classe, vizinhança e companhia de outros colegas de trabalho inteiramente diferentes ou radicalmente mudados é muito mais crível e, portanto, uma aposta mais segura. (BAUMAN, 2001, p. 209).

Na perspectiva de Bauman (2001), em função da fugacidade do tempo, a sociedade moderna constrói sua vida de modo momentâneo, solto das âncoras que antes a sustentavam enquanto coletivo de sociedade, de modo que a individualidade, propósitos, desejos e vontades alheias militam em favor próprio e constroem os laços sociais num campo movediço, instável e volátil. Isso pode favorecer a ausência de espaços para a reflexão sobre valores éticos, como justiça, empatia, respeito e solidariedade, que são essenciais para relacionamentos em uma sociedade saudável. O que nos leva a pensar que a solidariedade, alteridade, cooperação, empatia, respeito, inclusão, equilíbrio da saúde emocional e psicológicas, são afetadas diretamente pelo enfraquecimento e frágeis construções da ética, quando se negligencia a formação integral do ser humano.

Desse modo, é necessário resgatar o direito à educação que contemple a formação humana de maneira plena, e não apenas como uma base instrumental baseada em um ensino fragmentado, e nem sempre representativo para grande parcela da população. Precisamos observar que, na sociedade contemporânea, a fugacidade do tempo se tornou um fator significativo que molda a maneira como as pessoas se relacionam. Se a cultura contemporânea é pautada por uma tecnologia que garante instantaneidade nos fluxos comunicacionais e, portanto, alteram drasticamente nossas maneiras de se relacionar, não nos escapa a necessidade de tempos mais alargados, estando conectados ou não. Dessa forma, é importante destacar que precisamos de encontros pessoais mais demorados, conversas face a face, exercitar nosso ócio, contato com a natureza, projetos onde podemos fazer

coisas juntos, e que a tecnologia e inovação podem emergir de um cotidiano arbitrário, inóspito, mas situado e que, portanto, favorecem a construção de laços significativos.

À medida que o tempo avança, a sociedade passa por transformações culturais, políticas e tecnológicas, dando origem a novos padrões que refletem valores éticos contemporâneos, como igualdade de gênero, diversidade e inclusão. Essa transição não é linear nem uniforme, e, muitas vezes, envolve debates e resistência, mesmo que digam respeito aos três princípios básicos da ética, como já citamos: a justiça, o respeito e a solidariedade.

Podemos perceber as contradições de uma sociedade em mutação que, ao mesmo tempo que avança e se moderniza, convive com o conservadorismo e padrões cristalizados que permeiam nossas vidas. Tomemos como exemplo um caso recente, que ocorreu nas Olimpíadas de Tóquio (2021), onde o atleta olímpico Tom Daley, da modalidade de salto ornamental, viralizou nas mídias sociais, pois constantemente aparecia tricotando nas arquibancadas enquanto assistia à competição de seus colegas. Segundo traz a reportagem do canal virtual *Entertainment and Sports Programming Network* (ESPN), de 1 de agosto de 2021, o atleta britânico associa o amor que sente à prática do tricô e do crochê ao bem-estar, o que, segundo ele, o ajudou a manter a saúde mental durante as competições. No entanto, a repercussão do caso nas mídias se deu pelo fato de Tom ser homem e jovem e estar praticando uma atividade ainda considerada fora dos padrões masculinos.

É indiscutível que o mundo tem se transformado de maneira muito veloz, e, com isso, vários processos sociais acontecem. Essa mesma tecnologia também possibilita manter contato com pessoas distantes de maneira mais fácil, criando redes globais de amizades, de trabalho e colaboração, ao passo que a busca por instantaneidade e satisfação imediata, muitas vezes, obscurece a importância de cultivar conexões significativas e nutrir os valores humanos que são fundamentais para o bem-estar individual e coletivo.

Diante do exposto, cenas como a protagonizada por Tom Daley ainda causam surpresa e desaprovação na chamada “sociedade líquida” (BAUMAN, 2001), gerando discursos discriminatórios e preconceituosos. Frequentemente, as mídias noticiam casos que causam incredulidade pela tamanha falta de respeito e empatia. São atos

de discriminação, violências, intolerâncias e ofensas verbais, que podem desencadear agressividade física, mas que passam a ser comuns e pior, passam a ser naturalizadas.

Estas manifestações desmedidas e inaceitáveis estão acontecendo em todos os lugares: seja em ambientes físicos e públicos, como nas ruas, nos ônibus, nos restaurantes, nos estádios de futebol, ou em espaços online como as redes sociais, chegando as nossas escolas. Contravalores humanos que vão ao encontro do desenvolvimento de um modelo de sociedade pautada em valores éticos, que primam pela justiça, solidariedade, alteridade, igualdade e paz social. Isso leva a crer que a consciência ética, construída ao longo do tempo pela humanidade, no lugar de ser fortalecida diante de tantos avanços, que alcançamos em termos de conhecimentos, e instituições que se debruçam sobre ela, está se esvaindo com a fluidez do espaço e do tempo frente a uma sociedade pautada por valores de mercado (BAUMAN, 2001).

E difícil conceber uma cultura indiferente à eternidade e que evita a durabilidade. Também é difícil conceber a moralidade indiferente às consequências das ações humanas e que evita a responsabilidade pelos efeitos que essas ações podem ter sobre outros. O advento da instantaneidade conduz a cultura e a ética humanas a um território não-mapeado e inexplorado, onde a maioria dos hábitos aprendidos para lidar com os afazeres da vida perdeu sua utilidade e sentido. Na famosa frase de Guy Debord, "os homens se parecem mais com seus tempos que com seus pais". (BAUMAN, 2001, p. 150).

É preciso resgatar e fortalecer valores éticos de convivência, que não podemos dizer que são valores predominantes dos tempos passados, porque, também no passado, as sociedades expressavam padrões baseados em egoísmo, discriminação e ganância, a exemplo da instauração das guerras e disputas territoriais vivenciadas ao longo dos tempos, bem como as lutas de diversas comunidades historicamente marginalizadas e oprimidas com as constantes reivindicações por seu espaço e dignidade.

O que percebemos, nesse momento, é que os princípios que defendemos, que pautam por uma ética do ser humano, que sabemos, foram construídos a duras penas por indivíduos ou grupos minoritários, através do fortalecimento de instituições em prol da educação, dos direitos humanos, de estados democráticos, com o avanço das tecnologias, que supostamente nos ajudariam a disseminar esses valores, ainda assim, eles acabam por se perder. Isso nos assusta, porque, à medida que a

sociedade avança, outros problemas vão surgindo e precisamos fortalecer os valores humanos para não nos esfacelarmos enquanto sociedade.

Pensamos que é preciso resgatar e fortalecer esses valores éticos de convivência não apenas como visão de futuro, mas como necessidade presente urgente, de acordo com a reflexão: “Que mundo queremos?”, de Humberto Maturana (2002). Esse mundo que mais parece adoecido e empobrecido do ponto de vista humano, que mais ensina a ter do que ser ou o mais próximo daquele vislumbrado pelo autor e que também se configura aqui neste estudo. O referido autor responde: “Quero um mundo em que meus filhos cresçam como pessoas que se aceitam e se respeitam, aceitando e respeitando outros num espaço de convivência em que os outros os aceitam e respeitam a partir do aceitar-se e respeitar-se a si mesmos.” (MATURANA, 2002, p. 30).

Na perspectiva de Maturana (2002), o homem se constitui em um ser social que se realiza humano através das relações que tece no seu percurso existencial e ancestral. Com efeito, pode-se dizer que a prática coletiva da manualidade do crochê germina uma potente teia de relações sociais que se constrói em torno de um fazer comum e de onde se brotam tantas possibilidades no devir humano. Como resultado encontrado, na pesquisa de campo realizada por Lemes (2017), com mulheres crocheteiras do sul de Minas Gerais, seu estudo revelou que os encontros que as mulheres fazem para tecer o crochê coletivamente trazem ganhos em muitas direções:

O encontro é lugar de aprendizado, de aperfeiçoar as práticas e momento de afeto entre o grupo. Lugar de se “identificarem” por meio de um saber-fazer comum a todas, gerando assim, a afirmação da própria identidade e sentimento de pertencimento social, aumentando a auto estima e proporcionando bem estar à essas mulheres. (LEMES 2017, p. 97)

[...] momento de afeto por meio de um grupo coletivo fomentando a tradição e a difusão do crochê e, ainda, proporcionando ao grupo ampliar suas possibilidades de ganho econômico com as vendas de suas peças. Reconhecer e valorizar o saber-fazer é trazer à tona referências da cultura de um povo, frutos de um saber popular, tendo como marcas passadas e atuais, a memória, dentro de um grupo comunitário com identidade própria. (ibid., p. 103).

Nessa mesma direção, Mourão e Oliveira (2021) relacionam na artesanaria do crochê a presença da memória cultural e afetiva tal qual a de objetos biográficos⁵: Assim, as autoras enfatizam a importância de proporcionar vivências comunitárias que propiciem a conservação desses saberes sociais e tradicionais, carregados de valores imateriais, que tão ricamente promovem ligação com o mundo presente e sua história, além de reforçar o bom convívio e o respeito à individualidade por meio da construção mútua da afetividade:

Construir constantemente, na vivência humana, práticas que fortalecem a tradição tem caráter de dinamismo e de ação transformadora de realidades; estas identificadas como culturalmente sustentáveis. A inserção dos valores humanos no cotidiano de uma sociedade é de fundamental importância para uma melhor qualidade de vida em seus relacionamentos, em especial, no familiar, considerando todo o processo social pelo qual o homem irá passar ao longo de sua vida. (MOURÃO; OLIVEIRA, 2021, p. 86).

Nesses trabalhos, se vislumbra um elemento a mais, que agrega ainda o sentido ao *saberfazer* crochê já mencionado: o *sentir*, que expressa de muitas maneiras os sentimentos e emoções revelados pelos praticantes da artesanaria, como orgulho, afeto, amor, bem-estar.

Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010) buscam explicar o fenômeno que a arte produz em afetar e agir no estado de devir humano, tendendo a aumentar a potência afetiva através da experiência vivenciada com ela. Segundo os autores, “Pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos com sensações. Pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos sensações [...]” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 216).

Essa passagem de texto está impregnada de significados, especialmente para esta autora crocheteira, mãe, profissional da educação em um Instituto Federal de Educação, preocupada com uma educação plena para a juventude do ponto de vista humano, que possibilite agregar todos os saberes de contextos vivenciais e acadêmicos, que valorize suas identidades e os prepare não só para o mundo do trabalho, mas para a vida como um todo.

⁵ Os objetos biográficos são os objetos ou “coisas” que guardam significado e valor afetivo, incorporando-se à vida e às memórias das pessoas, como por exemplo, relógios, álbuns de fotografia ou, os paninhos de crochê da vovó.

Dessa maneira, o *saberfazersentir* crochê se faz um elemento social e cultural arraigado de saberes e subjetividades outras que, costurados no enredamento coletivo, revelam importante pista sobre possíveis entrelaçamentos com o contexto da educação.

Assim, foram cerzidas essas possibilidades à proposta deste trabalho como na produção de uma “colcha de retalhos” de crochê, que se tece a partir da união de pequenos e multicoloridos *squares*⁶, crochêados, minuciosamente, um a um, e produzidos colaborativamente por muitas mãos. Entre construções, comparações e escolhas, o grande mosaico vai se formando pela costura dos entremeios das pequenas tesselas, como quem busca tecer saberes numa fecunda rede educativa que trama florescer o que há de melhor na humanização. Retrato imaginário poetizado por Sandra Helena Escouto de Carvalho:

Figura 3: Quadrinhos de crochê.



Fonte:
<https://br.pinterest.com/pin/343118065373028758/>

Das tramas da tua casa, dos fios que se amaram, contorceram-se, romperam-se, separaram-se [...] fundiram-se [...] das fibras que se reencontraram no belo espaço da natureza para gerarem corpos: formas acolhedoras, protetoras, defensoras. Imagens que se corporificam no espaço, como espaços. (CARVALHO, 1998, p. 18).

É diante desse contexto que se propõe criar um dispositivo educacional de intervenção no campus São Mateus, através do resgate e valorização da cultura da artefaria do crochê. Sendo esse um dispositivo enredado em múltiplas dimensões, constituindo-se enquanto ambiência educativa sensível e acolhedora para os grupos de estudantes, de servidores e de todos que fazem parte dessa comunidade.

⁶ Palavra inglesa usada na linguagem dos crocheteiros para denominar as partes unitárias feitas com a técnica do crochê que irá compor uma peça inteira, como colchas, capas de almofadas, blusas etc.. Também conhecida como quadrinhos da vovó ou quadrinhos do amor (o nome quadrinho é figurativo, pois pode ser feito em vários formatos: círculo, triângulo, retângulo).

3 CADA PONTO CONTA: A EXPRESSÃO DOS CORPOS ATRAVÉS DO CROCHÊ

Em uma breve incursão imaginária, no contexto de uma escola qualquer, mesmo para aqueles que não são tão íntimos desse ambiente, podem-se elencar vários elementos que lhe são comuns, como salas de aula, carteiras, fileiras, quadro-negro, indisciplina, disciplina, provas, aprovação, reprovação, recreio, brincadeiras, deveres, barulho, horários, livros, professores, etc. Essa típica descrição, muito presente nas escolas ao redor do mundo, advém de um modelo tradicional de ensino que ainda faz parte do processo de escolarização. Cabe lembrar que são todos organizados por tempos e espaços delimitados e cronometrados, seja pelo próprio currículo, sejam pelas políticas públicas.

Na concepção de Nilda Alves (2001, 2003a, 2003b), cotidiano é um termo que busca dar conta da multiplicidade dos acontecimentos rotineiros no dia a dia das pessoas. Se os fenômenos, que aconteciam nesse cotidiano, tendiam a ser vistos como algo monótono e sem significado, nos atuais estudos do campo da educação, começam a ganhar força como um campo de produção de sentidos e práticas simbólicas.

Ao longo do tempo, a compreensão do termo corpo vem incorporando significados outros para além daquele entendido pela doutrina cartesiana. Naquela visão simplista e racionalista, o corpo-objeto obedecia uma regra calculável, previsível e controlável, assim, tudo aquilo que permeava as subjetividades expressas na corporeidade estavam subjugadas ou negadas.

Na contramão dessa via, essa compreensão vem se ampliando e o corpo passa a ser visto sob uma perspectiva de sua completude e complexidade humanas. Esse corpo-sujeito, vivo nas suas relações com o meio, é transpassado pelos fenômenos de suas vivências e experiências passadas e presentes, de modo que o afeta e por eles também é afetado. Isso significa, neste estudo, que tudo aquilo que compõe os seres humanos, sejam as dimensões materiais, intelectuais, biológicas, físicas, objetivas, concretas, quanto às dimensões subjetivas, observáveis, interpretativas, imaginárias, hipotéticas, têm igual relevância. Dessa maneira, não seria leviano dizer que o “corpo fala”. A corporeidade dá voz ao corpo através da oralidade, da escrita,

da expressividade, do gestual (BONILLA, 2002), fala até quando silencia. A corporeidade é intrínseca ao ser humano e dela não consegue se apartar, portanto, compõe e constitui o sujeito no/com o mundo.

Num ambiente de educação, a corporeidade falante está mais do que presente nos tempos, espaços e cotidianos escolares. Nesse sentido, assim como Maffesoli (1998), José Carlos dos Santos (2019) chama a atenção quanto à necessidade de os espaços escolares despertarem sentidos para essas vozes corporais também como possibilidades múltiplas do ato educativo. Ainda, segundo esse autor, os corpos, embora vistos de modo coletivo, precisam ser compreendidos também dentro das singularidades próprias de cada um e que se relacionam com o todo. Essa percepção aproxima a compreensão do sujeito na sua totalidade e abre espaços para a educação ampliada.

Santos (2019) também reconhece como desafiadora, para a escola e para os educadores, a leitura e a compreensão desse mundo, mas também insiste que ela, sendo espaço que abriga variadas experiências humanas, não pode se furtar às possibilidades desses acontecimentos como fonte de conhecimento para uma educação implicada com os sujeitos e com mundo.

Parece distante da nossa realidade o trato com o corpo via corporeidade no ambiente escolar, porém, compreender o fenômeno corpo nessa perspectiva é demonstrar sua singularidade, sua essência. Não há porque mais negarmos na escola. É preciso trilhar por este caminho sugerido por Porpino (2006, p. 68), ao dizer que: “cabe-nos viver o corpo em sua fenomenologia, voltarmos a ele nos voltando a nós mesmos, às nossas mais sutis experiências”. Devemos viver o corpo e todas as suas manifestações no ambiente escolar. (SANTOS, 2019, p. 38).

Dessa forma, ao considerar o corpo no cotidiano, temos esse como lócus potente de conhecimento, buscando compreender a vida e as práticas diárias das pessoas em seus movimentos, deslocamentos e rotinas cotidianas, ou seja, dentro do espaço onde as pessoas vivem e constroem suas identidades e subjetividades, a partir de suas relações sociais e culturais. Em resumo, o cotidiano representa como as pessoas vivem suas vidas de maneira plena, e como suas práticas rotineiras se relacionam com a sociedade e a cultura em que estão inseridas.

As mudanças na história são, assim, trançadas em nosso dia-a-dia de modos não detectáveis no momento mesmo de sua ocorrência, mas em lances que não prevemos, nem dos quais nos damos conta no momento em que se dão e onde se dão, mas que vão “acontecendo”. (ALVES, 2003a, p. 63).

Segundo Alves (2001), nos contextos escolares, os fenômenos cotidianos acontecem ricamente nas entrelinhas dos acontecimentos corriqueiros do dia a dia, como naquele cenário habitual, descrito no início deste capítulo, do qual formam-se em campos fecundos de saber que precisam ser visitados, lidos e explorados. Um fazer implicado, defendido por Alves (2001), como um outro modo de construir conhecimento através do/no/com cotidiano e não somente limitados pela via da ciência aprendida, mas que se apresenta tão fecundo quanto.

Nessa mesma direção, Michel Maffesoli (1998) chama atenção para a necessidade de se deixar germinar novos olhares e pensamentos, “mais humanos, mais encarnados” (MAFFESOLI, 1998, p. 50). Olhares que busquem renovar ações educativas voltadas para a educação que engloba os sujeitos na sua totalidade de vida, superando, assim, os pensamentos anacrônicos padronizados dos quais já não atendem sozinhos aos processos educativos contemporâneos.

O filósofo Giles Deleuze (2002) também defendia a ideia da potência do corpo como possibilidades. Embora o autor não tenha debruçado seus estudos diretamente para o campo da educação, mesmo tendo vivido a experiência docente, a filosofia deleuziana tem fecundado pensar e (re)pensar o devir educação.

Também Espinosa rejeitava a ideia de que o corpo fosse inferior à mente, ou estivesse fora dela, como nas ideologias filosóficas Platônicas e Aristotélicas que, mais tarde, veio compor o pensamento cartesiano. Diferentemente, Espinosa acreditava que corpo e mente mantêm relação e correlação indissociáveis um com o outro, formando-se, portanto, em igualdade de condição, duas potências de afetar e ser afetado, modificar e ser modificado, mutuamente e transversalmente, com outros

corpos e mentes (DELEUZE, 2002). Esse pensamento espinosista ficou conhecido como “paralelismo⁷” entre corpo e mente, que influenciou a filosofia deleuziana.

Quando Deleuze (2019) indaga “o que pode um corpo⁸?”, está retomando, na filosofia de Baruc Espinosa (2009), o discurso sobre a relação entre corpo e mente e com isso buscando provocar, intencionalmente, um mergulho nessa discussão:

[...] que quer então dizer Espinosa quando nos convida a tomar o corpo como modelo? Trata-se de mostrar que o corpo ultrapassa o conhecimento que dele temos, e o pensamento não ultrapassa menos a consciência que dele temos. Não há menos coisas no espírito que ultrapassam a nossa consciência que coisas no corpo que superam nosso conhecimento. [...]. Procuramos adquirir um conhecimento das potências do corpo para descobrir paralelamente as potências do espírito que escapam à consciência, e poder compará-los [...]. (DELEUZE, 2019, p. 25).

Deleuze (2019) pretende, com essa indagação, cuja gênese provocativa reside em Espinosa (2009), despertar um olhar outro que permita abrir conhecimento para o “*desconhecido do corpo*”, suas capacidades de agir sobre si mesmo, sobre a mente e sobre o seu redor, outros corpos e outras mentes:

O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo – exclusivamente pelas leis da natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinado pela mente – pode e o que não pode fazer. Pois, ninguém conseguiu, até agora, conhecer tão precisamente a estrutura do corpo que fosse capaz de explicar todas as suas funções. (ESPINOSA, 2009, p.101).

Com esse argumento espinosista, pretende-se dizer que não se conhecem todas as capacidades de como um corpo age porque só com a finitude das experimentações e relações seria possível dizê-lo, e aí reside a complexidade: o universo de possibilidades de experimentações. Características que, até agora, foram impossíveis conhecer por completo e superá-las porque infinitas são. Assim, como dizê-las que não possíveis, se, até agora, ninguém esgotou as possibilidades?

Ainda, no viés da costura corpo/mente e trazendo essa questão mais próxima da nossa pesquisa, reformulamos a pergunta de Deleuze (2019): O que pode uma mão,

⁷ Na concepção de Espinosa, a ideia do “paralelismo” expressa a correspondência e igualdade de condições potência entre corpo e mente, portanto se afasta da ideia do termo “paralelo” que remete à ideia de separação, simetria, equiparação (DELEUZE, 2002).

⁸ Na filosofia deleuziana e espinosista um corpo se refere a qualquer coisa, “pode ser animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um corpus linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade” (DELEUZE, 2002 p. 132), no nosso texto, nos referimos ao corpo humano.

sendo corpo? Paulo Alexandre Castro (2003) propõe refletir sobre a visão simplista, reduzida e fragmentada do corpo, que naturalmente se tem das mãos, sempre assumindo uma função passiva, obediente, mecânica, funcional.

Mão empenhada, suada, calejada, sofrida, dolorida, comprometida, na conquista diária de uma práxis rotineira; subjugada ao uso de uma imediatez ignorante que a despreza e censura nas suas potencialidades; anulada na instrumentalização do fazer repetitivo; mas, que é uma mão? (CASTRO, 2003, p. 107).

Podem as mãos exercer uma função para além de meramente obedecer aos comandos da mente? Pallasmaa traz uma pista importante, já que para ele o corpo é o primeiro receptor de contato com o mundo. Através da pele, que é o maior órgão do corpo humano, as experiências são formadas. Segundo Juhani Pallasmaa (2011, p. 10):

Todos os sentidos, incluindo a visão, são extensões do tato; os sentidos são especializações do tecido cutâneo, e todas as experiências sensoriais são variantes do tato e, portanto, relacionadas à taticidade. Nosso contato com o mundo se dá na linha divisória de nossas identidades pessoais, pelas partes especializadas de nossa membrana de revestimento.

Na definição de Deleuze, o indivíduo é “um grau de potência” (2002, p. 33) de afetar e ser afetado nas diversas interações e relações que desenvolvem durante sua vida. Assim, presumimos que as experiências proporcionadas pelas vivências/relações do corpo/corpóreas podem potencializar inesgotáveis fontes de saberes/aprendizagens, construções/desconstruções. Nessa perspectiva, Deleuze (2002, p. 25) diz que, “[...]quando um corpo “encontra” outro corpo, uma idéia outra idéia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente, quando que um decompõe o outro e destrói a coesão de suas partes. [...]”.

Costurando essa discussão no campo da educação e, de modo mais focalizado na escola, por se constituir num espaço concreto cotidiano que transborda corporeidades, vislumbramos, nas ideias de Deleuze (2002), um lugar dinâmico de inesgotáveis e fecundos acontecimentos humanos, potentes na construção de saberes/aprendizagens que ali se represam.

Deleuze (2002) introduz o conceito de "afeto" como estados de intensidade que afetam os corpos. A corporeidade pode ser vista como o terreno em que esses afetos ocorrem e se manifestam. Os corpos são afetados por uma série de fatores, sejam eles emocionais, sociais ou ambientais, e essas afetações moldam nossa experiência corpórea. Assim, a relação entre a corporeidade e o pensamento de Deleuze residem na forma como sua filosofia aborda a complexidade e a fluidez dos corpos, destacando a importância de se considerar os corpos como sistemas dinâmicos, que estão em constante interação com o mundo ao seu redor. Deleuze (2002) oferece um olhar desafiador e inovador sobre como pensamos e vivenciamos os corpos, enfatizando a necessidade de uma abordagem não fixa e aberta à multiplicidade.

Introduzir o crochê na escola como atividade educativa seria como transcender à mera aquisição de habilidades práticas e encontrar profundidade na filosofia das afetações de Gilles Deleuze (2002). O conceito de ambiência do crochê adquire um papel central nessa perspectiva. O crochê não é apenas uma técnica de entrelaçamento de fios, mas uma jornada sensorial e cognitiva que envolve os sentidos, a mente e o corpo. Isso reflete o conceito de Deleuze (2002) de que estamos constantemente afetando e sendo afetados pelos outros.

Assim como Deleuze (2002) argumentou que somos afetados constantemente por intensidades que moldam nossos corpos e pensamentos, torna-se evidente que o crochê na educação é um dispositivo poderoso para enriquecer a expressão do corpo e a experiência educacional coletiva. Assim como o crochê revela sua beleza através dos detalhes minuciosos, os corpos humanos também comunicam uma infinidade de sentimentos, experiências e narrativas por meio de gestos, posturas e expressões.

Ao manusear agulhas e fios, seus praticantes experimentam uma gama de afetações, de modo que este processo envolve não apenas as mãos, mas também a mente e o corpo como um todo, promovendo a concentração, a coordenação motora, a paciência e a expressão pessoal. Essas afetações são compartilhadas em um ambiente coletivo, estreitando os laços afetivos entre os seus praticantes. Assim, a prática do crochê se torna um valioso dispositivo para o desenvolvimento global humano, pois também enriquece a experiência educacional coletiva e fomenta a

compreensão de que somos seres interligados, cujas experiências são moldadas pelas interações com o ambiente e com os outros.

Pensamos que à medida que os praticantes do crochê, nesse caso a comunidade Ifes, se apoiam mutuamente, trocando dicas e amparando-se na superação de desafios, os laços afetivos se fortalecem, criando um ambiente de aprendizado enriquecedor e solidário.

Além disso, a atividade proporciona uma oportunidade de conexão com a história e a tradição cultural, mostrando como o artesanato pode transmitir a riqueza da herança cultural por meio das mãos e do corpo, estabelecendo um equilíbrio entre o mundo subjetivo e o mundo tangível. Desse modo, propomos significar o crochê não apenas como uma atividade artística, mas um valioso dispositivo para o desenvolvimento humano e a educação holística, proporcionando uma experiência profunda das afetações de Deleuze (2002) e da complexidade das interações humanas.

Desse modo, a corporeidade na escola vai muito além do aspecto físico. Ela engloba a relação dos indivíduos com seus próprios corpos, com os corpos dos outros e com a sociedade em geral. É um tema complexo que requer atenção constante, educação e promoção de um ambiente escolar inclusivo e respeitoso, onde se proporcione mais chances de se desenvolver uma vida mais saudável e equilibrada, que contribui para o seu crescimento global e o bem-estar cotidiano.

4 A EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS

Nesse capítulo, abordamos sobre a educação que almejamos para nossos filhos, jovens, sociedade. Assim, propomos a reflexão e a discussão numa abordagem ampla da educação, considerando o ser humano como um ser multifacetado e em constante desenvolvimento. Começemos por pensar a educação de modo abrangente, numa perspectiva que contemple o ser humano com um ser múltiplo e pulsante na sua totalidade de vida e que está em permanente construção e desconstrução. Um ser humano para além de um sujeito mecânico, estático e meramente envolto numa única dimensão de vida, a racional, conforme marcado pelas correntes de pensamento das Ciências Modernas. Esse talvez seja um dos desafios mais veementes no campo da educação: lidar com a teia de complexidades humanas como base para o desenvolvimento pleno dos sujeitos enquanto seres múltiplos que são.

Gostaria tanto de perseverar em minha educação puramente humana, mas o saber não nos torna melhores nem mais felizes. Sim! Se fôssemos capazes de compreender a coerência de todas as coisas! Mas o início e o fim de toda ciência não estão envoltos em obscuridade? Ou devo empregar todas estas faculdades, estas forças, esta vida inteira, para conhecer tal espécie de inseto, para saber classificar uma determinada planta na série dos reinos? (KLEIST apud MORIN, 2003, p. 09).

No excerto acima, ao refletir sobre os escritos de Heinrich Von Kleist, principalmente quando ele diz que “o saber não nos torna melhores nem mais felizes” (KLEIST apud MORIN, 2003, p. 09), e Edgar Morin (2003), categoricamente, complementa que a educação “pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas.” (MORIN, 2003, p. 11).

Com essa afirmativa, Morin (2003) traz o entendimento de que a educação, concebida de modo ampliado, tem um alcance mais significativo, evolutivo, saudável e afetivo do que o saber das ciências paradigmáticas que acaba por limitar o ser humano sob o ponto de vista do desenvolvimento para a vida.

Consolidar um conceito fechado do termo educação, que abarque todas as suas perspectivas e dimensões, amarrando todos os fios capazes de traçar uma definição

única não é uma tarefa fácil, se arrisca dizer, mas que se faz complexa dada à amplitude de significados e abordagens que podem caracterizá-la, qualificá-la e mais, a depender do ponto de vista dos sujeitos, que buscam explicá-la.

No entanto, ainda que inconclusivo, é possível traçar consubstancialmente uma concepção do termo educação através das muitas variáveis que a compõem. Esse legado foi trazido no livro “O que é educação”, de Carlos Rodrigues Brandão (2007), que buscou a compreensão do termo educação, percorrendo diferentes tempos, espaços e modos de educar na história das sociedades.

Nessa perspectiva, Brandão (2007) auxilia na construção do entendimento de uma concepção mais abrangente de educação e afasta a ideia mais generalizada e simplista, empregado ao termo educação e ao que ela se propõe, muitas vezes, confundida com os termos ‘ensino escolar ou escolarização’, ou outro termo correlacionado ao ensino formalizado.

Dessa maneira, dentre as perspectivas trazidas por Brandão (2007), elege-se duas que se julgam capazes de auxiliar na reflexão para compreensão do termo e ampliam o entendimento do tempo e do espaço para se pensar e fazer educação. A primeira é que a educação se faz intrinsecamente em todos os campos de relação na vida das pessoas, portanto, todos os sujeitos são inerentes a ela:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações.”. (BRANDÃO, 2007, p. 7).

E a segunda, que complementa a citação anterior, é que: “Não há uma forma única nem um único modelo de educação [...]” (BRANDÃO, 2007, p. 9). Assim como o autor supracitado, não pretendemos tecer críticas à escola e desqualificar os processos educacionais que ali se desenvolvem, muito pelo contrário, este estudo está sendo realizado nos/com/para os *espaçostempos* escolar. O que se pretende dizer, reforçando o entendimento de Brandão (2007), é que a educação tem caráter universal, e acontece em diversos espaços, formas, com e através de agentes e objetivos que não são estritamente aqueles vividos habitualmente na escola. E que a

educação compreendida de forma abrangente pode abrir *espaçostempos* de pensar e fazer educação ou *Educações* outras no/com/para a escola.

Mas por que ou para que pensar e fazer ‘Educações outras’? Bem, essa é uma pergunta que não se consegue dar fim, tampouco se pretende dar conta de respondê-la neste trabalho, mas se pretende reacendê-la provocando discussões e repercussões que busquem, cada vez mais, chegar próximo de um entendimento assertivo.

O ser humano se constitui numa multiplicidade de fatores, atravessamentos, relacionamentos, afetações. Fatores que demonstram relevância para que o desenvolvimento humano ofereça subsídios favoráveis à autogestão das vidas de modo consciente, responsável, saudável, ético e democrático, e que envolva igualmente todas as dimensões de vida humana, numa perspectiva de educação múltipla proposta por Edgar Morin: “[...] que seja não somente material, mas também intelectual, afetiva, moral [...]” (MORIN, 2000, p. 70), que nos interessa e foi discutido num trabalho antecessor a este:

[...] sejam elas afetivas, psicológicas, físicas, espirituais, racionais, intuitivas etc., sejam privilegiadas igualmente no desenvolvimento humano global, de maneira que o indivíduo adquira ou fortaleça conhecimentos e habilidades necessárias à vida consigo mesmo, com seus semelhantes e com o mundo. (FELIX, 2022, p. 12).

A inclusão dessas perspectivas múltiplas, no contexto educacional, engloba a concepção de uma educação Integral (GADOTTI, 2009). Encontramos em Moacir Gadotti (2009), Paulo Freire (1979), como em outros autores, que, em diferentes épocas, trouxeram a educação integral para o campo das discussões. Gadotti defende que a educação é algo inerente à vida das pessoas e acontece permanente e evolutivamente ao longo de todo o seu percurso, portanto, presente e indissociável no desenvolvimento humano.

Como nos educamos ao longo de toda a vida, não podemos separar um tempo em que nos educamos e um tempo em que não estamos nos educando. Como nos educamos o tempo todo, falar em educação de tempo integral é uma redundância. A educação se dá em tempo integral, na escola, na família, na rua, em todos os turnos, de manhã, de tarde, de noite, no cotidiano de todas as nossas experiências e vivências. O tempo de aprender é aqui e agora. Sempre. (GADOTTI, 2009, p, 22).

Miguel Gonzalez Arroyo, ao tratar da educação integral, diz que

A educação integral é uma concepção do ser humano como um sujeito total, integral, enquanto sujeito de conhecimento, de cultura, de valores, de ética, de memória, de nação e a educação tem que dar conta de todas essas dimensões da formação do ser humano [...]. (ARROYO, 2018)

Ainda, segundo Moacir Gadotti (2009),

A educação ao longo de toda a vida implica ensinar a pensar, saber comunicar-se, saber pesquisar, ter raciocínio lógico, fazer sínteses e elaborações teóricas, saber organizar o seu próprio trabalho, ter disciplina para o trabalho, ser independente e autônomo, saber articular o conhecimento com a prática, ser aprendiz autônomo e a distância... enfim, adquirir os instrumentos necessários para continuar aprendendo sempre. (GADOTTI, 2009, p, 32).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996, normativa maior brasileira, que baliza as ações, organização e definições sobre a educação no país, também traz essa concepção ampliada do sentido da educação. Logo em seu Art. 1º, ela define que a educação se desenvolve de diversas formas: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996).

De modo semelhante, vê-se a perspectiva da educação humana ou integral explicitado no texto do documento norteador dos currículos nas etapas e modalidades da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) Brasileira, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Embora, de modo geral, o documento não traz, de forma clara, objetiva e prática, as orientações acerca da introdução da educação integral nos percursos educativos, ainda assim, reconhece a necessidade e importância da educação integral para o desenvolvimento humano global dos sujeitos.

Nesse sentido, a educação integral, sob o ponto de vista da BNCC, é uma abordagem educacional que busca proporcionar uma formação mais ampliada para os estudantes, indo além do desenvolvimento de habilidades cognitivas básicas, proporcionando uma educação que vai além dos aspectos puramente acadêmicos. Isso significa que o ensino não se limita apenas ao conteúdo acadêmico tradicional, mas também abrange aspectos sociais, emocionais, culturais e físicos do desenvolvimento dos estudantes. A BNCC também enfatiza a necessidade de

considerar a realidade e os interesses dos alunos, tornando o processo educativo mais relevante e significativo para suas vidas.

Assim, o conceito de educação integral parte do princípio de que há uma promoção de uma educação ampliada e integradora dos saberes, em todas as dimensões e contextos, conforme explica Gadotti (2009):

O **princípio geral** da educação integral é, evidentemente, como vimos, o da **integralidade**. O conceito de integralidade refere-se à base da educação, que deve ser integral, omnilateral e não parcial e fragmentada. Uma educação integral é uma educação com qualidade sociocultural. A integração da cultura, da saúde, do transporte, da assistência social etc. com a educação possibilita a integralidade da educação. (GADOTTI, 2009, p. 97, grifo do autor).

Nessa perspectiva, Gadotti (2009) traz para o centro da educação integral o princípio da integralidade, em que todas as potencialidades humanas são tecidas juntas, de modo particular e ao mesmo tempo conjuntas. E isso requer que a educação integral se faça integrada e integradora da realidade, tanto no mundo exterior quanto no mundo interior de cada sujeito.

Quando se pensa no fazer educação, nos cotidianos das escolas, os termos integral, integrada e integradora, por vezes, são interpretados equivocadamente, com sentidos iguais. Entretanto, embora guardem correlação possuem significados diferentes, e isso precisa estar bem delimitado e fidelizado no campo da educação.

Jaqueline Moll (2009) avalia que a clareza desses significados tem extrema importância para afastar o risco de desvirtuar os sentidos e as justificativas políticas e sociais de implementação ou realização da educação integral nas redes de ensino, que buscamos, de forma sucinta, trazer algumas especificidades.

A primeira distinção está na redundância em relação à educação integral e escola de tempo integral, ou jornada integral. Gadotti (2009) esclarece que a ideia de fazer educação integral pode induzir equivocadamente à necessidade de se proporcionar o desenvolvimento de atividades outras, complementares às rotinas formais básicas escolares e, com isso, requerer a ampliação do tempo do estudante na escola. Na conclusão do autor,

Não se trata apenas de estar na escola em horário integral, mas de ter a possibilidade de desenvolver todas as potencialidades humanas, que envolvem o corpo, a mente, a sociabilidade, a arte, a cultura, a dança, a música, o esporte, o lazer etc. (GADOTTI, 2009, p. 97).

Nessa mesma visão, Moll enfatiza que a confusão desse entendimento poderia sustentar a continuidade hegemônica e tradicional da escola em tempo integral, ou seja, “mais tempo da mesma escola”. (MOLL, 2009, p.33):

Se pararmos por aí, estaremos perdendo a rica oportunidade de mudar o nosso sistema escolar, por tradição tão gradeado, rígido e segregador, sobretudo dos setores populares. Se um turno já é tão pesado para tantos milhões de crianças e adolescentes condenados a opressivas reprovações, repetências, evasões, voltas e para tão extensos deveres de casa, mais uma dose do mesmo seria insuportável.

Assim, o que a educação integral pretende, na escola, oportunizar, no tempo, no espaço e nos cotidianos, que as pessoas têm nesse ambiente, regulares ou não, o desenvolvimento de todas as suas capacidades, habilidades, competências etc., ou seja, que envolvam o ser por inteiro na sua condição humana total, sem necessariamente ter que entender ou ampliar a jornada escolar, como sustenta Jaqueline Moll (2009, p. 18), “[...] de nada adiantará esticar a corda do tempo: ela não redimensionará, obrigatoriamente, esse espaço. E é, nesse contexto, que a educação integral emerge como uma perspectiva capaz de ressignificar os tempos e os espaços escolares”.

Brandão (2007, p. 13) nos traz o próximo esclarecimento: “A educação existe onde não há a escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra [...]”. Essa é a premissa da educação integrada numa escola integrada, pois ela transcende os muros da escola para chegar junto a saberes outros, saberes tão importantes quanto os saberes sistematizados. A escola integrada busca na comunidade, no seu entorno e nas suas estruturas a potencialidade educativa que ela tem, aproveitando todos esses saberes de vida comunitária, social, cultural.

Agora, para dar efetividade a esses conhecimentos outros, para que façam a diferença ou tenham significância na vida das pessoas, a escola é integradora dos

saberes formais e os informais e para isso também depende de um currículo pensado de modo aberto e flexível a esses movimentos:

É a escola articulando tudo que pode ser educativo no bairro, reconhecendo as experiências de educação informal e não formal, como elementos importantes para a complementação de seu papel. Para isso, é preciso utilizar os recursos já disponíveis na cidade e valorizar a cultura local. Cabe à escola se constituir no elo, sistematizando e aprofundando o conhecimento informal, relacionando-o com o currículo formal da escola. (GADOTTI, 2009, p. 70).

Portanto, são sentidos distintos, mas que guardam características relevantes muito próximas de se pensar e fazer educação e, mais especificamente, de pensar em propostas de educação e formação integral em sintonia com seus objetivos primeiros, que são aqueles que visam contribuir para o alcance da plenitude humana nos seus aspectos físicos, mentais, psicológicos, espirituais, lúdicos, e em convivência harmônica com os seus semelhantes, com o meio ambiente, com o planeta e consigo mesmo.

É por esses caminhos que pensamos as potencialidades de uma ambiência formativa que tem em sua materialidade as práticas, vivências, sentidos de fazer crochê.

5 NO BALAIO DE CROCHÊ TEMOS MUITOS MATERIAIS: CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente estudo se dá à luz da pesquisa qualitativa devido à sua adequação para os objetivos e características específicas da nossa investigação. Em primeiro lugar, nossa pesquisa busca explorar as nuances e complexidades de um fenômeno, que envolve uma multiplicidade de perspectivas e contextos, e a pesquisa qualitativa oferece a flexibilidade necessária para mergulhar profundamente nesse fenômeno. Assim, permitindo-nos capturar a diversidade de experiências e interpretações dos participantes. Em segundo lugar, porque permite ao pesquisador aparecer como um ser situado em todas as etapas da investigação, desde o planejamento quando aparecem suas inquietações sociais e humanas, suas percepções, perpassa pelas escolhas teóricas, epistemológicas e metodológicas, chegando às análises, que, mantendo o rigor ético, não deixam de identificar sua implicação política e ativista.

Nessa perspectiva, acreditamos na virada narrativa sugerida por Norman Kent Denzin e Yvonna Sessions Lincoln (2019) que dizem que

São muitos os que aprenderam a escrever de um modo diferente, e também a situar-se em seus textos. Nossa luta hoje é no sentido de relacionar a pesquisa qualitativa às esperanças, às necessidades, aos objetivos e às promessas de uma sociedade democrática livre” (DENZIN E LINCOLN, 2019, p. 17).

Desse modo, nossa pesquisa busca compreender os aspectos subjetivos, as experiências individuais e os significados atribuídos pelos participantes ao nosso tema de estudo. E a abordagem da pesquisa qualitativa nos permite capturar nuances, interpretações e perspectivas únicas, algo que seria difícil de obter por meio de métodos quantitativos mais restritos. A pesquisa qualitativa nos possibilita ter acesso aos pensamentos, sentimentos e significados subjacentes às ações e narrativas dos participantes, promovendo uma apreciação mais profunda das complexidades inerentes ao nosso campo de estudo. Essa abordagem não apenas nos propicia capturar a riqueza das vozes individuais, mas também abraça a diversidade de perspectivas, fornecendo um espaço para a co-construção de conhecimentos em parceria com os participantes.

Sendo assim, definimos a pesquisa como sendo de natureza qualitativa, pois esta abordagem se caracteriza pela flexibilidade e liberdade como os sujeitos podem se expressar conforme suas perspectivas particulares, como explica Maria Cecília de Souza Minayo (2002):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2002, p. 21).

Pensamento compartilhado também em Liane Carly Hermes Zanella (2006):

A pesquisa qualitativa proporciona o conhecimento da realidade social por meio dos significados dos sujeitos participantes da pesquisa, possibilitando, portanto, uma compreensão aprofundada dos fenômenos sociais e a captação de dados não facilmente articulados, como atitudes, comportamentos, motivos [...] (ZANELLA, 2006, p. 35).

Robert C. Bogdan e Sari Knopp Biklen (1994) definem que as pesquisas de cunho qualitativo possuem cinco características comuns, que as identificam nesse tipo de abordagem de estudos, contudo, a classificação qualitativa não exige que esses estudos contemplem conjuntamente todas essas características. Segundo os autores, estudos classificados como qualitativos estão mais relacionados em quão, ou melhor, no grau que apresentam essa(s) ou aquela(s) característica(s) (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 47). Segundo eles, quanto mais as pesquisas manifestam esses atributos, mais tendem a ser consideradas como estudos qualitativos. Portanto, podemos afirmar que nossa definição pela ênfase qualitativa, nesta investigação, também encontra respaldo nas características pontuadas por Bogdan e Biklen (1994), sendo que nossa pesquisa assume boa parte desses atributos, quais sejam:

1. Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.
2. A investigação qualitativa é descritiva.
3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.
4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.
5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 47-51).

Assim, buscamos junto aos praticantes da pesquisa compreender, com base em suas perspectivas, seus “pontos de vista” (ibid., p. 54), encontrar indícios que possibilitem à elucidação do problema a fim de construir um projeto de intervenção que seja o mais autêntico possível, ou seja, oriundo das experiências, necessidades e desejos daqueles que vivem o lfees cotidianamente.

Para Christian Laville e Jean Dionne (1999), é importante dar espaço à imaginação durante a produção de dados, não como algo fantasioso ou inventivo, mas baseado em escolhas definidas de modo preciso, realizável e efetivo do ponto de vista do rigor científico necessário. Dizem os autores:

Cabe ao pesquisador imaginar e a ajustar a técnica, os instrumentos que lhe permitirão delimitar o objeto de sua pesquisa, extrair deles a informação necessária à compreensão que ele quer ter para logo partilhá-la e contribuir assim para construção dos saberes” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 191).

Nessa via, compreendemos nossas escolhas são válidas, uma vez que os dispositivos de construção de dados desta pesquisa foram selecionados de modo que todos os momentos da investigação estivessem enredados e alinhados com objetivos fins da pesquisa.

O arcabouço teórico foi construído ou aperfeiçoado sob bases multirreferenciais, no decorrer das primeiras investigações, à medida que se foi descobrindo e ressignificando tantos outros modos de compreensão e relações do crochê no contexto plural da educação (BRANDÃO, 2007), já que uma ou outra perspectiva não daria conta sozinha de explorar todas as potencialidades possíveis (FAGUNDES, BURNHAM, 2001; MORIN, 2000,2003). Para Norma Carapiá Fagundes e Teresinha Fróes Burnham (2001, p. 50), a própria multirreferencialidade possui seus limites, pois “[...] é uma abordagem provisória, para dar conta, no estado atual dos nossos conhecimentos plurais, da complexidade de um fenômeno [...]”, considerando ainda que “[...] todo conhecimento humano é relativo, parcial e incompleto. É impossível se esgotar o conhecimento sobre o que quer que seja. [...]”. (2001a, p. 52). De toda forma, há que se concordar com Dante Galeffi (2009, p. 32) quando afirma que há “saltos qualitativos que só ocorrem pela conjugação de forças e não pela separação e fragmentação [...]” dos saberes.

Fagundes e Burnham (2001) alertam que a multirreferencialidade se constitui numa perspectiva de certa forma eclética do ponto de vista de se admitir outras formas de pensamento, às vezes até antagônicas. Mas que isso não se caracterize como uma terra sem lei, admitindo caminhar na falta do rigor necessário às pesquisas científicas, muito pelo contrário, na concepção das autoras, deve estar bem alicerçado aos fundamentos da pesquisa e “[...] ao balizamento preliminar das implicações que ligam o pesquisador, individual ou coletivo, a seu campo e a seu objeto. [...]” (FAGUNDES, BURNHAM, 2001, p. 51). A preocupação com o rigor metodológico também se faz presente nas nossas investigações e experimentações, de modo que tivemos que nos mobilizar para criar um contexto de produção de dados, que estivesse pautado nos contextos do objeto, da pesquisa e dos cotidianos dos praticantes do Ifes.

A partir desses pressupostos, encaramos a metodologia, que segundo Minayo (2002), consiste em ser “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade.” (2002, p. 16,). Mais adiante, no texto da autora, fica mais bem esclarecido que o caminho e a prática se referem às teorias que são empregadas no processo de investigação das pesquisas científicas do qual um estudo considerado de qualidade, não se pode furtar.

É importante dizer também que este trabalho se constitui como etapa final do curso de Mestrado Profissional em Educação: *Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas*, da Universidade Federal da Bahia (MPED-UFBA), devendo a produção resultar em um projeto interventivo, cuja proposta de atuação deverá incidir no contexto educacional da instituição de ensino na qual os mestrandos do curso se vinculam profissionalmente, conforme explicam Verônica Domingues Almeida e Maria Roseli Gomes Brito de Sá (2021). Nesse caso, esta pesquisa diz respeito ao Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes).

Dessa forma, durante todo percurso da formação, os mestrandos são provocados a pensar coletivamente, em um espaço de ensino e aprendizagem denominado Oficina⁹ sobre os desafios contemporâneos da educação a partir das

⁹ As oficinas são o componente curricular mais diretamente responsável pelas atividades investigativas e pela articulação com as redes, visando a intervir pedagogicamente em contextos de diversidade (ALMEIDA; SÁ, 2021, p. 945).

afetações de sua rede de atuação profissional, articulando-os às suas intenções de pesquisa, implicado com a realidade educacional que os cerca. Sendo assim, a proposta curricular do MPED-UFBA foi pensada, articulada e “[...] orientada para um percurso de pesquisa construído no cotidiano das escolas, envolvendo as comunidades educativas em suas singularidades e diversidades socioculturais” (ALMEIDA; SÁ, 2021, p. 941). Desse modo,

A intenção da proposta curricular do MPED-UFBA é que os Projetos de Intervenção sejam elaborados em relação direta com as atividades curriculares acadêmicas propostas no curso, bem como com as produções realizadas e os percursos formativos engendrados pelos mestrandos [...]. (ALMEIDA; SÁ, 2021, p. 948).

Fundante para nós são os referenciais acima explicitados, pois o trabalho de pesquisa germina e vai sendo pensado ao longo do percurso do curso MPED-UFBA até que, formal e efetivamente, possa ser implementado no Ifes. Assim, consideramos todo esse percurso formativo corresponsável pelas nossas escolhas e influência em nossa trajetória investigativa.

Um exemplo disso são as bibliografias sugeridas no decorrer do curso, sendo algumas referenciadas neste trabalho, e que, de certa forma, alicerçaram nossa caminhada. Reflexo dos “bons encontros”¹⁰, dialogados com Gilles Deleuze (2002), com nossa realidade no contexto do Ifes e no seu entorno, e com nosso próprio percurso enquanto estudante, profissional e ser no mundo.

Outro, foi vivido nos primeiros passos de aproximação com o campo de investigação, no início do mês de maio de 2022, através de uma proveitosa experiência provocada no bloco temático Oficina, do programa deste curso de mestrado. Foi proposta uma atividade intitulada de “Partilha da Pesquisa”, cujo objetivo seria compartilhar com a instituição a qual estamos vinculados profissionalmente e para a qual estamos desenvolvendo as nossas propostas de

¹⁰ Deleuze (2002), inspirado na obra *Ética de Espinosa*, desenvolveu seu pensamento em torno da relação existente entre a experimentação dos encontros (internos ou externos ao sujeito) e a força que resulta dessa afecção no devir humano. Na lógica desse pensamento, bons encontros, encontros prazerosos, são aqueles que potencializam o corpo, os sentimentos e afetos em seu modo de agir.

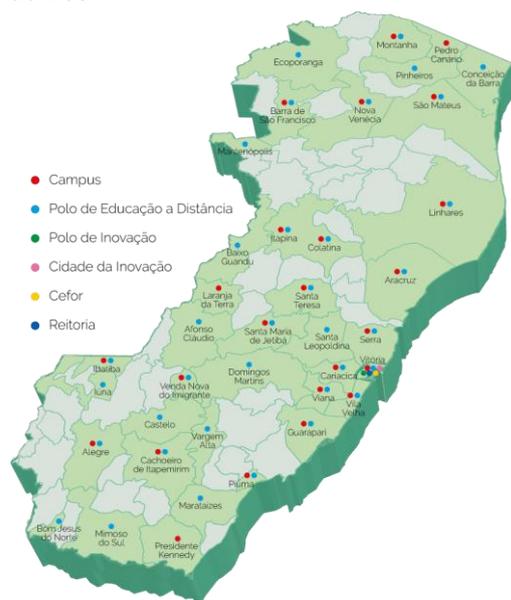
pesquisas interventivas, com intuito de proporcionar conhecimento e ouvir possíveis contribuições da comunidade em relação às nossas intenções de estudos.

No Campus São Mateus, a atividade teve como título geral “Escuta Interventiva”, e específico “Percepções Sensíveis no Ifes, Campus São Mateus”, e foi organizada por mim e pelo colega Evanilton Neri de Oliveira, também mestrando e servidor do Ifes. Participaram deste momento de apresentação, estudantes, servidores técnicos administrativos e professores. Na ocasião, foram lançadas muitas ideias construtivas para o amadurecimento das nossas intenções de pesquisa. Embora não faça parte da nossa metodologia de pesquisa propriamente dita, registra-se, portanto, que esse momento teve origem na atividade de um componente curricular, constituindo-se como momento de construção muito importante, principalmente para abrir espaço de aproximação com nossos sujeitos de pesquisa.

Mas antes de falar sobre os praticantes desse cotidiano, é necessário apresentar o Ifes e sua história.

5.1 CONHECENDO O LOCUS DA PESQUISA

Figura 4: Localização geográfica dos campi do Ifes.



Fonte: <https://www.ifes.edu.br/o-ifes>.

Cento e doze anos antecedem à trajetória histórica do Ifes, sendo o ano de sua criação em 1909, início do século XX. A escola profissionalizante carrega uma longa história de existência e relevância na educação profissional, no estado do Espírito Santo. História que acompanha as grandes mudanças sociais e econômicas, em diferentes momentos, que o país tem atravessado desde o final do século XIX e início do século XX, especialmente com a expressiva expansão industrial no país, embora, naquele período, os incentivos ao progresso industrial no estado ainda se mantivessem retraídos, contextualizam José

Candido Rifan Sueth et al. (2009), na obra comemorativa lançada pelos 100 anos de existência do Ifes. A “Escola dos Jovens Titãs¹¹” como ficou eternizada a escola profissional do estado do Espírito Santo., Uma escola que nasce pequena, em 1910, na cidade de Vitória, com a primeira unidade chamada de Escola de Aprendizizes Artífices do Espírito Santo (EAA), para tornar-se a gigante que é hoje, referência em educação profissional, que se faz presente em todo território capixaba. No início, funcionavam “[...] a escola primária e a de desenho, bem como as cinco oficinas de Marcenaria e Carpintaria, Sapataria, Ferraria e Fundição, Alfaiataria e Eletricidade” (SUETH et al., 2009, p. 43). Esta última formação somente era oferecida nos estados do Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro (ibid., p. 46).

De lá até aqui, a escola profissional passou por muitas mudanças, como as realizadas em suas denominações, nas alterações estruturais, nos níveis de escolaridade, a extinção de cursos e credenciamento de outros, a ampliação das modalidades de ensino, enfim, até chegar ao Instituto Federal do Espírito Santo, o Ifes, a partir da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que integra a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica composta por 38 Institutos Federais.

O Ifes segue atuando na educação profissional tecnológica, tendo acontecido sua expansão por todo Estado Espírito-Santense e desde sua última modificação, em 2008, possui uma estruturação única, originária da junção das antigas Instituições Federais: Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo, o Cefetes (criado em 1909), a Escola Agrotécnica Federal de Alegre (criada em 1953), a Escola Agrotécnica Federal de Itapina (criada em 1949) e a Escola Agrotécnica Federal de Santa Teresa (criada em 1940). Atualmente, o Ifes é formado por 24 unidades de ensino/campi e mais a unidade administrativa, a Reitoria (@IFES, 2020). Seus cursos vão ao encontro das lacunas deficitárias, de especialização da mão-de-obra, oriundas das principais atividades econômicas de cada localidade em que os campi estão instalados, fomentando, dessa maneira, o desenvolvimento econômico dessas

¹¹ Referência aos seis filhos homens da primeira descendência divina na mitologia grega originada da união de Urano e Géia. As seis filhas mulheres do casal são chamadas de Titânidas. Segundo o mito, os Titãs deram início à vida e a formação do mundo. São os ancestrais dos deuses olímpicos e também dos mortais.

regiões. Nessa dinâmica, a instituição tem investido também no ensino verticalizado com a implantação de cursos¹² de níveis superior e de pós-graduação (especialização e mestrado).

Junto a essa responsabilidade educacional no campo econômico, o Ifes não se furta aos interesses e anseios primordiais da sociedade, de modo que o Instituto norteia suas ações pautadas em cinco princípios básicos de sua existência, todos estabelecidos no Art. 3º do Estatuto do Ifes, uma das normativas que regem a instituição, os quais transcrevo abaixo:

- I. compromisso com a justiça social, equidade, cidadania, ética, preservação do meio ambiente, transparência e gestão democrática;
- II. verticalização do ensino e sua integração com a pesquisa e a extensão;
- III. eficácia nas respostas de formação profissional, difusão do conhecimento científico e tecnológico e suporte aos arranjos produtivos locais, sociais e culturais;
- IV. inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais e deficiências específicas;
- V. natureza pública e gratuita do ensino, sob a responsabilidade da União [...]. (IFES, 2010, p. 5).

Dessa maneira, o Ifes tem como missão primeira: “[...] promover educação profissional, científica e tecnológica pública de excelência, integrando de forma inovadora o ensino, a pesquisa e a extensão para construção de uma sociedade democrática, justa e sustentável [...]”, rumo ao anseio futuro de “[...] consolidar-se como referência em educação profissional, contribuindo para o desenvolvimento tecnológico e sustentável do Espírito Santo, com reconhecimento nacional e internacional [...]”, pautando-se em valores máximos de “[...] comprometimento, consolidação equânime, integração, ética, transparência, inovação, gestão democrática, inclusão e diversidade.”(IFES, 2019, p. 47).

Essas são, literalmente, a missão institucional, sua visão de futuro e seus valores, norteadores estratégicos que o Ifes tem em sua base e que direciona suas ações político-pedagógicas, enquanto instituição de ensino comprometida com o desenvolvimento econômico e social capixaba, sem perder o foco nas demais dimensões de vida cidadã e ambiental (IFES, 2019).

¹² Conheça os cursos técnicos e de graduação que o Ifes oferece atualmente através dos endereços eletrônicos: <https://proen.ifes.edu.br/cursos/tecnicos>, <https://proen.ifes.edu.br/cursos/graduacao> e <https://proen.ifes.edu.br/cursos/pos-graduacao>.

Para tanto, nada melhor do que a sua história, simbolizada através do livro comemorativo de sua centenária história em terras capixabas, intitulado “A Trajetória de 100 anos dos eternos titãs: da Escola de Aprendizes Artífices ao Instituto Federal”, para apontar os novos rumos que a Instituição tem alçado na busca pela excelência da educação, de forma ampla, justa, produtiva, ao mesmo tempo que sustentável, democrática e inclusiva:

A escola dos eternos titãs tem procurado orientar-se para o que se pode definir como os novos paradigmas da educação profissional, que visa a preparar não só para o trabalho, mas também para o exercício da cidadania. Assim, formará o trabalhador pensante e flexível, capaz de executar as tarefas de sua profissão e de contemplar mais que a dimensão simplesmente produtiva. A dimensão trabalho não pretende desvincular-se da preparação para a vida. A dimensão sociocultural e a científica almejam andar de mãos dadas na escola dos jovens titãs, na qual a formação para o trabalho não pretende desvincular-se da preparação para a vida [...]. (SUETH et al., 2009, p. 149).

Sendo esse um legado que nos encoraja na proposição deste trabalho e alimenta nossa esperança na possibilidade da germinação de frondosos territórios, que viabilizará uma futura implementação da nossa proposta.

5.2 CONHECENDO O CAMPUS SÃO MATEUS

Figura 5: Vista aérea do Ifes campus São Mateus.



Fonte: <http://saomateus.ifes.edu.br/o-campus-sao-mateus>.

O campus São Mateus está situado na cidade de São Mateus, localizada ao norte do estado do Espírito Santo, região interiorana e litorânea, distante a 220 km da capital Vitória. Instalado às margens da BR101, na região periférica, distante 8 quilômetros da área central da cidade e num espaço/terreno vizinho ao Centro Universitário Norte do Espírito Santo (Ceunes), campus pertencente à Ufes. O acesso ao bairro é feito por meio de transporte coletivo público ou particular, pois, além da distância, o trecho da rodovia não oferece segurança suficiente para ciclistas ou pedestres.

Até a instalação do Ifes e do Ceunes, o bairro era invisibilizado pela sociedade e pelo poder público e padecia pela estigmatização deixada pelo histórico de prostituição favorecida pela localização, às margens da rodovia BR101, marcas de um passado superado e que hoje tem como referência os dois campi de ensino da rede federal. Percebe-se que, nesses pouco mais de 10 anos de chegada do Ifes e do Ceunes ao bairro Litorâneo, foram promovidas algumas melhorias sociais e de infraestrutura para a comunidade do entorno, a exemplo do aumento das linhas de transporte público, o calçamento de ruas no bairro, empregos na área de serviços advindos dessas duas unidades de ensino, instalação de pequeno comércio, principalmente restaurantes, e construção de uma Unidade Básica de Saúde. Entretanto, economicamente, a comunidade, assim como o restante da cidade, sofre pela carência de oportunidades de trabalho e emprego.

É importante que se diga também que faz parte desse entorno o bairro Villages, construído há 7 anos, numa área mais afastada do bairro Litorâneo, originado pelo programa do governo federal “Minha casa, minha vida”, que proporcionou 1.004 moradias para famílias de baixa renda, oriundas de toda cidade. Embora o bairro ofereça os serviços mínimos de água, luz, tratamento de esgoto e pavimentação, os moradores não contam com creches para seus filhos, unidade básica de saúde, limpeza pública e coleta de lixo adequadas, destacamento policial, praça pública de convivência e outros serviços públicos. Isso reporta a imagem de que essa comunidade vive completamente isolada da municipalidade, fator esse que favorece a manutenção do estereótipo de bairro da criminalidade, deixando à mercê as centenas de pessoas honestas e trabalhadoras, e, acima de tudo, cidadãs.

O campus São Mateus está em atividades desde o ano de 2006. Suas atividades foram iniciadas com duas turmas do curso Técnico em Mecânica, que era vinculado à unidade de ensino do Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo - CEFET/ES. No ano seguinte, em 2007, foi aberta a primeira turma do curso Técnico em Eletrotécnica. A partir do ano de 2008, com a criação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, passa a integrar o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, junto às demais 23 unidades de ensino/campi e mais a unidade administrativa, a Reitoria (IFES, 2022).

A principal característica econômica da cidade de São Mateus está voltada para uma agricultura diversificada, segundo informações disponíveis no site institucional da Prefeitura Municipal (PMSM), na guia “A Cidade”. Notoriamente, evidencia-se na região rural, o forte cultivo do café¹³, pimenta-do-reino, aroeira e macadâmia. No entanto, houve um considerável avanço econômico, a partir dos anos de 1970, com a descoberta de campos de petróleo em terras mateenses e adjacências. Foi rápida a expansão na exploração e produção petrolífera sob o comando da Petrobras, que trouxe várias empresas do ramo e outras prestadoras de serviços para a cidade e no seu entorno, gerando assim, aumento na oferta de trabalho e o fomento econômico (PMSM, c2023). Dessa forma, a atividade petrolífera ganhou destaque e junto com a agricultura tornaram-se as principais atividades econômicas do município, conjuntura esta que, em pleno auge, ensejou a justificativa para abertura dos cursos integrados e subsequentes ao ensino médio de Elétrica e Mecânica, no Ifes do município de São Mateus, conforme registram os Projetos Pedagógicos dos cursos técnicos de Mecânica e Elétrica do campus São Mateus, o que reforça a base de atuação do Ifes prevista em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) para o quinquênio 2019/2 – 2024/1:

[...] como uma rede social de educação profissional e tecnológica, atuará de forma mais abrangente e eficaz nas demandas crescentes por formação de recursos humanos, difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos, em sintonia com os arranjos produtivos locais, como forma de efetivar o seu compromisso social. (IFES/PDI, 2019, p. 39-40).

¹³ Segundo registros do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural, o Incaper: “a cafeicultura é a principal atividade agrícola do Espírito Santo, desenvolvida em todos os municípios capixabas (exceto Vitória)”, sendo ainda o estado, “o 2º maior produtor brasileiro de café, com expressiva produção de arábica e conilon” (@Incaper, 2020).

Esse cenário socioeconômico favorável começa a se modificar nos últimos cinco anos, na realidade mateense, devido ao gradativo encerramento das atividades da Petrobrás na cidade e no seu entorno, levando embora grande parte de suas empresas prestadoras de serviços e, com isso, as ofertas de empregos.

Atualmente, o Ifes campus São Mateus continua atuando na oferta dos cursos técnicos, integrados ao ensino médio e subsequentes, de graduação e de pós-graduação nas áreas de mecânica e eletrotécnica. Segundo consta nos registros da Plataforma Nilo Peçanha¹⁴ (PNP), no ano de referência 2021, o campus São Mateus possuía, em média, 1.000 (mil) discentes matriculados nos níveis de ensino ofertados. Ainda, segundo a PNP, numa visão geral do instituto, a maior parte desses estudantes são jovens que estão dentro da faixa etária entre 15 e 24 anos de idade, correspondendo a um total de 83% e 88%, nos cursos de graduação e técnicos, respectivamente.

No que diz respeito ao quantitativo de servidores, que atuam no campus, são 56 de carreira administrativa e 66 de carreira docente, incluídos os docentes contratados em designação temporária (IFES, 2021), 10 estagiários e bolsistas, conforme registros da Coordenadoria Geral de Gestão de Pessoas do campus. O campus também conta com o trabalho de 15 funcionários terceirizados que prestam serviços continuados nos contratos de limpeza, segurança e vigilância patrimonial e manutenção predial, conforme informações coletadas diretamente na Diretoria de Administração e Planejamento. Somados, apuramos que a unidade de São Mateus possui uma população geral em torno de 1.147 pessoas.

5.3 PRÁTICAS EDUCATIVAS NO CAMPUS SÃO MATEUS

“O Ifes é maior do que parece!”

Jadir José Pela¹⁵

¹⁴A Plataforma Nilo Peçanha (PNP) uma ferramenta virtual criada pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (SETEC/MEC) e que oferece acesso a dados acadêmicos, orçamentários e de gestão de pessoal das unidades da Rede Federal.

¹⁵ Reitor do Instituto Federal do Espírito Santo, mandato 2021-2025. Frase que abre o texto de apresentação do atual PDI do instituto (IFES, 2019, p. 15).

Embora o campus São Mateus, assim como todo o Ifes, volte suas ações primeiras na atuação do ensino técnico e tecnológico e, de toda forma, não poderia ou deveria ser diferente, afinal, isso faz parte de sua missão de existir no seio capixaba, ele também vem atuando de forma importante em ações outras que potencializam a formação humana.

O Ifes reconhece e toma para si a importância da educação básica, assim, se preocupa não só com a qualidade da formação técnica e profissional, que vai oferecer ao mundo do trabalho, mas também com a formação do ser humano no mundo como um todo. Por isso, desde sua instalação, no Espírito Santo, quase completando 114 anos, o Ifes acompanha essas mudanças sociais, se fazendo presente e atuante na sociedade capixaba.

Sendo assim, o desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão do Ifes são pautados em concepções político-pedagógicas que também orientam para a valorização da formação humana. Assim institui o PDI:

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão pressupõe que cada uma dessas atividades, mesmo que realizadas em tempos e espaços distintos, tenham um eixo fundamental: constituir a função social da instituição de democratizar o saber e contribuir para a construção de uma sociedade ética e solidária. (IFES/PDI, 2019, p. 38).

O Plano de Desenvolvimento Institucional (2021-2024) traz essa preocupação com a dimensão formativa mais ampla dos sujeitos no Ifes, e nas ações de governança, possui princípios norteadores com a finalidade de alcançar as demandas atuais da sociedade. Um desses princípios diz respeito à formação integral do ser humano, que consiste num processo de educação permanente e em todas as suas dimensões, sejam elas, “ética, estética, política, científica e tecnológica” (IFES/PDI, 2019, p. 68), e alinha-se aos principais debates em torno da educação contemporânea que:

[...] considera o sujeito como um ser social, histórico e cultural, constituído por meio das interações com os outros em uma sociedade criada pelo homem e que, concomitantemente, tem criado o próprio homem. Nessa perspectiva, a educação possibilita a apropriação de conhecimentos indispensáveis para o exercício da cidadania, o desenvolvimento da produção de novos conhecimentos a partir de uma prática interativa com a realidade, o preparo para o exercício de profissões, a ampliação cultural, além de fornecer meios para progredir nos estudos e no trabalho, sobretudo em uma sociedade

desejosa por maior igualdade entre as classes sociais e entre os indivíduos que as compõem. (IFES/PDI, 2019, p. 68).

O Ifes acompanha e vem atuando de forma ativa sobre as atuais discussões, no campo da educação, de modo consciente e ativo nas suas responsabilidades enquanto ente público a serviço da sociedade e de seu bem maior: oferecer educação pública de qualidade, justa, inclusiva e democrática.

O quadro abaixo traz algumas ações educativas mais recentes desenvolvidas pelo Ifes campus São Mateus. Dentre tantas outras, estas, singularmente, engajam a perspectiva da formação humana e que envolvem a perspectiva da formação humana.

Quadro 1: Recorte das ações educativas do campus São Mateus com a perspectiva da formação humana.

Ação	Título	Objetivo	Situação
Projeto de Extensão	Cinema, Ciência, Filosofia e Direitos Humanos	Criar espaços de diálogo e troca de experiências acerca de temáticas relacionadas aos direitos humanos, bem como possibilitar a formação humana e crítica a partir de tais perspectivas.	Em andamento
Programa de Extensão	Criança Feliz	Promover a integração dos alunos do Ifes com comunidades em situação de vulnerabilidade social.	Em andamento.
Curso de Extensão	Iniciação musical	Vivenciar os elementos básicos da música e a respectiva escrita na partitura.	Em andamento
Curso de Extensão	Cartas, ciências e sexualidades: pensando os modos de dizer-dialogar sobre questões do presente	Instaurar um espaço formativo que permita pensar as articulações de cartas, ciências, sexualidades e temáticas contemporâneas.	Em andamento
Curso de Extensão	Projeto Direção	Aprimorar habilidades soft skill para egressos de cursos técnicos e profissionalizantes de modo a melhor inserção dos estudantes em empresas da região norte do Espírito Santo.	Em andamento
Pesquisa	KULTUR Grupo de estudos e pesquisas em filosofias, educações, ciência, culturas e sexualidades	Estudos nas temáticas de Pensamento Contemporâneo, Gênero e Sexualidades e, Filosofia e Antropologia das Ciências.	Em andamento
Projeto de Extensão	História com Beiju - A história mateense na palma da mão: a	Contribuir para ações de desenvolvimento social e turístico sustentável para a cidade de São	Finalizado

	tecnologia a serviço do patrimônio local.	Mateus e região através da construção de um aplicativo voltado para o turismo local e a história mateense.	
Projeto de Extensão	Ifes SM Divulga	Criar uma rede de divulgação de produtos e serviços oferecidos por estudantes e/ou seus familiares.	Finalizado
Programa de Extensão	Educação de Jovens e Adultos e Desenvolvimento Local	Construir coletivamente, com comunidades quilombolas rurais da região norte do Espírito Santo, um programa de educação para o desenvolvimento comunitário local sustentável que possibilite a transformação local sustentável que possibilite a transformação social e consolidação de bem-estar e qualidade de vida para a população quilombola implicada neste programa.	Finalizado
Curso de extensão	Inclusão digital para a terceira idade	Oferecer capacitação para o público da terceira idade sobre informática e plataformas digitais.	Finalizado

(Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da fonte:

<http://saomateus.ifes.edu.br/pesquisa-pos-graduacao-e-extensao-eros>. Acesso em 23 out. 2023)

Essas são algumas das ações promovidas pelo Ifes campus São Mateus e que refletem seu compromisso e papel social de ser um agente de transformação positiva em seu entorno. Podemos compreender e afirmar, através dessas ações, que o Ifes é uma instituição que vai além do ensino profissional, desempenhando um papel integral na melhoria da qualidade de vida e do desenvolvimento de sua comunidade circundante. Além disso, o Ifes se dedica a desenvolver uma formação mais abrangente, preparando os alunos não apenas para o mercado de trabalho, mas também para o exercício da cidadania. Essa visão mais ampla da educação não apenas enriquece a vida dos estudantes, mas contribui para o crescimento sustentável da comunidade, promovendo a inovação, o empreendedorismo e a participação cívica.

5.4 QUADRADINHOS DO AMOR FORMAM UMA BELA COLCHA: A CONSTRUÇÃO DE DADOS

A pesquisa vai tomando forma e corpo a partir de várias etapas, como o levantamento bibliográfico inicial que buscou encontrar referenciais, que

colaborassem com nosso objeto de estudo. Assim, buscamos identificar trabalhos cujo foco de estudos enfatizam a artesanaria do crochê que, de alguma forma, dialogassem com a perspectiva da formação integral ou formação humana. Com as apresentações no Grupo de Pesquisa, Educação, Comunicação e Tecnologia (GEC) da Ufba, recebemos sugestões para aperfeiçoar a construção do projeto; no próprio momento da qualificação, rico momento de incentivo à continuidade da pesquisa e indicação de investimento em vários elementos do trabalho apresentado; nas trocas com colegas e orientador; durante os blocos temáticos e oficinas e, claro, na interação com os praticantes do Ifes, lócus da pesquisa.

O primeiro momento de construção dos dados compreende a fase exploratória, na qual observamos que ainda são realizados poucos estudos acadêmicos com a temática pretendida neste trabalho. Logramos êxito em alguns artigos de revistas e trabalhos de conclusão de cursos de especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado, que têm como temática o *saberfazer* crochê e suas potencialidades, bem como encontramos estudos relacionados com outras artesanias como tricô, patchwork, bordados à mão, renda e cerâmica. A maioria desses trabalhos trazem esses fazeres manuais como elementos que potenciam o fomento e fortalecimento social, cultural, afetivo, de moda e de sustentabilidade.

Dessa forma, esses estudos preliminares formam uma teia de conhecimentos teóricos que trazem fundamentos às nossas proposições iniciais e que, costurados a obras literárias, algumas apresentadas durante o percurso do mestrado como já comentamos, nos ajudam na compreensão do fenômeno ou processo do *saberfazersentir* crochê como dispositivo de escuta sensível aliado ao campo educacional e sob a perspectiva de formação humana.

Nosso espaço de buscas compreendeu o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Portal Scielo, a ferramenta de pesquisa virtual Portal Google Acadêmico, repositórios institucionais do Ifes e da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e contato direto com o repositório da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Buscamos também por livros na biblioteca virtual do Ifes e a local do campus São Mateus, mas foi o espaço da internet o principal mecanismo de busca e acesso

às referências bibliográficas. Os descritores que utilizamos em nossas buscas foram: crochê, crochê+educação, crochê+escola, artesanto+educação, artesanato+escola, sensível na escola, educar sensível, formação integral, formação humana, escuta sensível, crochê+oficina+dialógica, crochê+arte+educação, artesanaria+educação, arteterapia+crochê, arte+educação, sem limitação periódica de busca, das quais elegemos destaque sob o critério de pesquisas que tratam das artesanias mais popularmente conhecidas:

Quadro 2: Algumas produções acadêmicas que trabalham a temática das manualidades artesanais.

Artesania	Produção acadêmica	Tema	Objetivo principal	Autor
Crochê	Dissertação	Porque os doutores possuem em suas cozinhas panos de prato adornados com pontilhas de crochê...	Investigar, etnograficamente, as práticas têxteis populares do crochê como expressão cultural de resistência	CARVALHO, Sandra Helena de Escouto (1998)
Crochê	Artigo	Tecer e empoderar: as entrelinhas do saber-fazer do crochê de um grupo de mulheres artesãs	Abordar o ofício do crochê e os valores relacionados ao saberfazer do artífice, focalizando o trabalho de mulheres crocheteiras da região Sul do Estado de Minas Gerais, Brasil, pelo viés do patrimônio imaterial.	LEMES, Bianca Xavier; PEREIRA, Andréa Franco (2020)
Crochê	Dissertação	O “saber-fazer” do crochê: valores do artífice e do patrimônio imaterial	Abordar o ofício do crochê e os valores relacionados ao <i>saberfazer</i> do artífice e ao patrimônio imaterial.	LEMES, Bianca Xavier (2017)
Crochê	Monografia	Crochê e Educação: uma proposta pedagógica prática para	Explorar a potencialidade da arte do crochê no meio educacional como possibilidade	FELIX, Jaciara da Costa Rodrigues (2022)

		transdisciplinaridade e no Ifes campus São Mateus	de ferramenta educacional inovadora e criativa a serviço da educação Integral dos sujeitos do Ifes campus São Mateus.	
Crochê	Artigo	Memória do crochê: cultura afetiva em objetos biográficos.	Compreender a importância das relações afetivas, entre os seres humanos e os seus objetos biográficos do cotidiano,	MOURÃO, Nadja Maria; OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro (2021)
Patchwork	Artigo	O Patchwork como expressão para uma educação multicultural.	O estudo se insere na linha de pesquisa das Práticas Educativas nas Instituições, vinculada ao núcleo Temático educação e Artes, do Programa de Pós-Graduação do Centro de educação da UFSM-SM-RS. A experiência educativa abordou as práticas vividas pelos educandos na prática popular em criação e confecção de "Patchwork", possibilitando a eles o contato com culturas e formas diferentes de vivenciar o seu cotidiano.	MINETTO, Sandra Borsoi; NUNES, Ana Luiza Ruschel Nunes (2007)
Bordado	Tese	Bordados e bordadeiras Um estudo etnográfico sobre a produção artesanal de bordados em Caicó/RN	Investigar como o bordado – uma prática artesanal, doméstica, feminina – permite acessar questões de ordem social, econômica, histórica e cultural de uma determinada região	BRITO, Thaís Fernanda Salves de (2010)

			do nordeste brasileiro.	
Crochê	Monografia	Crochê: o resgate cultural e seus arsenais na prática do designer de moda	Estabelecer como ferramenta fundamental a técnica do crochê a favor do resgate cultural no processo de criação e inovação do produto de moda.	SILVA, Bruna Vilas Bôas da (2015)

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos resultados das buscas realizadas pela internet

O segundo momento da construção dos dados foi junto à comunidade interna do Ifes campus São Mateus.

5.5 ELEGENDO OS PRATICANTES DA PESQUISA

Segundo Laville e Dionne (1999), a construção de dados através do testemunho é comum nas pesquisas em ciências humanas, de modo que cumprem com a finalidade proposta, pois “[...] permite a exploração dos conhecimentos das pessoas, mas também de suas representações, crenças, valores, opiniões, sentimentos, esperanças, desejos, projetos, etc. [...]” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 183).

No intuito de despertar e estimular o referido diálogo, a pesquisa foi articulada para acontecer em três momentos simultâneos e igualmente provocativos: o 1º momento consistiu no reconhecimento do ambiente e no acolhimento aos participantes; no 2º momento, se deu a provocação para o engajamento na conversa coletiva e, por fim, o 3º momento foi a experimentação do fazer crochê.

Essas etapas constam resumidamente em um roteiro, Roteiro da Dinâmica da Pesquisa de Campo, que se encontra no Apêndice A deste trabalho, e foi criado para auxiliar e guiar a pesquisadora na condução da pesquisa. Um desses momentos diz respeito à coleta dos relatos/testemunhos tendo como referência 12 questões do tipo abertas.

Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências e os pontos de vista do informador. O processo de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 51).

Sobre as questões do roteiro, elas foram construídas num formato aberto e pensado para oferecer aos respondentes maior liberdade para expressar seus relatos livremente e com suas próprias palavras, opiniões e pensamentos. Embora as questões do roteiro não tenham sido submetidas, metodicamente, uma a uma, a cada um dos participantes, pois nossa intenção foi que a partir delas se iniciasse um profícuo diálogo coletivo e não coletar quantitativamente o que pensam cada um sobre cada questão. Consideramos essas questões sob a forma de um roteiro que auxiliou no estabelecimento de uma conversa. Baseamos essa construção de roteiro para estimular o diálogo entre os participantes da ambiência, inspirados na produção de questionários de Laville e Dionne (1999), que revelam que o questionário, dada sua versatilidade, é um instrumento que pode ser usado para capturar esses tipos de informações. Principalmente quando construído de modo que possibilite flexibilidade aos respondentes, como acontece nesse caso.

Os três momentos da pesquisa foram muito ricos, abrindo um campo intenso de indícios, pistas e informações, de modo que a investigadora esteve à espreita durante todo o tempo, ora através dos diálogos, ora através da observação.

Para Virgínia Katrup, esse momento da pesquisa, quando produzimos dados, é o momento de ficar à espreita, atentos no sobrevoo, como no voo de uma águia, esperando o momento para captar o melhor lance. Para autora, “a atenção cartográfica - ao mesmo tempo flutuante, concentrada e aberta” (KASTRUP, 2009, p. 34) proporciona ao pesquisador cartógrafo conseguir captar o que já estava lá de modo virtual, assim a utilização do termo produção de dados e não coleta de dados. Para ela, o que Freud denominou de atenção flutuante, ou reconhecimento atento; para Bergson, evidencia a relevância da atenção que não pode ser entendida simplesmente como seleção de informações, mas de onde pousar essa atenção diante de tantos elementos que podem surgir. Desse modo, a pesquisadora buscou

dar relevância para o que pudesse ser negligenciável em outros contextos investigativos, como a postura dos praticantes, suas expressões corporais, suas entonações e falas, o tempo de permanência e retorno ao ambiente oferecido no momento da produção de dados, etc.

Além das anotações de campo oriundas das observações realizadas, definidas por Bogdan e Biklen (1994, p. 150), como “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo..”. O registro dos achados foi realizado através de áudio e vídeo, capturados por uma câmera filmadora montada com tripé e de um aparelho de celular, e através das anotações realizadas pela pesquisadora. Assim, propusemos uma metodologia aberta, construída através da participação livre dos praticantes desta pesquisa, dos seus testemunhos, de seus fazeres e da escuta sensível da pesquisadora.

Na compreensão de que a escola não é um espaço fechado, que finda em si mesma, mas faz parte de todo um complexo social em rede, que afeta e é afetado pelo meio e que o objeto de estudos deste trabalho entrelaça tais vivências coletivas e colaborativas no meio escolar, fazem jus à participação da amostra da pesquisa a comunidade do campus São Mateus e os que nela se inserem cotidianamente. São eles, os estudantes, os servidores (administrativos, docentes e gestores), os funcionários terceirizados que prestam serviços nas dependências do campus São Mateus, os estagiários e os bolsistas.

Para compor a amostra, foi feito um chamamento/convite a todos os segmentos da comunidade interna do Ifes para participação voluntária na pesquisa com a perspectiva de que todos os segmentos desse cotidiano pudessem ser representados na produção de dados. Nesse tipo de construção de amostra, por voluntários, prevalece a escolha não probabilística, ou seja, não faz uso de tratamento estatístico para delimitar o tamanho da amostra. Desse modo, Laville e Dionne (1999, p. 331) falam que a amostra não-probabilística é “[...] composta a partir de intervenções intencionais do pesquisador, os elementos da população não possuem a mesma possibilidade de ser selecionados e suas chances de serem-no não são conhecidas [...]”.

Ainda que esses autores apontem desvantagens para esse procedimento, pois eles alegam que alguns objetos de pesquisa podem tornar ocasional às generalizações, compreendemos que não se aplica nessa pesquisa, pois se pretende ouvir a comunidade e aprender com ela, portanto, não tem foco na generalização dos achados.

Desse modo, a pesquisa contou com um total de 29 participantes e conseguiu alcançar todos os segmentos da comunidade Ifes. Destes, 9 eram do sexo masculino e 20 do sexo feminino, divididos em 3 estagiários/bolsistas, 6 discentes, 2 docentes, 12 técnicos em assuntos educacionais (TAE) e 6 funcionários terceirizados. Na concepção de Zanella (2006, p. 101-102), a construção de amostras não probabilísticas depende da interpretação do pesquisador, ou seja, é o próprio pesquisador quem define o quanto da amostragem é suficiente, conforme a qualidade dos dados que se obtém em campo. Portanto, considerou-se suficiente a amostra, uma vez que os dados construídos foram potentes e contemplaram a comunidade, suas expectativas, percepções pontuais e particulares.

No que diz respeito ao alcance satisfatório de participações, alguns pontos confluíram para tal, de modo que consideramos que três fatos colaboraram positivamente para influenciar as pessoas à livre participação na pesquisa. Foram eles: o convite feito antecipadamente tanto por e-mail quanto pessoalmente com uma prévia explanação dos objetivos da coleta de dados, conforme já explicamos. Outro fato foi a estratégia de deixar o horário livre durante o dia todo para participação conforme a disponibilidade da comunidade interna. E o último fator se deu pela caracterização do espaço onde aconteceu a pesquisa, o “Cantinhos do Crochê”, com a exposição de diversos materiais, produtos e utensílios para prática do crochê, que chamou a atenção e despertou a curiosidade das pessoas que por ali transitavam.

É importante registrar também que, desde os primeiros movimentos desta pesquisa, houve uma receptividade positiva na acolhida dos estudos, seja por parte da gestão ou por parte da comunidade. Isso ficou evidente na participação de 29 praticantes, representando todos os segmentos da comunidade na construção dos dados, tendo em vista que ela aconteceu no campus, em um dia letivo e de atividades

administrativas normais, o que poderia causar empecilhos devido às obrigações cotidianas de cada um dentro desse contexto.

5.6 PROCESSO DE CONQUISTA DOS PARTICIPANTES: A CONSTRUÇÃO DO NOSSO “CANTINHOS DO CROCHÊ” E SEUS PRATICANTES

A pesquisa de campo foi realizada no dia 02 de março de 2023, na sala de aula “B3” do anexo B, do campus São Mateus, em um dia letivo e administrativo rotineiros. A realização da construção de dados junto à comunidade aconteceu em sala de aula, que por si só remete a um ambiente onde acontecem processos educativos padrão, muito diferente do que se propõe neste trabalho. Compreendemos que ali, naquele ambiente fechado, havia um elemento que dificultaria a chegada dos participantes e que para criar a ambiência que desejamos, ela precisa acontecer em locais de fácil acesso. No entanto, justificamos a escolha do espaço, em primeiro lugar, devido às limitações estruturais e de mobiliário que o campus São Mateus enfrenta, o que acabou por dificultar a montagem do “Cantinhos do Crochê” em outro espaço que julgamos, a princípio, mais adequado.

Por outro lado, encaramos essa dificuldade como uma oportunidade de estar mais próximo e visível de onde os segmentos da comunidade transitam cotidianamente, além de ser um ambiente familiar e que todos pudessem se sentir

Figura 6: Cantinhos do crochê.



Fonte: Arquivo pessoal.

livres para entrar ou espiar pelo vidro da porta. Embora fosse um ambiente fechado, houve bastante repercussão de comentários a respeito do que estava acontecendo naquele ambiente, atraindo curiosos e participantes para nossa pesquisa.

Na sala de aula, foi preparado um ambiente chamado de “Cantinhos do Crochê”, onde as mesas e cadeiras foram organizadas de modo circular e expostos vários objetos confeccionados com artesanias do crochê (panos de prato, bolsas,

bonecas, tapetes, tiaras de cabelo, *shorts*, ponteiras de canetas, etc.). Também compôs o ambiente o balaio de costuras da pesquisadora, contendo novelos de linhas/fios de várias cores, texturas e espessuras, agulhas variadas, revistas do gênero e outros utensílios usados na prática do crochê.

Antecipadamente ao dia efetivo da pesquisa, foi feito o convite via e-mail para participação de todos os segmentos do Ifes, mas também o convite ocorreu pessoalmente, nos setores de trabalho, nas salas de aula, nos corredores e nas áreas de convivência. Nesse momento, a temática e os objetivos da pesquisa foram explicados de modo que despertassem o interesse nos participantes, assim como, para que os discentes menores de idade pudessem em tempo hábil, colher as devidas autorizações de seus responsáveis.

Durante a fase de convites, tivemos um retorno positivo no interesse de participação na pesquisa; no entanto, devido à realização acontecer em dia típico de aulas, alguns praticantes manifestaram dificuldades na agenda, seja por estar em aula, ou em reunião, ou em outra atividade acadêmica. Diante disso, optamos por uma dinâmica de participação com horário aberto durante todo o dia, das 8h às 17h, de modo que todos tivessem a flexibilidade de participar no horário que lhes fosse mais conveniente.

O “Cantinhos do crochê” pretendeu despertar a curiosidade nas pessoas do que estava acontecendo

Figura 7: Tecendo saberes no Cantinhos do crochê.



Fonte: Arquivo pessoal.

que estava acontecendo naquele espaço escolar e várias pessoas que transitavam por ali abriam a porta para dar uma espiada. Também pretendíamos trazer aos participantes uma atmosfera familiar e diferente do que é proposto no espaço de uma sala de aula, remetendo a um lugar de aconchego, lembranças e

desejos e que, de algum modo, deixasse os participantes sentirem-se à vontade e descontraídos nas suas falas, expressões e contribuições.

Para compreensão da organização da dinâmica, ela foi pensada para acontecer em três momentos não distintos e simultâneos: No 1º momento, à medida que os participantes iam chegando, às vezes sós, às vezes em grupos de 2 ou três pessoas, eram acolhidos a se juntar ao grupo que ali já estava e a explorar o local e materiais e, na medida que se abria uma oportunidade no meio da conversação, eram provocados também a participar das discussões, e esse caracterizava o 2º momento, que era ouvir esses praticantes. O 3º momento consistia na prática do crochê, em que os participantes eram convidados à experimentação do fazer, que acontecia em qualquer tempo que eles estivessem presentes no local. Alguns participantes ficaram o dia todo no “Cantinhos do Crochê”, e teve participante que foi e voltou várias vezes. Porém, nem todos quiseram experimentar o fazer crochê, enquanto outros manifestaram iniciativa em praticá-lo, incluídas aí, pessoas do sexo masculino. O que compreendemos como uma pista importante em torno da abertura da sensibilização da comunidade Ifes para a questão de gênero em direção à desconstrução de qualquer preconceito.

Desse modo, a todo instante aconteciam os três momentos da dinâmica com a exploração do local, as discussões junto com as experimentações do fazer, quem sabia tecer ia ensinando quem não sabia e assim iam acontecendo as trocas tanto do fazer como saberes outros no entorno do crochê.

Dessa maneira, não se pretendia estabelecer uma rotina que tivesse começo, meio e fim, ou grupos com horários preestabelecidos, ou ainda, seguir rigorosa e sistematicamente as questões do roteiro, mas provocar o diálogo centrado e guiado no Roteiro da Dinâmica da Pesquisa de Campo (APÊNDICE A), numa dinâmica de conversação aberta no entorno daquelas questões. O diálogo era provocado pela pesquisadora mediante indagações não direcionadas especificamente a determinado participante, mas ao grupo que estava presente e, assim, aquele que sentia o desejo, contribuía. Essa experimentação vai ao encontro do que defende Maturana (2002) sobre aprendizagens de vida compartilhadas.

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. (MATURANA, 2002, p. 29).

Ainda segundo Maturana (2002), as experimentações vividas nos grupos sociais, como esta que ora propomos, são mais efetivas sob o ponto de vista de potencializar o educar humano de modo que essas aprendizagens e experiências compartilhadas são mais facilmente absorvidas pelos grupos de indivíduos, reverberando sobre eles próprios, podendo, ainda, se multiplicar no tempo e no espaço.

O registro dos dados foi feito por meio de uma câmera filmadora, gravação de áudio em aparelho celular e anotações feitas pela pesquisadora.

5.7 ESCOLHA DE FIOS, AGULHAS E GRÁFICOS: DISPOSITIVOS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS

A construção de dados foi conduzida por meio de um roteiro semiestruturado que apresenta perguntas organizadas em blocos temáticos afins. A íntegra do roteiro, que é composto por 12 perguntas abertas e consta no Apêndice A desta pesquisa, e tem como título: "Roteiro da dinâmica da pesquisa de campo". As questões foram selecionadas em virtude de sua afinidade temática. Para otimizar a análise dos dados, procedemos à sua divisão em três blocos distintos de questões

No primeiro bloco, agrupamos as perguntas que se dedicam a explorar o contato e o interesse do praticante com a arte do crochê. Aqui, a intenção é capturar *insights* valiosos relacionados às motivações, paixão subjacente e narrativas que evidenciam o envolvimento e a proximidade dos praticantes da pesquisa com essa forma de artesanato. Nesse contexto, buscamos capturar *insights* significativos relacionados às motivações que os impeliam, à paixão subjacente que nutria seu envolvimento e às narrativas que iluminam suas conexões pessoais com essa forma de artesanato.

Ao direcionar nosso foco para essas perguntas, nosso objetivo é desvendar as motivações intrínsecas que impulsionam os praticantes a se envolverem com o crochê. Buscamos compreender a paixão que residia no cerne de sua dedicação a essa forma de expressão artística, bem como identificar as narrativas pessoais que revelam a profundidade de seu relacionamento com o crochê.

No segundo bloco, direcionamos particular atenção às questões que exploram o profundo sentimento de ligação dos praticantes com o Ifes (Instituto Federal do Espírito Santo) e o significado que essa instituição representa para eles. Buscamos compreender não apenas como os praticantes se sentem em relação ao Ifes, mas também o que essa instituição representa em suas vidas e experiências. Por meio dessas indagações, nosso objetivo é adentrar nas percepções e relações pessoais que os praticantes mantêm com o IFES, desvendando as camadas mais profundas de envolvimento e significado que essa instituição educacional tem em suas trajetórias e jornadas acadêmicas. Isso nos permite capturar nuances significativas de como o Ifes desempenha um papel fundamental em suas vidas e como eles se identificam com a instituição.

Por fim, no terceiro bloco, direcionamos nosso enfoque para as questões que exploram os sentidos e significados que os praticantes atribuem ao ato de praticar o crochê em um contexto específico: o Ifes em particular no campus de São Mateus. Nesse estágio, nosso intento foi aprofundar nossa compreensão sobre como essa atividade artesanal se entrelaça com a vida acadêmica e a experiência cotidiana dos participantes, expondo camadas mais profundas de significado e conexão.

O diálogo não foi provocado de forma direta para um participante específico, mas sim para o grupo presente como um todo. Encorajamos uma dinâmica de conversação livre, na qual aqueles que sentiam o desejo e a disposição, podiam contribuir de forma espontânea.

Essa abordagem favoreceu um ambiente de interação e compartilhamento, onde as vozes dos participantes se entrelaçaram naturalmente, enriquecendo a pesquisa com perspectivas diversas e experiências singulares. Fomentamos um

espaço de troca de ideias e narrativas, onde o diálogo se desenvolveu de maneira orgânica e genuína, sem as amarras de um roteiro rígido, permitindo que as nuances e profundidades das histórias emergissem de forma espontânea.

Nossa abordagem buscamos evitar a imposição de uma rotina com um início, meio e fim pré-determinados; a formação de grupos com horários estritamente estabelecidos ou a adesão rígida e sistemática às questões do roteiro. Em vez disso, o objetivo primordial foi fomentar um diálogo genuíno, direcionado pelo roteiro, promovendo uma dinâmica de conversação aberta em torno daquelas questões.

Qualquer indivíduo que sentisse o desejo de participar era incentivado a contribuir, criando um ambiente de discussão inclusivo e fluido. Essa abordagem permitiu que as vozes e perspectivas dos participantes fluíssem naturalmente, enriquecendo a pesquisa com uma variedade de experiências e visões de mundo.

Ao todo, 29 praticantes estiveram presentes no “Cantinhos do Crochê” com alcance de todos os cinco segmentos da comunidade Ifes. Desse modo, visando captar os pontos importantes, não só de modo particular, mas como se expressa de modo geral cada segmento da comunidade do Ifes, estes foram identificados com as siglas abaixo, que vem sempre precedendo os pseudônimos adotados para resguardar suas identidades. Identificamos os praticantes pelas cores dos fios de crochê da marca mais usada pela pesquisadora no seu fazer manual. As cores foram escolhidas de modo que identificasse o gênero dos praticantes. Essa escolha tão somente se deu no intuito de também demonstrar as opiniões e interesses particulares de homens e mulheres sobre o assunto, culturalmente, atribuído a um fazer feminino.

- DIS – para o segmento discentes
- FUT – para o segmento dos funcionários terceirizados
- DOC – para o segmento dos servidores docentes
- TAE – para o segmento dos servidores técnicos em assuntos educacionais
- ESB – para o segmento dos estagiários e bolsistas

Nessa vivência com a manualidade do crochê, buscamos percorrer o *fazer*, o *saber* e o *sentir* humano. O *fazer*, explorando a técnica e prática do fazer; o *saber* trazido nas memórias e lembranças e o *sentir*, expressado nas sensações, nas emoções, nas percepções. O que estamos chamando aqui de *saberfazersentir* ou *pensamentoação sentimento*. Para isso, para além do fazer ou iniciar o aprender fazer crochê, os participantes foram convidados também ao estímulo sensorial de linhas, que materiais as constituem (acrílico, algodão, lã, cores e texturas), os tipos de agulhas e receitas. Nossa intenção foi capturar e registrar o maior número possível de pistas e informações para a montagem dos nossos *squares* imaginários ou quadradinhos do amor¹⁶, expressos por meio da oralidade, da escrita, de imagens, de gestos, das emoções, das lembranças, do compartilhamento de saberes, das experiências relacionadas com crochê, se sabem crochetar ou se conhecem alguém que saiba.

O clima, a atmosfera daquele ambiente em torno de um fazer comum às pessoas e mais, um fazer potente nos atravessamentos, tornou aquele momento coletivo amigável, prazeroso, criativo, onde todos estavam no mesmo nível de conexão, falando a mesma linguagem, com seus anseios, seus desejos, suas perspectivas. Ali não figuravam as tradicionais dicotomias servidores/funcionários terceirizados, gestores/subordinados, professores/estudantes, professores/técnicos administrativos, eram todos iguais nas suas diferenças. Desse modo, o seu fazer que é individual, cada qual com seu material, mas que, experimentado e vivenciado coletivamente, pode reverberar sobre esse coletivo, de modo individual, ou não.

Desse modo, a participação de todos os seguimentos foi muito relevante, rica e potente do ponto de vista das pistas que foram dadas, e outras captadas, ou percebidas nos movimentos que se teciam, contribuindo sobremaneira para a compreensão do fenômeno *saberfazersentir* na perspectiva da formação humana, e para a decisão quanto à ação interventiva no formato de projeto que estamos propondo.

¹⁶ Vide conceito na nota de rodapé nº 6.

5.8 A ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram coletados por meio de uma câmera filmadora (áudio e vídeo), também da captura de áudio através de um aparelho celular e das anotações realizadas pela pesquisadora. O primeiro tratamento dos discursos foi sua transcrição literal. Para dar maior agilidade ao processo, ele foi realizado da seguinte forma: primeiro, foi utilizado o *Transkriptor*, que é um software de transcrição online e que converte áudio em texto. Posteriormente, procedeu-se com a audição e correção das falas geradas pelo modo automático.

A fase seguinte compreendeu a análise do conteúdo dos discursos. A abordagem adotada foi o modelo aberto (LAVILLE; DIONNE, 1999), de modo que, ao passo que iam-se criando as categorias, indutivamente ao longo do processo, fazia-se a distribuição dessas unidades de dados, sendo as que mais faziam sentido nas respectivas categorizações. Segundo destacam Laville e Dionne (1999, p. 214), essa etapa requer “empreender um estudo minucioso de seu conteúdo, das palavras e frases que o compõem, procurar-lhes o sentido, captar-lhes as intenções, comparar, avaliar, destacar o acessório, reconhecer o essencial e selecioná-lo em torno das ideias principais [...]”.

O processo concentrou-se na segregação dos dados produzidos pelas 12 questões semiestruturadas que constam no roteiro da dinâmica da pesquisa de campo. Esse roteiro inclui perguntas que foram divididas, no momento da análise de conteúdo, em 3 blocos com temáticas similares. As unidades de significado foram identificadas e agrupadas nas categorias temáticas, de acordo com as significações dadas pelos participantes às perguntas. Assim, buscamos concentrar em cada categoria os discursos que mais traziam aproximação de sentido uns com os outros e com as categorias instituídas. Esse processo de interpretação envolveu a imersão nos dados, destacando-se as palavras-chave, frases-chave e conceitos recorrentes.

Ao adentrar nesse domínio, nosso propósito foi revelar as complexas interações entre o ato de fazer crochê e o ambiente acadêmico, desvendando as motivações e o que os participantes experimentaram ao integrar essa prática em seu cotidiano no Ifes, São Mateus. Com essa abordagem, fomos capazes de identificar as

nuances da experiência dos praticantes, entendendo como o crochê se torna parte integrante de seu percurso acadêmico ou não, e como isso se traduz em significados mais profundos e conexões significativas com a instituição.

Dessa forma, a estruturação do roteiro, em blocos distintos, permite uma abordagem mais sistemática e aprofundada na coleta de dados, possibilitando a obtenção de informações ricas e multifacetadas sobre a interseção entre o crochê, os praticantes e o ambiente do Ifes em São Mateus.

A partir desse exame detalhado, identificamos e agrupamos as unidades de significado em categorias temáticas, o que possibilita a emergência de padrões, conceitos e narrativas. Essa abordagem se revelou crucial para a compreensão abrangente das informações coletadas, enriquecendo a pesquisa com *insights* valiosos.

A metodologia de análise se concentra na minuciosa avaliação dos dados produzidos por meio de um roteiro semiestruturado que compreende perguntas organizadas em blocos com temáticas afins. Nesse processo de interpretação, nos debruçamos profundamente nos dados, realçando palavras-chave, frases-chave e conceitos que emergiram.

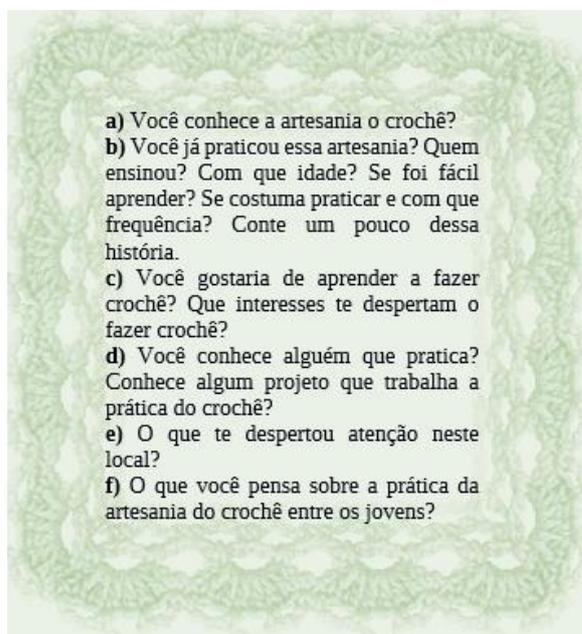
As unidades de significado, extraídas das respostas dos participantes, foram criteriosamente identificadas e agrupadas em categorias com temáticas específicas. Essa abordagem permite a emergência de padrões, conceitos e narrativas que enriquecem nossa compreensão do conjunto de dados coletados.

6 OS DADOS CONSTRUÍDOS

6.1 CROCHÊ NAS HISTÓRIAS DE VIDA

O primeiro conjunto de questões é composto pelas 6 primeiras indagações do roteiro da dinâmica da pesquisa de campo (APÊNDICE A). Essas indagações buscam conhecer a proximidade e o conhecimento que os participantes têm com a artesanaria do crochê, e, assim, identificar ou compreender de que forma o crochê se enreda nessas histórias cotidianas de vida, entrelaçadas nas realidades escolares.

Figura 8: Questões do primeiro bloco de perguntas do Roteiro (APENDICE A).



Fonte: Elaborado pela autora.

A perspectiva de mergulho, no cotidiano escolar, pinçamos dos estudos de Nilda Alves (2000) referentes às pesquisas no âmbito da educação, as quais visam conhecer e produzir conhecimento através dessas práticas cotidianas peculiares vivenciadas nos cotidianos, que enredam inerentemente os praticantes, quer explícitas ou não. Aqui nessa pesquisa, estamos considerando todos os praticantes do cotidiano escolar, responsáveis pela educação das crianças e jovens, sejam eles pais, professores, funcionários ou qualquer outro representante da comunidade. Todos os profissionais, que estão dentro de uma instituição educativa, são profissionais da educação e exercem o papel de educar diretamente ao se relacionar com essa comunidade. No provérbio africano, “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”., muito difundido entre as comunidades educacionais, ele propõe que nenhuma pessoa aprende e se desenvolve somente a partir dos valores de sua família nuclear, mas de toda a sociedade. Por isso, a necessidade de se pensar em projetos que envolvam todos os profissionais da educação e a comunidade do entorno. De acordo com Alves,

Dentro desses contextos (do cotidiano escolar) se faz indispensável, assim, perceber os múltiplos processos educativos contraditórios. Cada aluno/aluna e cada professor/professora que entra no espaçostempos escolar carrega

consigo a rede de subjetividade que é. Ou melhor dizendo, traz consigo as múltiplas redes nas quais vive, com seus diferentes processos de conhecer e com os vários conhecimentos nelas criados, quer tenhamos ou não olhos para ver, ouvidos para escutar, boca para saborear, nariz para cheirar, pele para tocar essa complexa situação. (ALVES, 2000, p. 47).

Analisando as narrativas coletadas a respeito do crochê, como já suspeitávamos anteriormente, todos os participantes já conheciam alguma coisa sobre crochê, ou pela prática, ou por algum familiar que pratica(va), portanto, reforçando a ideia que se trata de uma artesanaria popularmente conhecida, como vemos nos relatos que seguem:

“Eh, na realidade sou do interior, então, geralmente quem é do interior e é italiano, os italianos já têm esse costume da família, tanto é que eu criei essa marca agora. Eu sempre trabalhei desde quando criança ... minha mãe me ensinou minhas tias me ensinaram a fazer...” (TAE – HORTÊNCIA).

“Minha vó fazia quando eu era pequena e me ensinou. No caso, quando ela me ensinou a fazer, ela me ensinou a fazer crochê e tricô. Aí eu praticava mais o tricô, na verdade, e acabou que depois eu parei e comecei a mexer muito com bordado em ponto cruz, mas normalmente hoje eu mexo mais com o bordado do que crochê e tricô.” (DIS - TURQUESA AZUL).

“Desde criança, eu lembro que minha tia gostava muito de ter em casa. As coisas de crochê, eu lembro que passava um carro vendendo perto de casa e aí eu achava muito interessante como eles faziam. Quando eu fui crescendo, eu fui vendo outras pessoas já tecendo, né... algum material, algum tapete. Eu achava aquilo legal, assim, e uma vez eu tentei fazer e aí eu desisti por conta de coordenação motora.” (TAE - SOLAR AMARELO).

“Minha vó que ensinava, depois eu perdi ela e não quis mais. Acho que eu não continuei porque não tinha ninguém pra incentivar.” (FUT - AZALÉIA LILÁS).

Essas falas espelham boa parte dos relatos dos participantes que dizem conhecer ou ter experienciado práticas de/com crochê, por intermédio familiar ou do seu grupo social de convívio. O que reforça a proposição de Carvalho (1994), que também é nossa, de que o crochê é um conhecimento ou saber que vem resistindo no tempo e que, através da sua linguagem, vem interagindo no mundo e marcando seu pertencimento na construção de alguns grupos. Nessas falas, também percebemos a relação com a memória dessas pessoas, com a infância, com *espaçostempos* vivenciados e com os laços familiares ou afetivos, que são acionados ou reativados por essa artesanaria. Pensar nessas subjetividades é relevante, uma vez que algumas práticas do contemporâneo não estimulam ou enfraquecem a constituição de laços. Entre elas estão a vivência em espaços extremamente

urbanizados, como os espaços públicos que tornam-se espaços de passagem não acolhedores (BAUMAN, 2001); a vivência em ambientes online também pode contribuir para o enfraquecimento desse suporte humano, onde tem-se visto a construção do conceito de amizade e de convivência cada vez mais fluidos e sob o alicerce da instantaneidade (BAUMAN, 2001) e onde, por trás de uma tela, se torna muito mais fácil e cômodo inserir ou excluir amigos nas redes sociais.

A relação com as aprendizagens e com o corpo também aparecem, no caso da fala de Solar Amarelo, que indica que não deu prosseguimento à prática do crochê em função da dificuldade de coordenação motora. Outro ponto essencial em relação ao corpo, pois quanto mais pudermos oferecer atividades diversificadas, não apenas intelectuais, mas também manuais, mais oportunizaremos experiências para um desenvolvimento cognitivo pleno. Não é difícil encontrar estudantes, principalmente das camadas mais empobrecidas, que têm acesso apenas ao celular, que já apresentam dificuldades de lidar com outros dispositivos, mesmo sendo tecnológicos como *laptops* e *desktops*, e com sistemas operacionais diferentes. Ficar adestrado a um dispositivo móvel, miniaturizado, muda a sua postura corporal, além do tempo em tela ser progressivamente maior, o movimento que envolve mãos, polegar indicador para atividades repetitivas são uma constante.

Na atividade que envolve a artesanaria do crochê, apesar de se usar a motricidade fina, as mãos trabalham articulando olhar, pensamento, atenção, concentração em gráficos, que podem variar. Para os que têm prática na artesanaria, o processo, em alguns trabalhos, torna-se automático, podendo praticar o crochê enquanto conversa, assiste TV, participa de uma reunião. A prática da artesanaria do crochê, como evidenciado nas falas acima, favorece a troca intergeracional, passado de mãe para filho e filha, avó para neto e neta, tia para sobrinhos, favorece a escuta, o ensinar e o aprender com o outro, com a troca. Constitui-se como um modelo outro de aprendizagem com significados que perduram no tempo, não apenas a técnica, mas referências que marcam a formação e imaginário desses sujeitos.

Assim, validando nossas proposições a esse respeito, trazemos Brandão (2007), que já pôs essa questão em discussão quando fala que o processo de transferência de saber é um fenômeno intrínseco ao ato de educar humano, por sinal

bastante comum em todos os meios sociais e do qual não se pode escapar. Sobre isso, quando Brandão (2007) faz referência a um dos modos de educar, que são vivenciados em determinadas tribos indígenas, vemos que em muito se assemelha com os relatos acima:

As meninas aprendem com as companheiras de idade, com as mães, as avós, as irmãs mais velhas, as velhas sábias da tribo, com esta ou aquela especialista em algum tipo de magia ou artesanato. Os meninos aprendem entre os jogos e brincadeiras de seus grupos de idade, aprendem com os pais, os irmãos-da-mãe, os avós, os guerreiros, com algum xamã (mago, feiticeiro), com os velhos em volta das fogueiras. (BRANDÃO, 2007, p. 19).

Nesse sentido, evidencia-se o fortalecimento da troca entre grupos geracionais, a retomada da escuta, do aprender de maneira coletiva e a abertura para a possibilidade de outras aprendizagens para além do manual. A atribuição de sentidos e significados outros a esse processo de aprendizagem interfere na própria constituição identitária do seu lugar no grupo social ou da sua própria existência.

O crochê também foi lembrado pelos participantes como um fazer que oportuniza a possibilidade de geração ou complementação da fonte de renda ou ocupação das pessoas. Especialmente por ser uma arte que possui uma gama variada de criação de peças, que podem atender as áreas de vestuário e acessórios (o que recorrentemente faz parte dos padrões de moda), artigos de casa e decoração, pelúcias e brinquedos, etc. Nesse ponto, lembram Mourão e Oliveira (2021), o quão plural se apresenta o fazer artístico do crochê, que não restringe idade, gênero ou condição social. Além de poder ser tecido com os mais variados tipos de materiais:

Com a técnica do crochê e a fibra do buriti, essas artesãs transformam cada produto confeccionado em fonte de renda, por meio do trabalho associativo. Contudo, para essas mulheres, fazer crochê é uma prática de lazer após as atividades domésticas, um fazer cultural coletivo. (MOURÃO; OLIVEIRA, 2021, p. 80).

“Então, eu fiz crochê a vida inteira, desde criança, pintura, crochê, ponto cruz, fita. Fiz a vida inteira. Parei de fazer. Eh, fazer mesmo porque eu ganhava dinheiro com isso. Extra com isso. Era servidora pública estadual. Às vezes, não tinha nem pagamento. Peguei o Albino, Vitor Buaiz. Aquela loucura. Eu ficava meses sem receber. E saber fazer crochê me ajudou. Eu parei de fazer crochê pra vender depois que eu tive filho. Não dava tempo mais, eu tinha que cuidar de casa, trabalhar fora. E aí depois eu passei a fazer ocasionalmente, pra presentear alguém.” (TAE – TIFFANY).

“Pra parar assim pra pensar, quem é que faz lá em casa? Que eu... eh.... é minha mãe, minha vó mesmo ela só tem uma coisinha ou outra que minha

mãe faz e tal. Esse é o contato que eu tenho com crochê. Minha mãe sempre fazendo, ela faz peças pra vender assim, pouca quantidade. Porque ela trabalha. Como professora e acaba que ela pega um tempo à tarde, às vezes, pra desestressar, pra ficar livre o tempo dela mesmo, aí ela faz tentando relaxamento mesmo. Aí ela vai e faz, vende pras amigas, pros colegas. E fica fazendo essas vendas menores, que acabam rendendo um dinheirinho até bom, porque a gente para pensar e tal, o crochê acaba sendo uma peça dependendo do formato, do modelo e tal, do tempo que gasta já é até um preço bem salgadinho, né? Uns duzentos, trezentos reais dependendo do quê. Eh e isso acaba até ajudando, na renda lá de casa.” (DIS – AQUÁRIO).

Segundo Antônio Lafuente (2023, s/p), “o artesanato é um mundo conectado à experiência cotidiana” ou seja, carrega em si a arte das táticas (CERTEAU, 1998), e de hackear os sistemas (PRETTO, BONILLA, SENA, 2020), pois ele é praticado como atividade residual, pouco percebida e valorizada, mas que atravessa tempos, espaços, histórias e vidas. Prática quase que exclusivamente de mulheres, acaba fazendo parte de mais de uma das suas sagacidades para manter sua sobrevivência e de sua prole. Sabemos que as mulheres são as grandes provedoras familiares, e não só cuidam das tarefas domésticas, mas comumente acumulam outros serviços. Sabemos que as mulheres são as que mais se dedicam aos cuidados com as crianças, idosos, doentes, atividades domésticas. Nesse caso, percebemos que o fazer crochê, muitas vezes, insere-se nessa rotina, como uma atividade não apenas de relaxamento, mas como uma maneira de também complementar a renda familiar.

Apesar disso, não aparece como uma atividade conectada às regras de mercado, de massificação e reprodução, mas dentro dos ritmos e tempos possíveis. A prática do crochê, nesse sentido, vem das apropriações e alternativas de um cotidiano vivencial, de um conhecimento que foi compartilhado através de amostras físicas (modelos) que passam de artesã a artesã, ou do aprendizado em que se ensina, mostrando como se faz, na prática. Assim, sua prática também se consolida como a resposta a uma necessidade de sobrevivência.

“Interessante o seu trabalho, é muito, muito lindo mesmo. Ouvir as pessoas tem que de fato dar valor, porque não é só caro não, gente, é maravilhoso! Quanto conversei com você, que se você ia abrir pra comunidade, eu pensei nas pessoas que estão em casa, as que têm um pouco mais de idade. Elas fazem pra vender o mais simples, nem todos têm condições de olhar num celular, não sabe nem entrar na internet, então ainda usa só revista. E muitos estão comprando revista, porque as revistas estão muito ultrapassadas, aí quando eu pensei nesse lado da comunidade, pensei um pouco da minha família, eu pensei nos meus vizinhos, eu pensei também que nas meninas, as meninas bem jovens que tão aí, sabe? Sem perspectiva de nada, porque é um bairro que tem bastante, bastante jovens mesmo, pode no caso estar fazendo um trabalho desse.” (FUT - ESMERALDA VERDE).

A fala acima mostra uma preocupação legítima e que evidencia a ausência de políticas públicas para a juventude, que realmente cresce em ambientes sem perspectivas. A ausência do Estado, nas regiões periféricas, torna esses territórios desassistidos de tudo: postos de saúde, espaços de esporte, comunicação, lazer, espaços livres para circular e estar, falta de segurança, etc. Muitas vezes, essas comunidades contam apenas com as escolas para receber, acolher e ouvir esses jovens.

Os praticantes da pesquisa também lembraram que o mercado que oferece os produtos primários para a confecção do crochê tem investido na variedade de itens, que vão desde cores, espessuras, materiais e acessórios, visando tornar esses itens mais adequados ao tipo de peça a ser produzida. Isso também tem ampliado as possibilidades de criação, de funcionalidade/utilidade desses objetos, como lembrou Solar Amarelo. Por outro lado, os custos de produção também sofreram uma alta de preços considerável, tornando os projetos (objetos que serão criados) mais caros. Nesse sentido, poderiam ser desenvolvidos projetos com a comunidade que trouxessem a perspectiva de inovação tanto na produção de peças com designs contemporâneos, arrojados sem perder o foco nas representações criadas pelos praticantes. Mas, por outro lado, investir na produção de novos materiais mais acessíveis, ambientalmente sustentáveis como fios vegetais ou obtidos através de processos de reciclagem, bem como uma rede que ofereça condições para que esses profissionais possam divulgar e vender mais facilmente seus produtos.

“Eu acho que o Nordeste é muito rico nesse sentido das produções artesanais em relação à valorização. E aqui no Espírito Santo nós não experimentamos uma valorização do trabalho manual. Eu senti isso quando eu vendia. Quando eu produzia pra venda. Todo mundo achava caro. Mas é um trabalho que você dedica muito tempo. Ninguém tem noção se você erra um, um ponto lá e no início que é... o trabalho todo você tem que desmanchar pra fazer de novo, que faz calo nos seus dedos, meu dedo partia assim ó, isso aqui meu era duro.” (TAE - TIFFANY).

Nessa fala, percebemos a artesã descrevendo o empenho e cuidado ao criar cada peça, pois cada ponto necessita de precisão para que o resultado seja satisfatório. Se errar ou não ficar satisfatório nos primeiros pontos, é necessário desmanchar e fazer tudo novamente. A implicação do artesão com seu trabalho é evidente. Para Antonio Lafuente (2023, s/p), as culturas artesanais, e aqui chamamos

atenção para o crochê, possuem três características: “são a expressão do trabalho bem-feito, são a resposta a uma necessidade e são o testemunho de uma riqueza invisível” (2023, s/n). Um trabalho bem-feito, que satisfaça o artesão ao observar a sua produção, a combinação de cores, textura dos fios, trama dos pontos, a procura pelo seu trabalho ser bem-feito e até ser uma raridade, mas que nem sempre guarda com ele. Pela necessidade, passa para outro através da venda ou como um presente. O passar o conhecimento da artesanaria, ou uma peça de geração em geração, também representa redes de sentidos, significados e conhecimentos produzidos, que são difíceis de alcançar em sua totalidade e que marcam a dimensão dessa riqueza invisível. Os artefatos não são apenas materialidade física, mas acionam políticas de sentido conforme são produzidos ou apropriados ou reapropriados pelos sujeitos históricos. Podemos trazer como exemplo, os bordados feitos em lencinhos pelas moças ‘casadoiras’, na região de Braga em Portugal. Esses artefatos transformavam-se em objetos de um ritual de aproximação e conquista de jovens enamorados. Fazer o bordado no lenço estava impregnado de sentidos, de astúcias e, certamente, de escutas, trocas, aprendizados, que envolviam outros tipos de linguagens para obter sucesso na empreitada de conseguir um noivo.

Embora eles também reconheçam que ainda persiste a falta de valorização do trabalho manual do crochê, assim como acontece em outras manualidades, o que implica na formação do preço do produto e, conseqüentemente, na dificuldade de realização satisfatória de vendas e renda, ainda assim, os participantes relatam que percebem compensações outras trazias pela prática do crochê, como adianta a fala de Aquário, transcrita acima.

Dentre essas compensações, os participantes dizem perceber que a prática do crochê - ou de alguma outra atividade artística manual – ajuda no enfrentamento de problemas ligados à saúde psicológica como os processos de ansiedade, depressão e estresse, sentidas por elas próprias ou por pessoas próximas, funcionando positivamente como atenuante dessas questões.

“Normalmente, eu mexo com artesanatos essas coisas assim quando tenho crise de ansiedade, pessoalmente eu não tenho antes de prova (...). Eu acho que o crochê é assim, as artes em geral, elas são muito boas pra ajudar na ansiedade, uma coisa que tá muito atual, muita gente tem, talvez não diagnosticada, mas às vezes tem uma crise ou outra, às vezes,

sente um pouco de ansiedade e eu acho que o crochê pode ajudar a que ela consiga de uma forma muito boa.” (DIS - TURQUEZA AZUL).

“Eu faço crochê em casa, comecei a fazer na pandemia com as aulas on-line, que foi em dois mil e vinte. Eu ficava muito ansiosa e tal de ficar dentro de casa sem fazer nada. É muito chato e aí eu aprendi a fazer crochê. Minha tia faz, ela vende, ela faz amigurumi. Eu também aprendi a fazer amigurumi. Agora que eu não tô fazendo mais, mas eu separava um tempo do dia pra fazer, daí eu fiz vários outros souplast pra minha mãe, tapete também. E eu gosto do crochê por causa disso. Aí eu separava um tempo no dia só pra eu fazer crochê, porque eu me desligava de todas as outras coisas.” (DIS - PITANGA).

“Aí eu tive umas... fiquei assim, muito ansiosa antes da pandemia... tive uma crise de ansiedade e que começou desencadear essa vontade de fazer, porque me deixava mais assim, o fato de eu contar e quem sabe fazer o crochê é concentração. Crochê é concentração! Se você vai fazer, você tem que pensar no que você tá fazendo. Seguir aquela receita pra você não errar, quantidade de pontos. Tem que ser igual, né? Para um lado não ficar maior que o outro. Então, isso que você vai fazer você vai contando. Tem que contar e quando você tá o fato de você tá contando aí os pontos, você se desvia do pensamento que você tem ... do pensamento ruim, pensando em coisas ruins.” (TAE - HORTÊNCIA).

Lembrada pelos participantes, a Covid-19 deixa um marco na história, senão em todos, mas em grande parte dos aspectos da vida humana. Todas as pessoas, de alguma forma, em maior ou menor grau, sentiram os efeitos dessa terrível doença que se abateu sobre o mundo. Nos sistemas de ensino não foi diferente, seguiram as medidas de segurança aplicadas no mundo todo, em que as estratégias eram o confinamento, a suspensão das atividades de ensino presenciais e adoção pelo modo remoto de ensino. Esse contexto atípico das escolas levantou inúmeras discussões no meio acadêmico, especificamente no Brasil, em que as desigualdades sociais saltam aos olhos, e agravou ainda mais a situação educacional e social, como discutem sobre a temática Pretto, Bonilla e Sena (2020, p. 12): “[...] O que já ocorria em tempos de relativa “normalidade”, intensifica-se agora com o contexto de isolamento. [...]”, e mais:

Isso, somado ao medo da doença, ao risco de ainda sofrer com o atendimento de saúde pública, já próximo de um colapso, e outras formas de sofrimentos e adoecimentos mentais decorrentes do isolamento prolongado, passando pelos conflitos familiares, tudo se interpõe ao processo. (PRETTO; BONILLA; SENA, 2020, p. 3).

Relatos como o que trouxe a Discente-3, transcrito acima: “[...] eu ficava muito ansiosa e tal de ficar dentro de casa sem fazer nada. É muito chato e aí eu aprendi a fazer crochê. [...]”, vem ao encontro dos debates precursores desse grupo de estudiosos e retrata o que já vinha sendo pontuado por eles: “E agora, o que fazer

com essa turma cheia de energia, ou com a ânsia dos adolescentes que estão em casa dia e noite?” (PRETTO; BONILLA; SENA, 2020, p. 3), e confirma, portanto, o que os autores afirmam “[...]as hashtags #fiqueemcasa e #aescolacontinua têm significados absolutamente diferentes para uma ou outra realidade, uma ou outra classe social (PRETTO; BONILLA; SENA, 2020, p. 3).

Com isso, não pretendemos afirmar que as pessoas que dispunham de uma classe social mais satisfatória sofreram menores impactos da pandemia do que as outras, mas inegável é que, para as pessoas que possuem menos recursos, lidar com a pandemia foi (ou ainda está sendo) um grande desafio, que o Estado precisa assistir.

Vimos nos três relatos acima que, em alguns casos, o crochê é um meio de preencher lacunas de fundo emocional ou afetivo na vida das pessoas. O que retoma nossas suspeitas sobre as possibilidades ainda não esgotadas da potência dos nossos corpos, como Deleuze nos instiga a refletir e, nesse sentido, Castro (2014, p. 108) afirma que,:

Muitas páginas se têm escrito sobre a consciência e sobre a mão, mas poucas foram as páginas que consagraram uma análise à consciência da mão, isto é, ao saber da consciência sobre a ‘aparição’ da mão. Dito ainda de outra forma, à tomada da consciência (de ser consciência) das potencialidades da mão, não apenas como um instrumento único e essencial ao desenvolvimento da espécie, mas igualmente, como ressonância da própria consciência (que faz ressoar, que é um eco da própria aparição da consciência).

A nós também faltam elementos suficientes para confirmar com veemência se a arteficialidade do crochê (o fazer manual) pode, de fato, afetar e reverberar no estado íntimo das pessoas, ou da sua consciência humana. Mas fato é que também não se pode, de imediato, invalidar essa proposição que também assumimos como nossa, sem antes tê-la por completo, experimentado.

Nesse viés, para Castro (2014) e Pallasmaa (2011), as mãos superam o limite de mera capacidade de obediência executora da mente. Para os autores, a capacidade das mãos vai além, ultrapassa esses muros e se situa como também potência de afetação, pois elas são partes de um todo, de um todo corpo que é completo nas realizações e experimentações no/com mundo.

Desse modo, Castro (2014) e Pallasmaa (2011) defendem que corpo e mente/consciência/pensamento/sentimento interagem recíproca e qualitativamente nos processos de construção humana,

“[...] meu corpo me faz lembrar quem eu sou e onde me localizo no mundo. Meu corpo é o verdadeiro umbigo de meu mundo, não no sentido do ponto de vista da perspectiva central, mas como o próprio local de referência, memória, imaginação e integração.”. (PALLASMAA, 2011, p. 11).

Deluze (2002), Castro (2014) e Pallasmaa (2011) nos encorajam a seguir adiante, tendo ainda como motivadores os relatos trazidos pelos nossos participantes que ecoam como um *feedback* sinalizando possibilidades e potencialidades de afetações do corpo, como diz Castro (2014), sobre um universo de construções ainda pouco desvendados.

No nosso entendimento, essas potencialidades também ficam evidentes quando os praticantes da pesquisa relatam sobre suas primeiras experiências ou contato com manualidade: a forma como relatam, a fala carregada de emoção ou como se expressam corporalmente, é possível perceber que, nas suas histórias de vida e suas experiências vividas, estão guardadas memórias valiosas tecidas com muito afeto, orgulho e pertencimento.

“Eu sou gaúcha, né, Aí lá na minha cidade, eu tenho duas irmãs que fazem casaquinhos pra crianças recém-nascidas pra doação, porque lá, no inverno, faz muito frio. Então faz com agulha e crochê. Eu tenho uma cunhada que faz crochê. Virou uma profissão. Ela faz aqueles nichos pra escritório com linha grossa. E minha mãe, ela tem oitenta e oito anos e ela não tem Alzheimer, nem demência. Ela aprende aos poucos novos pontos de crochê e regularmente minha irmã para, ensina e ela faz. Virou quase... é um passatempo e ela tá ganhando dinheiro, ela gosta de fazer tapetes. Aí ela dá pros netos....” (DOC - RAI0 DE SOL).

“Eu lembrei da minha neta, porque minha neta, minha netinha, ela tinha um polvinho de crochê. Só que o dela, depois que a mãe dela faleceu, que agora ela mora comigo, aí eu não sei pra onde que foi. Eu acho que eu vou pedir pra alguém fazer um outro pra ela. Hoje ela está com cinco anos ... porque eu acredito que ela vai lembrar. A memória, ela não soltava esse bichinho, mas depois que a gente ficou... vai pra uma casa, vai pra outra, eu não sei se perdeu, o dela?! Mas nossa! Na hora que eu vi foi a primeira coisa que me chamou atenção.” (FUT - ESMERALDA VERDE).

“Agora tô voltando à infância lá no bairro, as pessoas faziam tapetes.” (FUT - AZALÉIA LILÁS).

“Ele me fez lembrar que minha mãe já fez uma camisa pra minha irmã de crochê e minha mãe não gosta de fazer roupa pros outros. Porque acaba tendo esse problema aí. E tem como fazer desfazer e tal, e como minha irmã

tava ali do lado, literalmente, ela ia lá botava assim, Naira veste e ia lá e tal ... depois ficou apertado ficou folgado? Ah vai ter que desmanchar isso aqui e fazer mais um ponto ... ah ficou folgado pega um ponto a menos e ia lá e fazia, fazia, fazia, se desfazia. Hoje minha irmã tem uma camisa lindíssima de crochê que ela usava por cima de uma blusinha branca e fica extremamente bonito.” (DIS - AQUÁRIO).

Ao que indica, a pesquisa diante dessas narrativas, as experiências vivenciadas com o crochê são capazes de causar atravessamento nas pessoas e de alcançar lugares íntimos em seu interior que levam a despertar bons sentimentos como a afetividade, por exemplo, indo na direção do que Deleuze, inspirado em Espinosa, chama de “bom encontro”. O bom encontro provoca, então, o aumento das potências de amar, de viver, de afeto. Na proposição de Espinosa, sempre que ocorrerem esses bons encontros, naturalmente o corpo experimenta novamente essa potência aumentada, “[...] se um corpo humano foi, uma vez, afetado, simultaneamente, por dois ou mais corpos, sempre que, mais tarde, a mente imaginar um desses corpos, imediatamente recordará também dos outros”. (ESPINOSA, ÉTICA II, prop. 18).

O que são bons encontros, então? Espinosa diria que é tudo aquilo de bom que afeta os corpos e causa alegria: uma leitura desejada, uma boa companhia, chegar em casa depois de um dia intenso de trabalho, ou, simplesmente, uma xícara de café para começar o dia.

Por isso, elegemos os relatos acima, pois percebemos que, neles, o fazer manual não é o ato central, essas pessoas não estão contando sobre suas experiências do seu fazer, mas sim suas experiências do sentir, daquilo que o crochê ajudou a eternizar nelas.

Assim, as narrativas dos participantes indicam que o crochê também pode ser compreendido para além das construções individuais, mas também como fonte geradora de construções coletivas, uma vez que o ser humano se faz nas suas interações relacionais com o mundo, como afirmou Maturana (2002). Nessa perspectiva, mais recentemente e de modo mais específico, à artesanaria do crochê, as pesquisadoras Mourão e Oliveira (2021, p. 72) expressam que:

[...] existe uma memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere as suas próprias vivências e experiências, que contêm também aspectos da memória do grupo social local, ou seja, onde esse indivíduo foi socializado. O crochê se contextualiza na memória individual e coletiva, pois todas as atividades produzidas pelo ser humano e suas relações sociais estão contidas no processo evolutivo.

Dessa forma, Mourão e Oliveira (2021) dizem ainda que os objetos feitos em crochê guardam sentidos, significados e simbologias próprios de cada um e da relação com as histórias de vida construídas no entorno da artesanaria, como vimos nas histórias resgatadas das lembranças imortalizadas, na memória afetiva das pessoas que, em contato novamente com a artesanaria, proporcionada pela ambiência criada no “Cantinhos do Crochê”, foram despertadas.

Esses objetos feitos de fios e suas diversas laçadas adquirem um sentido único – e pensar que podem possuir uma vida própria – uma importância na memória de uma ou mais vidas. Um objeto que se torna parte do lar, da história de uma determinada pessoa ou família, uma peça de coletânea os quais pertenceram a um afeto, algo precioso, que diz sobre a presença de alguém, ousadamente, torna-se a própria pessoa e seu lar. (MOURÃO; OLIVEIRA, 2021, p. 74).

Ou quando nos permitimos passear na provocação feita por Carvalho (1994, p. 5), e reviver memórias que, muito provavelmente, fazem parte do imaginário infantil de muitos de nós, ou se não vividos, quem sabe imaginados através das histórias contadas pelos nossos antecessores?

Lembras das cozinhas das casas por onde andastes? Recordas dos utensílios nela dispostos, escondidos em armários segredados por chaves, às vezes inatingíveis?... Pelo menos por uma alma criança... Ou objetos, cujo tempo ocupavam, espiando as histórias de cada um de nós, através das vidraças decoradas das aberturas das cristaleiras ornamentadas com guardanapos de crochê?

Quando essas memórias boas são transportadas para aquele momento da pesquisa, percebemos que houve uma ressignificação para aquela situação experimentada ali no “Cantinhos do Crochê”. Ora, aquelas vivências passadas têm um valor imensurável porque ajudaram a construir, em suas memórias, entrelaçamentos com os bons sentimentos e, muito provavelmente, por isso, atribuem à experiência com crochê como sendo de grande valia e importância.

E quando são perguntadas sobre o que elas acham da experiência com o crochê na escola, há uma receptividade muito grande para que sejam proporcionadas,

nesse ambiente, novas experiências com o crochê. Apesar dos participantes terem declarado não conhecer outro projeto similar em escolas da cidade, ainda assim, tendo como referência suas próprias experiências, avaliam como profícua a proposta. Algumas expressões como “eu acho ótimo!”, “interessante” e “fantástico!”, alinhadas a variadas leituras que os participantes têm dessa proposta de experiência, foram captadas.

“Pra educação, eu acho ótimo! Porque primeiro a gente vai trabalhar muitas competências. E muitas habilidades. E isso contribui, assim, exponencialmente, no desenvolvimento do indivíduo que está ali. A questão do raciocínio lógico. A questão de cálculo, de concentração, além das habilidades socioemocionais também. Porque muita gente fala, ah, isso aqui é terapêutico. Tava vendo no Google que ajuda a desestressar e assim, de certa forma, ajuda na formação humana, além de tudo. Quando a gente pensa em crochê, a gente pensa na transmissão de saberes por gerações. E quando isso chega na escola, isso acaba meio se perpetuando assim. Porque aquele grupo já desenvolve, e aí a gente pode, de repente, passar pra outros e assim esses saberes continuam circulando. Acho muito interessante.” (TAE - SOLAR AMARELO).

“Mas é assim, são peças, é uma arte. Bonita. E é interessante realmente. Quando vocês falaram eh .. assim desestressa. Uma terapia pra trabalhar isso. Se concentrar. E isso desenvolve a pessoa, a concentração da pessoa que vai ajudar no estudo. Ajuda a desenvolver isso aí, a coordenação motora também, ... e pode tudo, te auxiliar em outras profissões. Então é uma, é uma arte que ela não fica em si, ela te dá suporte, vazão pra outros aprendizados.” (TAE - AMORA ROXO).

“Bom, a gente tem que entender o seguinte, que as instituições elas precisam cada vez mais humanizar os espaços. A escola não é só um lugar que o aluno chega aqui, aprender matemática ... é um lugar também de viver e ter experiências. Experimentar a vida.” (TAE - OLIVA VERDE).

“E agora parando pra pensar um pouquinho também na educação em si é um método tipo assim com os alunos, principalmente aqui do campus, eles acabam ficando muito estressados, com o acúmulo de trabalhos e tal. Em alguns momentos parar pra fazer crochê pode ser uma ótima forma de tirar o estresse, fazer e depois voltar a fazer o trabalho melhora o humor eh numa maior qualidade. Melhorando o desempenho do aluno no sentido, pode ajudar de uma forma muito positiva além de criar aquelas coisinhas bem interessantes que talvez pegar uma coisa mais fofinha e tal e está ali eh trazendo um bom humor, uma energia na prática.” (DIS - AQUÁRIO).

“Acho muito interessante isso que você traz, o fazer ou o conhecer, o fazer ou o sentir. Isso É top de linha de educação agora, é a questão do desenvolvimento geral. Bom, mas aí eu ia te sugerir isso, de você incluir, porque, por exemplo, o desenvolvimento de novas habilidades, habilidades relacionais, habilidades afetivas, tudo isso é educação de ponta, entendeu?! Porque hoje você, pra além do saber, eh do conhecer, do fazer, do senti, precisa de um relacionar, do aprender a aprender, entendeu?! Do aprender a conviver, do aprender os pilares da educação, os quatro propostos lá no do Fórum de noventa e sete, o Fórum Mundial da Educação, mas tem o Fórum Mundial de Educação de dois mil e nove, que amplia isso e o Edgar Morin vai falar dos Sete Saberes necessários na educação do futuro que já não é mais um futuro, que é da educação de agora. E a UNESCO coloca na questão da

educação a necessidade de desenvolvimento de habilidades, eh relacionais, intrapessoais, pra além das habilidades cognitivas, das habilidades técnicas, das competências técnicas você precisa desenvolver e criar esses tempos e espaços favoráveis a essa nova maneira de conviver esse convivência concreta. Principalmente pra nós que estamos muito, ó, com a tecnologia que facilitou o virtual, mas a gente precisa disso que vai tocar na formação integral do ser humano.” (TAE - CORAL VIVO).

Para uns, o crochê pode ajudar na concentração; na aquisição de habilidades manuais e destreza, uma vez que os cursos ofertados no campus são mais voltados para a área técnica; a questão da afetividade, coletividade, interação também ganham um espaço importante na escola. Outros, ainda, presentes na última fala de Coral Vivo, reforçam a necessidade de uma formação global do ser humano, e que o trabalho com a manualidade vem falar da presença dos corpos dentro da escola, dentro dos currículos.

Precisamos lembrar dessas combinações *mentecorpo, afetocognição, sensibidadesdesejos* que estão presentes nos cotidianos escolares e que não podem ser esquecidos, desmerecidos ao pensarmos nos processos formativos. Não podemos pensar em nossos alunos apenas em sua parte cognitiva, mas como um ser pleno em sua relação com a natureza, com a sociedade, com os diversos produtos da cultura. E, principalmente, como agentes que intervêm diretamente na produção dessa cultura. Deve-se, ainda, reconhecê-los como seres plenos, indivíduos inseridos em um contexto rico e diversificado que abrange a natureza, a sociedade e os diversos produtos da cultura. Mais do que meros receptores de informações, eles são agentes ativos que desempenham um papel vital na produção e transformação dessa cultura. Com isso, preparamos nossos alunos para se tornarem cidadãos responsáveis e conscientes, capazes de enfrentar os desafios e as oportunidades do mundo contemporâneo com empatia, criatividade e cosmovisão.

A concepção da escola, como um local que transcende as meras questões formais de educação, aparece enraizada nas ideias captadas na nossa investigação. Alguns praticantes trazem a compreensão de que escola não deve ser vista apenas como um espaço onde se adquire conhecimento acadêmico, mas também como um ambiente rico em experiências, interações sociais e desenvolvimento pessoal. A escola como um lugar onde os alunos não apenas aprendem matérias, mas também aprendem sobre a vida, sobre si mesmos e sobre como se relacionar com os outros e

com o mundo ao seu redor, como trouxe a última fala de Oliva Verde, contida no primeiro bloco de questões. Além disso, a escola desempenha um papel crucial na formação de cidadãos responsáveis e conscientes, promovendo valores como respeito, empatia e colaboração.

Nesse sentido, somos convidados a pensar a artesanaria do crochê não como um fim em si mesmo, nem como um artefato terapêutico, mas entendida como uma experiência cultural rica por tudo que aciona nos sujeitos que atravessa. Conforme afirma Lafuente, “A comunidade não é compreendida se separarmos o humano do técnico. E, com efeito, estamos falando de formas relacionais que foram infraestruturadas. Afinal, eles são a maneira de infraestruturar os cuidados”(LAFUENTE, 2023, S/P). Seguindo a ideia das três características da cultura artesanal, já mencionadas acima, podemos extrair dessa artesanaria práticas de compartilhamento, de trabalho colaborativo, de dedicação e esmero que leva a um trabalho bem-feito e eleva a reputação não só de quem produz o artefato, mas também da sua comunidade. Já que, atualmente, são valores encontrados nas comunidades de desenvolvedores de software livre, que hackeamos para trabalhar as concepções de escola, educação e formação humana.

As instituições de ensino precisam cada vez mais humanizar os espaços educativos. A escola não deve ser vista apenas como um local aonde os alunos vão para aprender matemática, ciências ou história. Ela é, acima de tudo, um ambiente onde os jovens têm a oportunidade de viver e experimentar a vida. É um espaço onde podem desenvolver habilidades interpessoais, construir relacionamentos significativos, explorar suas paixões e interesses, e descobrir quem são como indivíduos. Ao humanizar a educação, tornamos a escola um lugar acolhedor, inclusivo e inspirador onde os estudantes não apenas adquirem conhecimento, mas também crescem como seres humanos completos, prontos para enfrentar os desafios do mundo com empatia e compreensão. De modo geral, esse entendimento parece pacificado para maioria dos pensamentos dos segmentos da comunidade Ifes.

6.2 TECENDO LAÇOS DE PERTENCIMENTO: O ESPÍRITO IFES

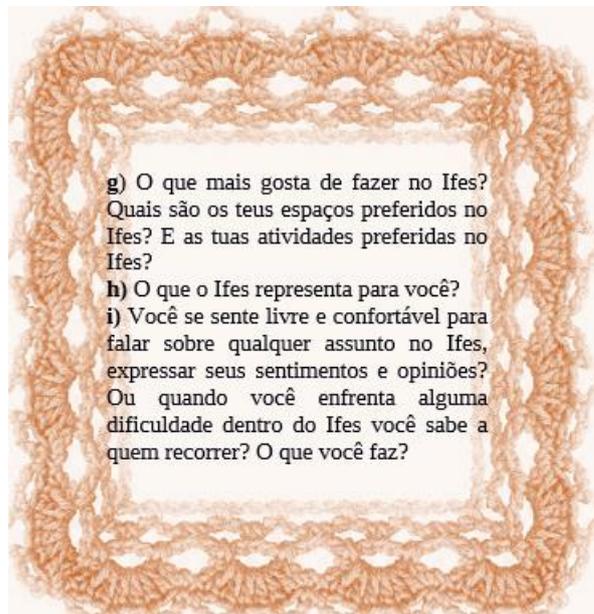
O segundo bloco de perguntas compõe três questões alinhadas que buscam compreender como o participante se sente em relação ao Ifes: o sentimento de pertencimento à comunidade, à liberdade e à confiança.

O sentimento de pertencimento se refere à sensação de fazer parte de um grupo, de uma comunidade, organização ou local, onde uma pessoa se sente aceita, valorizada e conectada. É a percepção de que você pertence a algo maior do que a si mesmo, e isso pode contribuir para uma sensação de segurança, identidade e satisfação. O pertencimento pode ser

experimentado em diferentes contextos, como no trabalho, na família, em grupos sociais, na comunidade ou em qualquer lugar onde as pessoas se relacionam. O Ifes é uma escola centenária e que, ao longo desses anos de existência, vem construindo sua relevante história na educação profissional, no estado do Espírito Santo, principalmente pela preparação da mão-de-obra que alavancaria o desenvolvimento econômico do estado. Assim, desde seu nascimento na primeira década do século XX, a escola técnica já nasceu com elevado grau de prestígio junto à sociedade capixaba e, conseqüentemente, aos seus estudantes (SUETH et al., 2009).

Identificamos, durante nossa pesquisa, que estudar e trabalhar no Ifes ainda causam sentimentos de orgulho e satisfação nas pessoas, embora o motivo disso não tenhamos conseguido captar precisamente. Mas o fato é que, quando perguntados sobre o que representa para eles fazer parte da comunidade Ifes, palavras como “orgulho”, “satisfação”, “amor” foram as mais expressadas. Percebemos que pertencer à comunidade Ifes também é motivo de satisfação entre os praticantes, o que vemos como um ponto favorável para a proposição, implementação e exequibilidade da ação. Fazer parte de um movimento que traz algum tipo de retorno, prazer ou satisfação e dentro de um *espaçostempos*, que não é encarado como um fardo ou uma obrigação extenuante, contribui para alcance de resultados significados mais satisfatórios.

Figura 9: Questões do segundo bloco de perguntas do Roteiro (APENDICE A).



Fonte: Elaborado pela autora.

Importante registrar também que houve um relato de insatisfação, como vemos logo abaixo, mas a participante relata também que uma atividade como a que estamos propondo, que foge de uma rotina “normal” escolar, poderia auxiliá-la no enfrentamento dessa sua questão pessoal.

“[...] eu amo, eu amo estar aqui... [...]. Eu gosto de estar aqui. E eu vejo que eu demonstro esse afeto, que eu tenho pelo lfes em casa, tanto pros meus filhos quanto pra minha esposa. É tanto que meus filhos também gostam e falam “papai quando é que o senhor vai levar a gente de novo no seu local de trabalho?” É tanto que eles vieram aqui umas três vezes [...] Quando eles vêm aqui eles se sentem realizados. Até quando eu vou bater um papo com meus amigos sobre trabalho, meus amigos que não trabalham aqui, aí eles dizem, “rapaz cê gosta de trabalhar lá, hein?”. Eu tenho paixão, não só pelo que eu faço, pelas pessoas, pelos relacionamentos, pelas relações que a gente faz.” (TAE - OLIVA VERDE).

“Eu também tenho orgulho. Vai cansar, vai, mas eu trabalho satisfeita.” (FUT - GIRASSOL).

“Uma coisa que eu queria colocar aqui, ontem eu fui na terapia eu não aguento mais vir pra cá, tô de saco cheio. Igual. aí eu falei até do seu trabalho pra ela porque assim, ela falou que eu tinha que procurar maneiras de criar situações aqui que no meu próprio mundo pra diversificar[...] Tipo mudar alguma coisa pra transformar essa minha rotina. Então é, então eu até falei pra ela, ah tem uma pessoa no meu trabalho que tá com um projeto de crochê é uma coisa que eu nunca fiz.” (TAE - ANTÚRIO).

Na questão sobre o que eles mais gostam de fazer no lfes ou sobre os espaços preferidos, os participantes não atribuem preferências, mas relatam que as relações vividas no lfes são as mais importantes para eles(as).

“É a convivência, na verdade não tem um lugar específico, copa, cozinha, mas é convivência entre um com o outro mesmo. e são momentos de interação fora a obrigação que a gente tem que ter.” (TAE - CEREJA).

“Mas eu acho que esse teu projeto poderia propiciar mais encontros E que encontro mesmo a gente tem? E quando tem ... quem vem na festa junina quando tem? E daí aquela festa de final de ano que é a hora que a gente se senta num momento descontraído, que não é de reunião de novos trabalhos, que não foi pra resolver problema... Se a gente tivesse momentos que a gente pudesse, que nem agora a gente sentada aqui conversando, ia permitir que a gente se conhecesse, convivesse mais.”. (DOC - PIMENTA VERMELHA).

E aqui, novamente, retomamos a potência de afetações dos bons encontros de Espinosa, lembrando ainda da indagação de Deleuze, “o que pode um corpo? ” Diria Espinosa que somente as experimentações poderiam dizê-lo. E provocar essas experimentações é o mais sensato a fazer quando se pretende uma vida mais leve,

saudável e alegre, como a necessidade de encontros pontuada no decorrer das falas. A necessidade de encontro, de estar com outras pessoas, de afetar e se deixar afetar. Assim, as relações entre a manualidade, a memória afetiva, a aprendizagem; o corpo em relação a todas as sensibilidades vão sendo “laçadas”, enredadas, entrelaçadas nesta proposta de experimentações vivenciadas a partir das possibilidades através da arte da crochê.

O homem que se torna sensato, forte e livre, começa por fazer tudo aquilo que está em seu poder, para experimentar paixões alegres. É ele, portanto, que se esforça para extrair encontros do acaso e, no encadeamento das paixões tristes, organizar os bons encontros, compor sua relação com relações que combinam diretamente com a sua, unir-se com aquilo que convém com ele por natureza, formar associação sensata entre os homens; tudo isso, de maneira a ser afetado pela alegria [... o] homem livre e sensato, identifica o esforço da razão com essa arte de organizar encontros, ou de formar uma totalidade nas relações que se compõem”. (DELEUZE, 2017, p. 180).

Deste modo, no entendimento de Deleuze (2017), Espinosa explora a natureza das emoções humanas e como os indivíduos podem buscar uma vida mais livre e feliz, e melhorar suas vidas por meio do entendimento e da ação racional. Ele argumenta que, em vez de serem passivos diante das emoções tristes (como raiva, tristeza e medo), as pessoas podem usar a razão para compreender e organizar seus sentimentos. E isso envolve buscar encontros e relações que promovam a alegria e o contentamento, cujo objetivo final é alcançar um estado de alegria e contentamento, que Espinosa vê como propósito fundamental da existência humana.

E, nesse ponto, apostamos na potencialidade do crochê muito mais do que uma habilidade artesanal, ele representa uma poderosa possibilidade de encontro entre pessoas, culturas e histórias. Quando alguém se envolve com o crochê, está entrando em um mundo de conexões humanas que transcende fronteiras geográficas e temporais.

A arte, muitas vezes, transcende o indivíduo e se torna um meio de expressão compartilhado por grupos, culturas e sociedades, frequentemente carregada de significado simbólico, transmitindo ideias, emoções e valores que vão além da mera representação visual ou física. No contexto do crochê, essa forma de arte exemplifica perfeitamente essa ideia. O crochê é a arte de tecer fios para criar padrões, texturas

e formas variadas, e isso vai muito além do ato físico de entrelaçar os fios. Cada ponto de crochê, cada escolha de cor e padrão, pode ter significado e simbolismo únicos.

Assim, a tessitura em estampa criada na trama do crochê representa a complexidade e a riqueza dessa arte. O padrão e a textura resultantes do crochê podem contar histórias, refletir culturas, expressar emoções e transmitir mensagens. Nessa perspectiva, o crochê se torna mais do que apenas um passatempo artesanal, ele se transforma em uma forma de expressão artística com profundidade e significado, especialmente se realizada de modo coletivo.

Desse modo, pensamos também como Carvalho (1994), que “A arte possui um caráter coletivo e simbólico. O crochê é arte de tecer. É tessitura em estampa criada na trama” (CARVALHO, 1994, p. 60). O crochê possui uma forte característica: o chamamento para o ajuntamento, para o coletivo, embora o seu fazer seja individual, ele convida para coletividade. Percebemos esse fenômeno em muitos momentos da pesquisa, que ajudam na fundamentação deste trabalho, como nas pesquisas de Carvalho (1998), Lemes (2017), Lemes e Pereira (2020) e Mourão e Oliveira (2021), e também em outras pesquisas apenas visitadas. Captamos isso também na nossa pesquisa, como trazido no depoimento de Oliva Verde:

“Eu me lembro muito do conhecido crochê comunitário, as vizinhas se reuniam no quintal, o cafezinho ali, e elas começam a fazer crochê, conversando sobre as coisas do dia a dia, “e seu filho como é que está na escola?”, quando terminavam, uma já tinha feito uma toalha, outra já tinha feito outra coisa, e com certeza ali, então, era o momento mais prazeroso dessas pessoas quando faziam esse crochê.” (TAE - OLIVA VERDE).

Ou contido na proposição de Mourão e Oliveira (2021, p. 77), “[...] o que então não faz afazeres, como crochê e tricô, senão encontrar outros que os ensinam e busquem experiências nesse campo do saber, ou de encontrar nesses ambientes todo um processo no qual se inventou como indivíduo”, ou ainda, na afirmativa de Lemes e Pereira (2020, p. 183) “[...] esse encontro alimenta não apenas a transmissão do ofício, mas fomenta a coesão social entre o grupo. São amigas e conhecidas que estão unidas para a mesma finalidade: o fazer crochê [...]”.

Isso reforça nossa proposição de que o crochê potencia a interação entre as pessoas e, como consequência, ajuda a fomentar a afetividade entre elas. Assim, em

determinado momento da discussão, foi levantada a questão da existência imaginária de um muro invisível entre os servidores que exercem as atividades administrativas e os servidores que exercem a docência, ou, entre os servidores que trabalham no Bloco A e o no Bloco B, como revela Orquídea:

“[...] Existe uma distância entre o ensino e o bloco e entre o administrativo ... também nunca senti isso não, só ouço falar porque eu conhecia os dois lados [...] no administrativo de gestão administrativa ... às vezes eu chocava a maneira deles pensarem sobre o ensino e às vezes eu não sabia me colocar assim [...].” (TAE – ORQUÍDEA).

Essa divisão se situa no campo simbólico da interação ou da proximidade entre esses servidores, e, como revelam ainda, essa não é uma questão que é percebida somente no campus São Mateus, é uma questão que ronda nos outros campi também.

“É, também, acho que é esse isolamento. Eu entro aqui, gente, às vezes, eu fico dois, três meses, gente, sem entrar no Bloco A, porque eu não preciso ir lá. E você também não precisa vir aqui porque você é... o teu trabalho é dentro da tua sala. Se o teu projeto propiciar um momento dessa interação, né? Quando que a gente vai se sentar pra conversar que nem a gente tem que... nunca, né? Talvez se a gente fosse no mesmo prédio, passar pra beber água, passar no banheiro, mas a gente não frequenta muito o mesmo lugar lá. (DOC - PIMENTA VERMELHA).”

Para explicação, o campus São Mateus tem uma particularidade de estrutura física que, segundo foi comentado pelos participantes, pode influenciar na manutenção dessa segregação, que seria a separação física entre as áreas destinadas às atividades administrativas (gestão de pessoas, compras, contratos etc.) e as atividades de ensino (salas de aula, salas dos professores, laboratórios, equipe pedagógica, etc.) A primeira ocupa o prédio Bloco A e a segunda ocupa o prédio Bloco B. O Bloco A ainda é dividido em dois andares, sendo que no primeiro andar funcionam Biblioteca, Registro Acadêmico, laboratórios e salas de aula, e no segundo andar predominam os demais setores administrativos.

Sobre o sentimento quanto à liberdade para tratar assuntos variados dentro do Ifes, ou sobre a gestão de resolução de problemas enfrentados pelos participantes no âmbito do Ifes, os participantes sinalizam que sentem uma abertura por parte da gestão do campus ou dos seus colegas quando se trata de problemas de trabalho, mas que sentem a necessidade de outras formas de acolhimento quando o problema é externo, particular. O crochê coletivo foi citado como uma possibilidade de favorecer esse acolhimento.

“Quando a gente tem um problema aqui, não vou dizer pra resolver. Por exemplo, se eu tenho um problema com o meu chefe, eu tenho que resolver ou com o chefe dele ou com o chefe de nós dois juntos. Mas um problema particular que eu tenho, eu tenho que falar isso com alguém. E se eu ficar travada dentro de mim vai piorar. Num problema assim, tipo de ansiedade, que eu também tenho ansiedade. Aí o problema desse tipo, eu tenho que falar com alguém. Quando eu tô em casa eu tenho com quem falar. Mas e aqui, eu teria com quem falar? Aí eu queria ter uma pessoa bem próxima, que esteja no momento de me escutar, porque, às vezes, eu quero falar com essa pessoa e está tão ocupada. A pessoa não pode parar pra atender, ainda tem que ser uma pessoa que tem alguma coisa em comum comigo.” (TAE - PITAYA).

“Com essa válvula de escape. Reunida ali, né? É. Essa integração da vida. E, às vezes, alguém conta algum problema que, né? E você tem um problema parecido e a gente sente esse conforto. Que você não tá sozinho. E você tá ali sentada, fazendo tá conversando. Trocando ideias.” (TAE - HORTÊNCIA).

Cereja lembra que, durante a semana, os trabalhadores do Ifes ficam a maior parte do tempo na instituição com seus colegas e que, muitas vezes, o tempo que tem fora do Ifes é ocupado com outras atividades como estudo, sono, etc. Por isso ela diz ser importante a abertura de um espaço para o acolhimento, para a escuta, para o diálogo. Essa fala também foi encontrada em outros depoimentos da pesquisa, tendo o crochê como uma atividade social em que as pessoas se reúnem para criar juntas, propicia, durante esses encontros, as conversas e trocas de experiências, proporcionando uma oportunidade valiosa de escuta ativa. As histórias pessoais, os desafios e as alegrias compartilhados em torno do fazer crochê podem fortalecer os laços afetivos e criar um ambiente propício para a compreensão e a empatia.

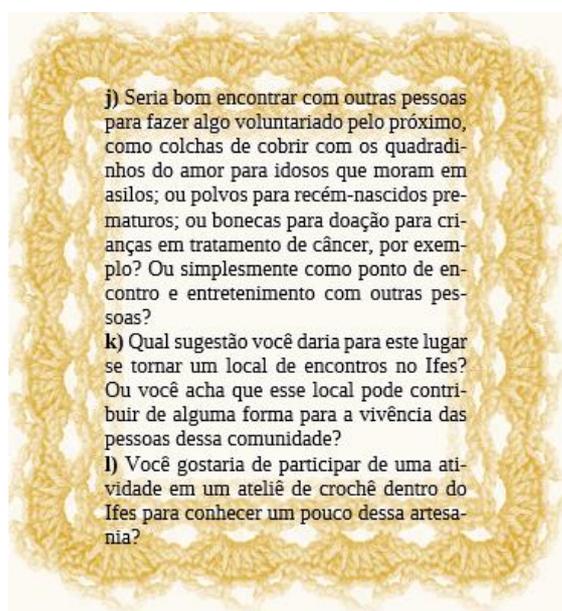
Assim, os praticantes da pesquisa veem através da artesanaria do crochê a possibilidade de escuta em múltiplos níveis: internamente, como uma forma de meditação e autorreflexão; socialmente, como uma plataforma para interações significativas e compartilhamento de histórias; e simbolicamente, através das mensagens transmitidas por meio das próprias criações em crochê. Ou seja, uma prática artesanal que proporciona uma maneira única de se conectar consigo mesmo, com os outros e com o mundo ao nosso redor.

6.3 PONTOS DE AMOR E CUIDADO: O CROCHÊ COMO SÍMBOLO DE UNIÃO E SOLIDARIEDADE

O terceiro bloco de questões é composto por mais três perguntas e busca saber dos participantes o que eles pensam sobre a prática coletiva do crochê no campus São Mateus. Sobre isso, algumas pistas foram deixadas nos dois primeiros blocos de perguntas. A primeira pergunta, desse terceiro bloco, revela que a maioria dos participantes têm interesse em fazer desse coletivo uma oportunidade para o voluntariado, seja para doação beneficente de peças produzidas ou para produção, venda e arrecadação de fundos com o mesmo propósito beneficente.

Nesse bloco de questões, várias ideias germinaram de como colocar isso na prática, como por exemplo, na proposta da pergunta feita sobre fazer algo de crochê para doação, como por exemplo, cobertores e bonecas. Nesse formato proposto, os participantes entendem que ficaria um projeto caro, haja vista o custo do material primário, bem como o tempo de confecção. Então, a contraproposta seria confeccionar as peças para venda e o valor arrecadado investir na compra dos objetos para doação, como sugerido por uma das participantes:

Figura 10: Questões do terceiro o bloco de perguntas do Roteiro (APENDICE A).



Fonte: Elaborado pela autora.

“Eu acho que vai ficar muito caro. A gente pode fazer coisas menores e com a venda fazer a doação do dinheiro, uma ação ou fazer comprar peças mais baratas do mercado [...]. Então, de repente, a gente faz algumas peças ao invés de doar a peça, vende, doa o dinheiro. Aí compra, no caso roupa de cama, material de higiene que precisa muito.” (TAE – PITAYA).

Nesse diálogo, o Programa do campus São Mateus “Criança Feliz” do Ifes foi lembrado como recebedor de doações. Nessa sugestão, o coletivo produziria para doar às crianças atendidas pela ação.

“Eu entendi que o crochê é uma forma que tem de poder não somente isso que vocês estão falando da união, mas também poxa, aqui a gente tem o “Criança Feliz”, aí, até então, a gente está achando esses brinquedos pra poder doar, mas se chegar num ponto onde não consiga arrecadar o suficiente, entendeu? E aí não tiver renda, não tiver um meio bom o bastante pra poder doar esse brinquedo. Se colocasse uma oficina dessa aqui na

escola aí o pessoal além de poder contribuir com o processo de desenvolvimento social no acadêmico e também poderia estar contribuindo pra população em si.” (DIS – AQUARIO).

“Olha, me comoveu mais do que lembrava a minha neta, viu? Por quê? Isso é muito bom pra poder até mesmo arrumar alguns brinquedos. Por exemplo, mas usar a cabecinha da boneca ou usar só os bracinhos e fazer. Ter uma oficina de reconstrução dos brinquedos usando a linha. Eu acho muito interessante.” (FUT - ESMERALDA VERDE).

Outras ideias surgiram como por exemplo, com propósito de fazer lembrancinhas de crochê para os servidores no fim de ano ou fazer para decoração das árvores no campus do Ifes. Enfim, várias ideias foram postas em resposta à pergunta colocada.

A segunda pergunta do bloco segue a mesma linha de raciocínio da primeira, porém está mais voltada para a forma de que essa atividade poderia tomar enquanto algo formalizado institucionalmente. Sobre essa questão, os participantes dizem que um projeto de extensão, no formato de oficina, seria a forma mais adequada porque poderia atender a todos os tipos de público, tanto internos como externos, e, ainda, poderia, no futuro, tomar a forma de um programa, cuja característica consiste numa ação de maior tempo de duração.

“Então, é fantástico. E outra coisa, aberto a todo mundo. Então, quem quiser vir, entendeu? Venha e esse espaço pode, inclusive, eles próprios podem trazer, quem fizer, sugestão, pode trazer a sua própria. Pode trazer a sua própria habilidade e compartilhar com o outro. Entendeu? [...] É. Numa cultura da paz, convivência, inclusão e desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais e isso daí. Entendeu? Eu acho que essa habilidade, é esse tempo, espaço criado aqui pra convivência e ao mesmo tempo a essa autoconexão, entendeu? Com o aprender, a conexão com o outro. Então, desenvolvem as habilidades interpessoais, intrapessoais, transpessoais e com isso você cria uma cultura pra paz, é isso que a gente tá precisando. Aí muito legal, e outra coisa conta comigo.

Se eu tiver alguma coisa que eu puder contribuir conta comigo porque eu acho que isso aqui é fantástico de formar. Eh tempos e espaços igual você criando e que podem ser ampliados, que eu acho que se você domina outras habilidades pra além do crochê. Terminando o seu estudo pra que isso seja uma coisa permanente, uma coisa permanente dentro da instituição.” (TAE - CORAL VIVO).

Podemos, de antemão, dizer que os participantes aprovam a iniciativa, bem como alguns expressam o desejo de fazer parte dela tanto como praticantes da artesanaria, ou da própria organização da proposta, o que corrobora com nossa pretensão de abranger, nessa ação, pessoas de modo mais amplo.

7 AMBIÊNCIA FORMATIVA: ESPAÇOSTEMPOS DE ACOLHIDA PELO SENSÍVEL

A construção de ambiência, proposta neste trabalho, implica, antes de tudo, na compreensão do próprio termo aqui empregado. Se diz compreensão, pois ambiência envolve tantas variáveis que se torna difícil enquadrá-la num conceito limitado, preciso ou completo, ao passo que essa diversidade é o que a torna potente nas experimentações nos/dos tempo, espaços, cotidianos e ambientes, afirma Jean-Paul Thibaud (2010).

O papel da estética das ambiências consiste, então, em sugerir uma alternativa a essa forma de pensamento, mostrando como a ambiência tanto precede quanto é indissociável das propriedades materiais do meio ambiente e dos estados afetivos do sujeito sensível. A noção de ambiência restitui o lugar dos sentidos na experiência dos espaços vividos; [...]. (THIBAUD, 2010, p. 10).

Aqui se oferece a noção de ambiência a partir da experiência sensível (BARBIER¹⁷, 1998; PALLASMAA, 2011), situada sob a perspectiva estética e poética contempladas na linguagem da arte que, como nos ensinam Gilles Deleuze e Félix Gatarri (2010), tem o poder de causar atravessamentos e ou afetações únicas em cada ser.

A arte possui um poder singular de transcender as barreiras do material e despertar a sensibilidade nas pessoas que têm contato com ela. De acordo com a concepção de Deleuze e Guattari (2010), esse é o objetivo fundamental da arte, independentemente de suas diversas formas, métodos e características distintas. Através da expressão criativa, a arte permite que os sujeitos envolvidos sejam afetados e influenciados, promovendo uma transformação em seu estado atual. Seja na pintura, na escultura, na música, no teatro ou em qualquer outra manifestação artística, a capacidade de provocar uma transcendência é uma peculiaridade inerente

¹⁷ Compreendemos o sentido da escuta sensível a partir da perspectiva do sociólogo René Barbier (1998). Um fenômeno consciente do modo de ser, de ver e se relacionar com o outro de maneira ética, responsável e acolhedora. Tem a ver com alteridade, empatia e inclusão. Embora o termo escuta nos remeta imediatamente a uma ligação com a audição, não é somente por meio dela que se vive esse fenômeno. Diz respeito a abertura, suspensão de valores e interpretações, para a dinâmica das relações, da sensibilidade humana em que todos os demais sentidos que é próprio do humano estejam aflorados como o tato através do toque, o olfato, o palativo, o olhar, que julgamos mais implicado que a visão.

à arte, que pode proporcionar um profundo impacto emocional e intelectual naqueles que se permitem mergulhar nesse universo.

E nisso, Juhani Pallasmaa (2011, p. 11) concorda com Deleuze e Gatarri (2010) que “Ao experimentar a arte, ocorre um intercâmbio peculiar: eu empresto minhas emoções e associações ao espaço e o espaço me empresta a sua aura, a qual incita e emancipa minhas percepções e pensamentos”. Essa dinâmica reflexiva nos lembra e nos inspira em Thibaud (2010) quando ele diz que podemos aprender muito com o mundo da arte.

Em poucas palavras, não é nada menos do que passar de um saber contemplativo a um saber prático, que faz do conhecimento um campo de experimentação ao invés de representação. Ao colocar a experiência sensível no centro das questões do meio ambiente urbano, essa ecologia pragmática demanda uma prática experimental do saber e uma revalorização da criatividade do agir. (THIBAUD, 2010, p. 15).

Desse modo, situamos a artesanaria do crochê no contexto escolar como uma forma de resgatar valores humanos essenciais para o desenvolvimento global, não só pensando nos estudantes, mas também em toda comunidade que dela faz parte. O crochê é uma arte que carrega consigo tradições, saberes e técnicas ancestrais, transmitidas de geração em geração, e que pode oportunizar, de modo singular, a conexão com a história e a cultura de um povo. Essa troca de conhecimentos e experiências entre as gerações enriquece e possibilita contributivamente para o fortalecimento dos laços familiares e comunitários e o desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida pessoal e profissional. Ao introduzir o crochê no contexto escolar, estamos oferecendo uma abordagem holística à educação, que vai além do aprendizado acadêmico, o que torna o crochê um dispositivo poderoso de fomento à educação integral, promotora de um aprendizado não apenas técnico, mas também humano e cultural.

Propor um modo outro de educar fora dos padrões convencionais nada tem de ousado e utópico, muito pelo contrário, é valorizar e dar mérito à história humana, é trazer o que “está fora” para “dentro” e vice-versa como ato criativo e criador humano. É estreitar a dialogicidade entre as referências do formal e do informal. É incluir o que está excluído, marginalizado, inferiorizado, subjugado. Ora, o próprio discurso da

cultura hegemônica, que dita padrões, reconhece a diversidade cultural como produto humano, embora muito aquém da sua legitimidade.

Nesse diálogo, consideramos a (re)descoberta da arte popular, aqui materializada na artesanaria do crochê, como um *saberfazersentir* instituinte igualmente capaz de produzir e fortalecer o patrimônio cultural e humano. E não estamos sós nesse discurso, Carvalho (1998) antecede a ele, propondo este mesmo pensamento:

Nessa perspectiva, pensemos os fazeres têxteis artesanais, produtos das culturas populares, também como tempo e espaço para reflexões norteadoras de busca de significados, sobre os quais vai sendo erigida a compreensão das relações que correm no meio social de um grupo, bem como entre grupos. (CARVALHO, 1998, p. 36).

Desse modo, interessa-nos os potentes entrelaçamentos que o viver coletivo e que a artesanaria do crochê podem proporcionar. No sentido figurado, “viver em teias”, pode reverberar no processo de construção humana, que se dá também pela via do educar na dinâmica relação com o mundo, como defende Humberto Maturana (2002).

Nesse campo de experiência, falar em ambiência, neste trabalho, significa propor um *espaçostempos* para além de um lugar geometricamente marcado, mas também em condições físicas, sociais e psicológicas acolhedoras nos acontecimentos humanos, num cenário carregado de sentidos, simbologias, cores, texturas, memórias, partilhas, vivências. Significa abrir novos espaços de aprendizagem, além dos limites das salas de aula tradicionais; construir pontes entre a vida dentro e fora da escola, dentro e fora de cada indivíduo pertencente ao contexto educativo. Significa, ainda, construir nos processos educativos redes de relacionamento e teias de conhecimento, articulados estrategicamente para favorecer a ampliação da formação humana. De modo que o protagonismo, nesses territórios inovadores, é essencial. Seus integrantes não são mais meros receptores de conhecimento, mas se tornam ativos na busca e na criação de saberes. Ao pertencerem ao centro desse processo, eles desenvolvem habilidades para enfrentar as complexidades da sociedade contemporânea e se tornam agentes de mudança, contribuindo para a construção de um mundo mais inclusivo, justo e sustentável.

Maria Helena Bonilla (2002) chama esses *espaçostempos* outros de “territórios educativos”. Nessa concepção, a autora amplia a ideia de territórios educativos, não

limitando-os apenas ao geográfico, mas implicado com uma ambiência acolhedora e potente para o exercício e vivência da hominização, como também trazemos nesta proposta.

Nessa direção, Bonilla (2002) traz para o debate, no campo da educação, o viés da escuta das necessidades dos sujeitos da escola, defendendo a ideia de favorecer a abertura desses novos espaços educativos inovadores e em redes colaborativas, pois eles:

[...] potencializam a troca, a problematização, o estabelecimento de relações, a ressignificação de conceitos e temáticas, desencadeiam processos de produção e socialização de conhecimentos, de aproximação entre alunos e professores, possibilitam outras formas de comunicação, rompem com os programas fechados e com as barreiras que separam a escola do contexto externo, geram um movimento onde os territórios educativos se reconfiguram e os processos de aprendizagem se alargam, envolvendo todos os espaços e sujeitos da instituição. (BONILLA, 2002, p. 6).

Assim como Bonilla (2002), defendemos também um campo aberto à dialogicidade: para ouvir, para falar, para refletir, para perceber e ser percebido, compreender e ser compreendido. Um meio de aproximar mais sensivelmente as pessoas que, por um *espaçostempos* comum, compartilham vivências e experiências. Por isso, essa experiência envolve toda comunidade escolar, não só alunos, mas também professores, servidores administrativos, gestores, funcionários terceirizados, pois, assim como no legado deixado pelo educador Paulo Freire (1979), também acreditamos que a construção da educação é coletiva, se faz com e para as pessoas.

As experiências sensoriais se tornam integradas por meio do corpo, ou melhor, na própria constituição do corpo e no modo humano de ser. [...]. Nossos corpos e movimentos estão em constante interação com o ambiente; o mundo e a individualidade humana se redefinem um ao outro constantemente. A percepção do corpo e a imagem do mundo se tornam uma experiência existencial contínua; não há corpo separado de seu domicílio no espaço, não há espaço desvinculado da imagem inconsciente de nossa identidade pessoal perceptiva. (PALLASMAA, 2011 p. 38).

A escola é um lugar, por excelência, destinado à formação humana e é através dela, que pensamos semear possibilidades de melhoria no processo formativo humano. Um espaço outro, não amarrado à sala de aula e às suas rotinas padronizadas, mas entrelaçado a elas nas lacunas das vivências cotidianas.

Nessa discussão, Santos (2019) alerta que esforços isolados para mudanças nas práticas educativas são insuficientes para alcançar verdadeiramente a educação de forma global. Para o autor, os esforços também devem se valer de estratégias mais amplas e se concentrar na direção daquilo que desejam os demais sujeitos da educação, como os estudantes, por exemplo, como numa via de mão dupla. Para isso, dar vez e voz a esses e outros atores se faz essencial numa educação que caminha para o que se pretende como formação humana, uma formação para a vida.

Devemos reconhecer na contemporaneidade o papel da escola e a importância das práticas educativas, porém, temos que advogar por um espaço educacional que perceba o aluno em sua totalidade e não como um objeto, valorizando apenas a mecanização do movimento e as estratégias de ensino que adestram e manipulam o corpo no processo de aprendizagem, tornando-o dócil, silencioso e previsível. (SANTOS, 2019, p. 33).

Para promover uma educação verdadeiramente enriquecedora e relevante, é imperativo abandonar a complacência de seguir os mesmos caminhos de sempre. É necessário ousar, adotar novos modos de pensar e agir se quisermos construir uma educação mais aberta e colaborativa. Isso implica promover o diálogo, a cooperação e a construção conjunta do conhecimento, indo além da simples transmissão de informações. Uma educação verdadeiramente inovante se faz junto, reconhecendo a importância de ouvir e valorizar as diversas perspectivas dos alunos, dos professores e de toda comunidade escolar que, pensamos, se torna conhecida de fato, permeando suas realidades de modo sensível, acolhedor e humano, assim como sinalizara Maffesoli (1998).

A adoção de um olhar mais humano na educação, com a abertura da perspectiva da escuta sensível, coloca as pessoas no centro da educação, reconhecendo que o aprendizado vai além do acúmulo de informações e exige a compreensão das necessidades, experiências e emoções dos estudantes.

A perspectiva da ambiência acolhedora requer a formação de estruturas de pensamentos outros, mais afastadas da convencionalidade e mais próximas da subjetividade. Exige o afinamento da escuta, o despertar da sensibilidade, em todos os sentidos humanos, olfato, visão, paladar, audição, tato, intuição. É escutar para além dos ouvidos. É voltar para si mesmo e para o outro de corpo e espírito, despindo-

se de qualquer julgamento ou convicção; é estar atento aos sinais, aos gestos, à fala, ao silêncio. Essa perspectiva sensível de olhar para o outro é defendida por Barbier (1998), e é conhecida como "escuta sensível", que vai além do simples ato de ouvir e envolve a empatia, o respeito e a verdadeira conexão entre as pessoas.

Ao adotar a "escuta sensível", a escola oportuniza relacionamentos mais sólidos e significativos com sua comunidade, ouvindo atentamente suas preocupações, desejos e necessidades, criando um ambiente em que todos se sintam valorizados, compreendidos e pertencentes. O resultado é uma educação mais inclusiva e eficaz.

Ainda, na abordagem proposta por Barbier, a escuta sensível exige colocar a sensibilidade no olhar para lidar com as diversidades ao mesmo tempo que com as especificidades de cada um. Escutar pela sensibilidade corpos que falam, sentem e desejam, é ser escola com a perspectiva da corporeidade aprendente, como bem explica Wagner Wey Moreira (2003, p. 148),

Corporeidade é voltar para os sentidos para sentir a vida em: olhar o belo e respeitar o não tão belo; cheirar odor agradável e batalhar para não haver podridão; escutar palavras de incentivo, carinho, de odes ao encontro, e ao mesmo tempo buscar silenciar, ou pelo menos não gritar, nos momentos de exacerbação da racionalidade e do confronto; tocar tudo com o cuidado e a maneira de como gostaria de ser tocado; saborear temperos bem preparados, discernindo seus componentes sem a preocupação de isolá-los, remetendo a essa experiência a outros no sentido de tornar a vida mais saborosa e daí transformar sabor em saber.

Nas palavras de Pallasmaa (p. 61), “contemplamos, tocamos, ouvimos e medimos o mundo com toda nossa existência corporal, e o mundo que experimentamos se torna organizado e articulado em torno do centro de nosso corpo”, portanto, oferecer a esse corpo a ambiência de que necessita para tornar sua experiência formativa dentro do espaço escolar significativo é fundamental.

Assim, finalizando este capítulo, compreendemos que tão mais potente do que enquadrar a ambiência em um conceito, é refletir sobre o que ela pode oferecer de possibilidades múltiplas, nos mais variados contextos, quando aplicadas às experiências de vida no devir humano.

8 A PROPOSTA INTERVENTIVA

A proposta interventiva vem sendo pensada desde o início do mestrado, porém só veio a se consolidar após a construção dos dados. Embora o presente estudo nasça de inquietações pessoais da pesquisadora, entendemos que uma proposta como essa, que tem como fim atender uma comunidade acadêmica viva, pulsante, não poderia ser pensada solitariamente. Desse modo, fez-se imperioso que essa comunidade fosse consultada e fizesse parte ativa da construção da proposta da ação educativa interventiva.

Assim, a intenção da proposta foi debatida na fase de construção de dados junto à comunidade. Momento esse de trocas ricas de ideias e sugestões e, dessa forma, pudemos refletir e construir este projeto de intervenção. O resultado compreendeu a organização do projeto, que terá possibilidades de acontecer dentro de uma ação de extensão.

A extensão junto com o ensino e a pesquisa fazem parte dos pilares estratégicos e orientadores do Ifes, para o cumprimento de seu legado maior representado na sua missão, visão de futuro e valores, os quais se encontram registrados no PDI institucional para o período de 2019/2 a 2024/1 (IFES, 2019). Diz o PDI (IFES, 2019, p. 38):

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão pressupõe que cada uma dessas atividades, mesmo que realizadas em tempos e espaços distintos, tenham um eixo fundamental: constituir a função social da instituição de democratizar o saber e contribuir para a construção de uma sociedade ética e solidária.

A Orientação Normativa nº 01/2020, da Câmara de Extensão (Caex) do Ifes, define *Extensão* como “[...] um processo educativo, cultural, político, social, científico e tecnológico”, sendo a ação de extensão um “conjunto de atividades organizadas nas seguintes modalidades: programa, projeto, curso, evento ou prestação de serviço.” (IFES/CAEX, 2020, p. 2). Ainda segundo a normativa, um projeto de extensão compreende,

[...] o conjunto de ações processuais contínuas, de caráter educativo, social, cultural ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado,

desenvolvido de forma sistematizada e com período de vigência igual ou superior a 3 (três) meses ou igual ou inferior a 36 meses.

Desse modo, a presente ação de extensão, proposta no formato de um projeto, coaduna com as orientações legais internas do Ifes e converge diretamente com sua responsabilidade de promover uma sociedade mais justa, ética, cidadã e democrática, conforme trazem os citados documentos institucionais, contribuindo assim [...] para o desenvolvimento da sociedade constituindo um vínculo que estabeleça troca de saberes, conhecimentos e experiências para a constante avaliação e revitalização da pesquisa e do ensino [...]” (IFES, 2019, p. 90).

A proposta do projeto de extensão configura-se na abertura de espaçostempos outros, no âmbito do Ifes campus São Mateus. Ao contemplar a formação humana dentro da instituição, entrelaçada com a prática da arte do crochê e de seus significados, cores, texturas, lembranças e compartilhamento de experiências, o projeto oferece aos seus participantes mais do que simplesmente a aprendizagem dessa habilidade manual. Ele também proporciona oportunidades para se envolver em teias de vida coletiva e cotidiana, seguindo o tripé do saber, do fazer e do sentir.

Nesse contexto, o projeto não se limita a ser um curso de crochê, mas sim um espaço de encontro e interação. Os praticantes não apenas poderão aprender a técnica, mas também compartilhar histórias e memórias, criando laços e fortalecendo sua identidade cultural. O ato de crochê, com suas simbologias e cores, torna-se uma forma de expressão pessoal e coletiva, promovendo um ambiente acolhedor e inclusivo.

Assim, o projeto de extensão vai para muito além do ensino e da prática de uma habilidade manual. Ele se torna um veículo para enriquecer a formação humana, oferecendo a oportunidade de aprender, criar, compartilhar e sentir, conectando os participantes de maneira significativa e promovendo uma comunidade mais forte e unida dentro do Ifes Campus São Mateus.

Desse modo, não se pretende, à primeira hora, criar um lugar geometricamente demarcado, mas sim criar diversas oportunidades de espaçostempos enredados em

ambiências acolhedoras, inclusivas e que possibilitem o exercício da escuta sensível dos acontecimentos humanos.

Dessa maneira, nosso objeto de intervenção caracteriza-se por um *espaçotemp* itinerante, pois concebemos todos os espaços do Ifes como potenciais espaços aprendentes, capazes de se transformarem em ambientes de descoberta e aprendizado. Ele também é polissêmico, pois buscamos abrir esses espaços para uma multiplicidade de significações e possibilidades, reconhecendo que o conhecimento pode emergir de diversas fontes e perspectivas. Além disso, promovemos uma abordagem interativa, que valoriza as vivências e experimentações coletivas, incentivando a colaboração e a troca de experiências entre os membros da comunidade acadêmica. Por fim, nossa abordagem é rizomática, pois entendemos o ambiente acadêmico como um campo fértil para construções e intervenções contínuas, onde as conexões entre ideias e pessoas se entrelaçam de forma dinâmica, promovendo um constante florescimento de conhecimento e criatividade.

Esses *espaçotemp*s que pretendemos criar são oportunidades diversas e que se complementam. A marca do saberfazer sentir crochê terá espaços fixos e itinerantes com atividades mobilizadoras pontuais. A ideia é criar oportunidades para que todo o campus e seus praticantes possam criar e recriar a partir dessa artesanaria. Desse modo, pensamos, durante as fases do projeto de extensão, algumas estratégias para criar ambiências lúdicas como:

1- Deixar em alguns locais do campus pequenos balaies de crochê com um convite para que as pessoas se atrevam a mexer, praticar, conhecer a artesanaria. Seriam pequenos espaços ajeitados com um balaio contendo linhas, agulhas, receitas, pequenas peças ilustrativas para manuseio, com a presença de móveis, quadrinhos de parede ou porta-retratos com imagens dessa artesanaria, murais, paredes e árvores, que deixem indícios de sua presença no espaço do campus, incluindo também codes com a indicação do site do projeto. A ideia é a construção de instalações de diferentes portes, que além de deixarem a marca do crochê pelo campus, convidem à interatividade dos praticantes;

2- Criação, com a comunidade, de um espaço instagramável que represente as características da comunidade e sua relação com a artesanaria. Pode ser com a

confeção de peças com material em escala, como fios mais grossos como cordas, tiras de tecido, etc.

3- Criação de site do projeto com links para algumas redes sociais de divulgação de todo material produzido longitudinalmente. Espaço também interativo para que as pessoas possam deixar comentários e opiniões.

4- Realização de atividades programadas, a exemplo de datas comemorativas ou relacionadas a campanhas temáticas, como por exemplo: aniversário da escola, estações do ano, dia do estudante, funcionários públicos, setembro amarelo, outubro rosa, agosto lilás, etc.

5- Promover atividades que congreguem a comunidade externa para participar de atividades que envolvam oficinas e performances artísticas e culturais.

6- Estimular a produção de registros audiovisuais, durante o projeto de extensão, e que estimule a sustentabilidade da proposta em diversas áreas, não se limitando a essa iniciativa.

7- Produção de roteiros e pequenos vídeos tendo como temática o crochê, explorando desde a técnica, os materiais, as histórias e depoimentos de quem faz a artesanaria, etc., até explorando outras criações que envolvam a poética.

8- A partir dos registros sistemáticos dos pesquisadores envolvidos, e dos rastros deixados pelos usuários nas redes do projeto e em demais produções, escrever artigos e compartilhar a experiência.

9- Também promover conversas com professores que têm interesse em utilizar essa temática para desenvolver inovação, como propor estudo de produção de fios através da reciclagem de plástico, tecido, ou mesmo a produção a partir de alguma fibra vegetal da região; atividade de educação artística com produções audiovisuais através da exploração ilimitada, desde elementos como linha, ponto, textura, cores, performances, etc.

10- Organizar mutirões de solidariedade, onde os participantes podem desenvolver produtos de crochê cuja destinação final será uma ação beneficente. A escolha das entidades sem fins lucrativos da região fica à escolha dos participantes, que podem ser asilos, orfanatos, escolas públicas de comunidades carentes, hospitais públicos, que atendem crianças ou adultos em tratamento oncológico ou recém-nascidos prematuros, ou ainda, casas de passagem de crianças vítimas de violências, ou outros. A produção de peças pode ser feita para doação ou para arrecadação de

verba destinada aos fins beneficentes, ou outra forma de destinação do que for produzido a consenso dos participantes da ação.

11- Outra ação é sair do Instituto e fazer o dia do balaio de crochê fora do Ifes, levando essa artesanaria de uma maneira lúdica para diferentes espaços e não apenas utilizando o crochê como um donativo assistencial. Compartilhar essa artesanaria na lógica da sensibilidade, da escuta do *sentirfazerpensar* com o outro.

A princípio, o projeto de extensão será intitulado “AMBIÊNCIA FORMATIVA BALAIO DO CROCHÊ”, cujo público-alvo compreende comunidade externa do Ifes via momentos de itinerância e pode compreender as escolas da rede pública do entorno, associações comunitárias, instituições de cuidados a crianças, idosos e mulheres, etc., bem como a comunidade do Ifes campus São Mateus incluindo os seus servidores docentes e técnicos administrativos, estudantes, estagiários, bolsistas e funcionários terceirizados. Para efeitos de formalização, os participantes devem se inscrever para participar do projeto, que poderá ser a qualquer momento de execução da ação. Não haverá limites de vagas para inscrição. O que colabora para termos parâmetros e indicativos da aderência a cada atividade proposta e justificativa de sua possível continuidade.

Para dar conta desta proposta, seguiremos a seguinte dinâmica:

Primeiro, será composta uma equipe que auxiliará na execução da proposta, formada por um coordenador, um estudante de curso técnico, um estudante de curso superior, um docente e dois Técnicos em Administração. Essa equipe ficará responsável pela organização dos encontros entre os participantes e do local para cada atividade, bem como pela guarda dos materiais de uso coletivo e principalmente pelo acompanhamento quanto ao andamento do projeto, registros, publicação em redes sociais, encaminhamentos e auxílio nas decisões que serão compartilhadas entre a equipe e participantes

Para fortalecer a visibilidade e a participação em nosso projeto, adotamos uma estratégia de comunicação abrangente. Utilizaremos instalações, móveis, cartazes e material de divulgação em locais estratégicos do campus, como os corredores das principais edificações e áreas de grande circulação, convidando a comunidade a se

envolver e lembrando constantemente da importância do projeto. Além disso, ocuparemos os espaços virtuais, marcando presença nos sítios da internet do Ifes e em diversas redes sociais. Através dessas plataformas digitais, conseguiremos alcançar um público ainda mais amplo, compartilhando informações, atualizações e eventos relacionados ao projeto, e facilitando a interação e o engajamento da comunidade acadêmica e interessados externos. Dessa forma, será promovida uma comunicação integrada, que conecta o mundo físico ao virtual, assegurando que nosso projeto seja conhecido e acessível a todos que desejam participar ou acompanhar suas atividades e iniciativas.

A proposta é que o projeto se desenvolva ao longo de 18 meses. Durante esse período, serão implementadas suas diversas fases e atividades, culminando em um momento de avaliação institucional e também pela comunidade do Ifes, podendo ser através de formulário on-line, disponibilizado através de codes, nos momentos de realização de atividades pontuais, ou próximo a áreas de divulgação deste. A intenção é que, à medida que o projeto se desenvolva e amadureça, ele se torne um programa de extensão permanente na instituição. A transição para um programa de extensão permanente representa um marco importante, pois evidencia o impacto positivo e a relevância contínua das iniciativas do projeto para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, além de poder agregar em seu seio ações outras de extensão com finalidades convergentes e contributivas. Isso poderá assegurar que suas ações perdurem além do período inicial, garantindo que suas iniciativas continuem a beneficiar a comunidade acadêmica e a sociedade em geral de forma duradoura e significativa.

Os encontros do projeto estão planejados para ocorrer uma vez por semana, trazendo uma ação mobilizadora, que poderá ser uma performance, a chamada para uma roda de crochê, um bate-papo com artesãs, ocupando os *espaçostempos* do Ifes, como pátios, refeitórios, corredores, salas de espera, ou em atividades externas, junto à comunidade. Nesses encontros, um elemento essencial é o balaio de crochê, que será trazido com linhas, agulhas, amostras, gráficos, criatividade, solidariedade e uma profusão de aprendizagens humanas, todas meticulosamente tecidas no seio dessas reuniões.

Além disso, alguns desses balaios serão levados também aos setores com intuito de incentivar e mobilizar os servidores, permitindo que eles também interajam com o projeto. Esta ação pode ser realizada através de doações, já que um mutirão do crochê promove não apenas a prática da arte, mas também a colaboração e o senso de comunidade e pertencimento entre os diversos setores do Ifes. Assim, pensamos que os encontros não apenas promovem a criação de peças de crochê, mas também fortalecem os laços sociais e a solidariedade dentro da instituição.

Em relação aos custos do projeto de extensão, inicialmente, a equipe executora assumirá a responsabilidade financeira, bem como a buscará participação em editais de fomento para esse fim, ou de projetos culturais aos quais poderá estar integrado, além de buscar fortalecer a participação da comunidade do Ifes, solicitando doações de materiais necessários para o desenvolvimento das atividades.

Acreditamos que, por meio desse esforço conjunto, poderemos garantir a continuidade e a viabilidade financeira do projeto, permitindo que ele se expanda e alcance seus objetivos de forma sustentável, ao mesmo tempo em que fortalece os laços de colaboração e engajamento na comunidade acadêmica.

Este projeto está desenhado para ser uma iniciativa inclusiva e aberta à participação externa, buscando ativamente estabelecer conexões e parcerias com a comunidade circundante. Uma maneira de alcançar esse objetivo é através da realização de feiras, cursos e eventos abertos à comunidade, rodas de crochê em entidades, como associações comunitárias, associações de bairro, espaços de cuidado, escolas, que contribuam não apenas para divulgar o projeto, mas também ofereça oportunidades para a troca de conhecimentos e experiências.

Por exemplo, podemos considerar a integração com eventos já existentes no Ifes, como a "Semana de educação para a vida" ou a "Feira de Ciências, a Fecinc", ou ainda, a "Jornada da Integração do Ifes", que envolve todos os campi do instituto. Durante a "Semana de educação para a vida", nosso projeto poderia oferecer workshops relacionados ao crochê e bem-estar, demonstrando como a prática do crochê pode contribuir para a saúde mental e o relaxamento. Da mesma forma,

durante a "Feira de Ciências, a Fecinc", poderíamos destacar a importância do artesanato sustentável e despertar a conscientização pela utilização de materiais reaproveitados ou reciclados em nossas criações, além de promover rodas de fazer crochê que valorizem a troca intergeracional; a cultura oral e saberes populares; o estar juntos *pensandofazendocriado*, etc.

Além disso, ao envolver a comunidade externa, podemos enriquecer ainda mais o projeto, incorporando diferentes perspectivas e habilidades. Isso poderia incluir parcerias com artesãos locais, artistas e especialistas em áreas relacionadas, que poderiam ministrar cursos ou workshops específicos. Um dos aspectos do projeto é que ele possa contribuir para a produção de registros através de vídeos depoimentos, entrevistas, gravações de áudio, fotografias, de todo conteúdo granular ou não que depois possa ser editado e remixado ampliando o registro dos modos de ser, fazer cotidiano que envolve os praticantes envolvidos com a artesanaria do crochê. Ao fazer isso, não só promoveríamos a sustentabilidade e a criatividade, mas também o fortalecimento dos laços entre o Ifes e a comunidade circundante, contribuindo para um ambiente de aprendizado mais aberto e colaborativo.

O registro e a produção de conteúdos, durante a execução desse projeto, podem contribuir imensamente para a preservação da memória e valorização do patrimônio local, como trazer um 'frescor' aos desafios da formação dos estudantes, colocando desafios para todas as áreas no campo da produção de conteúdos, que passam pela arte, comunicação, linguagens, exatas, inovação, etc. Trabalhar com conteúdos extraídos da realidade onde estão inseridos nossos estudantes, problematizá-los, tratar saberes do cotidiano e produzir ciência pode trazer novo vigor para dentro da escola, em tempos como os nossos em que as políticas públicas, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e testes padronizados em larga escala tornam os currículos sem sentido e significado para seus professores e estudantes.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou a compreensão de que o crochê, para além de um fazer, representa muitas outras significações. Significados, muitas vezes, guardados na memória afetiva e que afloram nos momentos de novas vivências com a artesanaria. Essa constatação ficou clara não só nas falas orais, mas também e, principalmente, nas expressões corporais. O modo como falavam, os olhares, os sorrisos, a emoção, os desejos. Isso mostra o quanto o crochê está enredado na vida dessas pessoas e o quanto elas o significam.

Esse achado vem ao encontro das nossas suspeitas iniciais de que a artesanaria do crochê tem um grande potencial de atravessamentos e afetação, sustentado pelos aspectos socioculturais intrínsecos a ela, podendo reverberar construtivamente nos relacionamentos sociais, no cuidado mental, psicológico e cognitivo, embora esse último não estivesse entre nossas principais intenções de investigação, mas que foi lembrado pelos praticantes da pesquisa.

O cuidado psicológico e mental foram pontos que apareceram com evidência na pesquisa, corroborando com nossas proposições iniciais. Assim, no nosso entendimento, as questões relativas ao estresse, à ansiedade e à depressão têm grande potencial de serem amenizadas com a prática coletiva da artesanaria do crochê. Desse modo, assim como os praticantes da pesquisa expressaram, pensamos que o crochê é uma atividade que envolve concentração, repetição, técnica, memória, beleza e criatividade, fatores que ajudam no deslocamento do pensamento e do sentimento opressor para outro estado de corpo e espírito menos aflitos. Por isso, consideramos que corpo e mente são afetados mutuamente. Também como um pretexto que reúne pessoas de diferentes setores do campus para compartilharem uma mesma ambiência, para desenvolverem a artesanaria, conversarem, estarem juntos, realizarem algo em comum.

Outro ponto importante está ligado à questão de gênero ou etarismo em torno da artesanaria do crochê, embora a pesquisa não se concentrasse nesse aspecto, pudemos captar pistas nas falas de que na comunidade Ifes encontra-se germinada a ideia de desconstrução desses paradigmas. Consideramos essa informação

importante, pois, embora não tenha sido provocado, esse tema foi levantado nas discussões e ele indica que a comunidade vem desenvolvendo sensibilidade em torno da diversidade. Essa leitura também é feita quando os praticantes consideram este estudo relevante para o campo da educação. Isso pode demonstrar a receptividade da comunidade Ifes com temáticas que discutem modelos outros de educação, mais voltados para a formação e para a vida.

A pesquisa realizada possibilitou uma imersão em diversos campos de conhecimento interconectados, criando uma perspectiva única dentro do contexto educacional do Ifes campus São Mateus. Ficou claro para nós a necessidade de se construir *espaçotempos* que promovam sociabilidades éticas, estéticas, democráticas, cidadãs e saudáveis dentro do campus, envolvendo uma ampla gama de sujeitos sociais. A habilidade de trabalhar com fios e linhas na arte do crochê emerge como um componente essencial para uma formação, que vai além da mera aquisição de conhecimento, centrando-se no desenvolvimento pleno e humano dos indivíduos.

No entanto, é importante notar que, embora tenhamos explorado diversas áreas de conhecimento ao longo da pesquisa, nossa intenção nunca foi esgotar completamente essa rica temática. O crochê, como forma de artesanato, está intrinsecamente ligado a múltiplas fontes de saber, fazer e sentir. Portanto, a pesquisa não visa a um fim definitivo, mas sim a abrir portas para inspiração e contribuição de futuros estudos. Esperamos que nosso trabalho possa servir como um ponto de partida para o desenvolvimento de novas pesquisas e enriquecer ainda mais a compreensão do crochê no contexto educacional e além.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Verônica Domingues; SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. **Tessituras curriculares inovantes de um mestrado profissional em educação**. Revista e-Curriculum, São Paulo, v.19, n.2, p. 938-960, abr/jun 2021. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/49448/35613>>. Acesso: 15 jul. 2022.

ALVES, Nilda. **A aula: redes de práticas – os processos cotidianos de ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação/UERJ, 2000. (tese de titular)

ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas**. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (org.). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-38.

ALVES, Nilda. **Cultura e cotidiano escolar**. Revista Brasileira de Educação, nº 23, maio/ago, 2003a. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/drzj7WstvQxKy7t5GssT4mk/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

ALVES, Nilda. **Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos**. Revista Teias. Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, jan/dez 2003b.

ARROYO, M. G. **O direito a tempos-espacos de um justo e digno viver**. In MOLL, Jaqueline. et al. Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espacos educativos. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 33-45.

ARROYO, Miguel. **Conceito de educação Integral**. Canal do Youtube: Centro de Referencias em educação Integral. Vídeo (2min16seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SzqmiJLxmbc>>. Acesso em 5 mar. 2022.

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. In: Joaquim Gonçalves Barbosa (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. Tradução de Sidney Barbosa. São Carlos: EdUFSCar, 1998, p. 169-199.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 255p.

BENEDIDUS, Spinoza, de. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BONILLA, Maria Helena Silveira. **Escola aprendente**: desafios e possibilidades postos no contexto da sociedade do conhecimento. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da

Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2002. Disponível em:
<<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11704>. Acesso em 21 set. 2022>.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007.
BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

CARVALHO, Sandra Helena Escouto de. **Porque os doutores possuem em suas cozinhas panos de prato adornados com pontilhas de crochê...** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria/RS.1998.
Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/25682>. Acesso em: 12 set. 2022.

CASTRO, Paulo Alexandre e. **Da mão como técnica ao pensamento técnico da mão**. Filosofia Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. 20, 2003, p. 107-114. Disponível em:
<<https://ojs.letras.up.pt/index.php/filosofia/article/view/463/455>. Acesso: 16 out. 2023>.

CROCHET CORAL REEF. **Recife de corais de crochê um híbrido natureza-cultura em constante evolução**. Disponível em: <<https://crochetcoralreef.org/>>. Acesso em 23 ago. 2022.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza**. Trad. Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: Filosofia Prática**. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal LINS. SÃO PAULO: ESCUTA, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. Traduzido pelo coletivo GT Deleuze. ORLANDI, Luiz B. L. (Coord.). Editora: 34, 1ª edição, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: Editora 34; ed. 3, 2010.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. Em DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Eds.). **O Planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

ESPINOSA, B. *Ética*. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FAGUNDES, Norma Carapiá; BURNHAM, Teresinha Fróes. **Transdisciplinaridade, Multirreferencialidade e Currículo**. Revista da FAGED, 2001. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/1386/1/2013>>.pdf. Acesso em 3 mai. 2023.

FELIX, Jaciara da Costa Rodrigues. **Crochê e educação: uma proposta pedagógica prática para transdisciplinaridade no Ifes Campus São Mateus**. Monografia

(Especialização em Práticas Pedagógicas). Instituto Federal do Espírito Santo, 2022. 52f. Disponível em: <<https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/2067>>. Acesso em: 30 jul. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalheite. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **A educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

GADOTTI, Moacir. **Educação Integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GALEFFI, Dante Augusto. **O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave Transdisciplinar**. In.: GALEFFI Dante; MACEDO Roberto S.; PIMENTEL Álamo. **Um rigor outro: Sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 13-73

IMPACTOS sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia. Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 2021. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/yJT28>>. Acesso em 01 set. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Estatuto do Ifes**. Vitória, ES, 2009. Disponível em: <https://www.ifes.edu.br/images/stories/Estatuto_ifes.pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Plano de Desenvolvimento Institucional**. Vitória, ES, 2019. Disponível em: <https://www.ifes.edu.br/images/stories/Res_CS_48_2019_-_PDI_-_Anexo.pdf>. Acesso em: 25 set. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Mecânica**. São Mateus, ES, 2018. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/jlxEH>>. Acesso em: 25 set. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Eletrotécnica**. São Mateus, ES, 2013. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/aHKQ8>>. Acesso em: 25 set. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Orientação Normativa CAEX 01-2020**, Vitória, ES, 2020. Disponível em: <<https://proex.ifes.edu.br/orientacoes-normativas>>. Acesso: 30 jun. 2023.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. IN: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.

LAFUENTE, Antonio. Elogio do artesanato. Outras Palavras, São Paulo, publicado em 24 ago 2023. Disponível em: <https://outraspalavras.net/poeticas/o-elogio-do-artesanato/>. Acesso: 01 out 2023.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução de: Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEMES, Bianca Xavier. **O “saber-fazer” do crochê: valores do artífice e do patrimônio imaterial**. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MMMD-AUVGCE>. Acesso em 13 out. 2021.

LEMES, Bianca Xavier; PEREIRA, Andréa Franco. **Tecer e empoderar: as entrelinhas do saber-fazer do crochê de um grupo de mulheres artesãs**. Revista Multitemas, Campo Grande, MS, v. 25, n. 59, p. 169-190, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://multitemasucdb.emnuvens.com.br/multitemas/article/view/2704/1881>>. Acesso em 11 de out. 2021.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Outras luzes: um rigor intercrítico para uma Etnopesquisa política**. In.: GALEFFI Dante; MACEDO Roberto S.; PIMENTEL Álamo. **Um rigor outro: Sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 75-126.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.

MATTOS, Laura. Pesquisa aponta aumento de tristeza e ansiedade entre jovens na pandemia. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 de agosto de 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/dopyG>>. Acesso em: 16 out. 2023.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Trad. José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. 98 p.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da Pesquisa Social. In: Pesquisa Social: Teoria, Método e criatividade. Organizadora: Maria Cecília de Sousa Minayo. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 9-29.

MOLL, Jaqueline (Org.). **Educação integral: texto referência para o debate nacional**. Brasília: MEC/Secad, 2009. (Série Mais Educação). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cadfinal_educ_integral.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2022.

MOREIRA, Wagner Wey. **Croniquetas: um retrato 3x4**. Piracicaba: Gráfica UNIMEP, 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, 2000.

MOURÃO, Nadja Maria; OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro. **Memória do crochê: cultura afetiva em objetos biográficos**. Revista de Ensino em Artes, moda e design. Memória, 2021, v. 5 n. 2, ISSN 2594-4630, p. 69 – 88. Disponível em: <<https://periodicos.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/19746/12999>>. Acesso em 15 jan. 2022.

MULHERES DO JEQUITINHONHA. Seção “Sobre”. Página do Facebook: @mulheresdojequitinhonha. Disponível em: <https://www.facebook.com/mulheresdojequitinhonha/?ref=page_internal>. Acesso em: 29 ago. 2022.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Educação: da disrupção à recuperação**. Disponível em: <<https://www.unesco.org/en/covid-19/education-response>>. Acesso em 02 abr. 2022.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PLATAFORMA NILO PEÇANHA. **Sinopse Estatística da Educação Básica**. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/pnp>>. Acesso em: 03 set. 2022.

PRETTO, Nelson De Luca; SENA, Ivânia Paula Freitas de Souza; BONILLA, Maria Helena Silveira. **Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19**. (Org.): PRETTO, Nelson De Luca; SENA, Ivânia Paula Freitas de Souza; BONILLA, Maria Helena Silveira. Salvador: Edição do autor, 2020, p. 1-20.

PROFESSORA vence o câncer e faz bonecas para doar a crianças com a doença no ES. Canal G1. Disponível em: <<https://acesse.one/bszqR>>. Acesso em: 8 out. 2023.

QUADRADINHOS de amor, conheça um projeto social de aquecer o coração. Programa Mais Caminhos – EPTV. Disponível em: <<https://l1nk.dev/1fgqx>>. Acesso em: 8 out. 2023.

QUE CENA! Campeão olímpico nos saltos assiste apresentação de colegas se distraíndo fazendo tricô. Portal SPN Brasil. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/wHKPS>>. Acesso: 26 ago. 2022.

RIBEIRO, Olzeni Leite Costa. **Complexidade e Criatividade: um olhar transdisciplinar**. Orientadora: Dr.^a Maria Cândida Moraes. 300f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Senso em Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<https://bdttd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/674>>. Acesso em 15 set. 2021.

SANTOS, José Carlos dos. **A corporeidade criança vai à escola?** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba, 2019. Disponível em <<https://encurtador.com.br/DEV45>>. Acesso em: 21 set. 2022.

SÃO MATEUS. Prefeitura Municipal. Guia “A Cidade”, seleção “Perfil da Cidade”. São Mateus, c2023. Disponível em: <<http://www.saomateus.es.gov.br/sao-mateus/perfil-da-cidade>>. Acesso em 26 ago. 2022.

SILVA, Leonardo Nolasco; SOARES, Conceição Soares. **Pesquisas nos/dos/com os cotidianos:** como pensamos os projetos, os sujeitos e as experiências em educação. Caderno Eletrônico de Ciências Sociais, Vitória, v. 3, n. 2, pp. 176-188. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/cadecs/article/view/13663/10154>>. Acesso: 02 fev. 2023.

SUETH, José Candido Rifan et al. **A Trajetória de 100 anos dos eternos titãs: da Escola de Aprendizes Artífices ao Instituto Federal.** Vitória, ES: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, 2009. 176 p.

THIBAUD, Jean-Paul. A cidade através dos sentidos. **Cadernos PROARQ**, n. 18, 2010a. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/bprGN>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

THIBAUD, Jean-Paul. **O dever ambiente do mundo urbano.** [S. l.: s. n.], 2012b. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/gmtFJ>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Projeto da Ufes incentiva a prática do crochê para reduzir estresse acadêmico.** Disponível em: <<https://encurtador.com.br/eqEOX>>. Acesso em 29 ago. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Projeto Crochetando Arte e Doando Afeto inicia oficinas gratuitas nesta quarta, 14.** Disponível em: <<https://acesse.dev/qVG1i>>. Acesso em 29 jun. 2023.

VIANA, Cláudio Pires. **O educador:** angústia e liberdade – uma leitura ontológica, fenomenológica e existencialista do sentido de ser educador em tempo de mal-estar docente. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2008. Disponível em: <<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/6/o/Dissert-%20Claudio%20Viana.pdf>>. Acesso em 15 set. 2021.

VINTE e seis alunos de escola estadual passam mal e Samu diz que eles tiveram 'crise de ansiedade'. Portal de notícias. Disponível em: <<https://l1nk.dev/mPZW8>>. Acesso em 15 set. 2022.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa.** 2. ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração. Curso de Graduação em Administração, modalidade a Distância UFSC, 2013.

APÊNDICE A

ROTEIRO DA DINÂMICA DA PESQUISA DE CAMPO

1º Momento: Acolhida no ambiente. Apresentação da pesquisa. Exploração livre do local e do material (balaio de costuras, cordel de citações, peças confeccionadas de crochê).

2º Momento (em concomitância com o primeiro momento): Os praticantes são provocados a expor suas impressões, memórias e perspectivas através das questões que seguem, conforme as oportunidades e espaços deixados pelos participantes:

- a) Você conhece a artesanaria o crochê?
- b) Você já praticou essa artesanaria? Quem ensinou? Com que idade? Foi fácil aprender? Você costuma praticar e com que frequência? Conte um pouco dessa história.
- c) Você gostaria de aprender a fazer crochê? Que interesses te despertam o fazer crochê?
- d) Você conhece alguém que pratica? Conhece algum projeto que trabalha a prática do crochê?
- e) O que te despertou atenção neste local?
- f) O que você pensa sobre a prática da artesanaria do crochê entre os jovens?
- g) O que mais gosta de fazer no Ifes? Quais são os teus espaços preferidos no Ifes? E as tuas atividades preferidas no Ifes?
- h) O que o Ifes representa para você? E quem ou o que te representa no Ifes?
- i) Você se sente livre e confortável para falar sobre qualquer assunto no Ifes, expressar seus sentimentos e opiniões? Ou quando você enfrenta alguma dificuldade dentro do Ifes você sabe a quem recorrer? O que você faz?
- j) Seria bom encontrar com outras pessoas para fazer algo voluntariado pelo próximo, como colchas de cobrir com os quadradinhos do amor para idosos, que moram em asilos; ou polvos para recém-nascidos prematuros; ou bonecas para doação para

crianças em tratamento de câncer, por exemplo? Ou simplesmente como ponto de encontro e entretenimento com outras pessoas?

k) Qual sugestão você dá para este lugar se tornar um local de encontros no Ifes? Ou você acha que esse local pode contribuir de alguma forma para a vivência das pessoas dessa comunidade?

l) Você gostaria de participar de uma atividade em um ateliê de crochê dentro do Ifes para conhecer um pouco dessa artesanaria?

3º Momento: Convidar os participantes a fazer uma experiência com a prática do crochê.